

DÉBORA PEREIRA VITAL



MEMÓRIAS DE ENGENHO

UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE SUAS
EDIFICAÇÕES E AS PRÁTICAS COTIDIANAS
NA REGIÃO DA LAGOA MANGUABA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO
MESTRADO EM DINÂMICAS DO ESPAÇO HABITADO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**Memórias de engenho: uma investigação sobre suas edificações e as práticas
cotidianas na região da lagoa Manguaba**

Débora Pereira Vital

Maceió - Alagoas
2013

DÉBORA PEREIRA VITAL

Memórias de engenho: uma investigação sobre suas edificações e as práticas cotidianas na região da lagoa Manguaba

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas como requisito final para a obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Profa. Dra. Maria Angélica da Silva

Maceió - Alagoas
2013

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecário Responsável: Dilma Maria dos Santos Cunha

V836m Vital, Débora Pereira.

Memórias de engenho : uma investigação sobre suas edificações e as práticas cotidianas na região da lagoa Manguaba / Débora Pereira Vital. – 2014.

150 f. : il.

Orientadora: Maria Angélica da Silva.

Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Alagoas. Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Maceió, 2014.

Bibliografia: f. 148-150.

1. Engenhos de açúcar. 2. Patrimônio cultural. 3. Memória coletiva.
I. Título.

CDU: 725



Ata da 98ª (nonagésima oitava) Sessão Pública de Defesa de Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo, área de concentração em Dinâmicas do Espaço Habitado (DEHA), do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas.

Aos trinta e um dias do mês de outubro do ano de dois mil e treze, às dez horas, na sala de aulas do DEHA/UFAL, reuniu-se conforme a Resolução nº. 96/94-CEPE/UFAL, que regulamenta os Programas de Pós-Graduação “stricto sensu” da UFAL, a Banca Examinadora homologada pelo Colegiado do Mestrado e composta pelos Professores Doutores **Maria Angélica da Silva** (UFAL), orientadora da candidata e Presidente da Banca Examinadora, **Beatriz Maria Alasia de Heredia** (Universidade Federal do Rio de Janeiro), na qualidade de Examinadora Externa, **Josemary Omena Passos Ferrare** (UFAL) e **Augusto Aragão de Albuquerque** (UFAL), na qualidade de Membros Titulares, para julgamento da Dissertação de Mestrado de **Débora Pereira Vital**, sob o título “**Memórias de engenho: Uma investigação sobre suas edificações e as práticas cotidianas na região da Lagoa Manguaba**”. A Sessão Pública foi aberta pela orientadora da candidata, Profa. Dra. Maria Angélica da Silva, que fez a apresentação da candidata a mestre e dos demais membros da Banca Examinadora; em seguida, iniciou a sessão concedendo a palavra à candidata a mestre para a apresentação do seu trabalho de conclusão do mestrado. Concluída a exposição, a Presidente da Sessão, convidou a Profa. Dra. BEATRIZ MARIA ALASIA DE HEREDIA para iniciar os comentários e arguições, sendo depois seguido pelos Professores Doutores JOSEMARY OMENA PASSOS FERRARE e AUGUSTO ARAGÃO DE ALBUQUERQUE. Por fim, a Profa. MARIA ANGÉLICA DA SILVA teceu seus comentários como orientadora da candidata. Concluídas as arguições e comentários dos examinadores, a palavra foi concedida à candidata a mestre para suas réplicas. Concluída a fase das arguições, a Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta para avaliar o trabalho apresentado pela candidata, deliberando pela **APROVAÇÃO** da mestranda, conforme o Artigo 37º do Regimento do DEHA/UFAL. Nada mais havendo a tratar lavrou-se a presente ata que depois de lida e aprovada será assinada pelos membros da Banca Examinadora. Maceió, trinta e um de outubro de dois mil e treze.

Maria Angélica da Silva
Beatriz Maria Alasia de Heredia
Josemary Omena Passos Ferrare
Augusto Aragão de Albuquerque

Profª Dra. Maria Angélica da Silva
Coordenadora do Programa de
Pós Graduação em Arquitetura e
Urbanismo, Líder do Grupo de
Pesquisa Estudos de Paisagem
Universidade Federal de Alagoas
MAT. SIAB 1120578

Conferimos a autenticidade
18/12/2014
Maria Angélica da Silva

AGRADECIMENTOS

Produzir esta dissertação constituiu um momento enorme no meu desenvolvimento acadêmico, principalmente porque quando se defende uma ideia científica é necessário demonstrar sua relevância, justificando-a para a comunidade. Desta forma, não se pode realizar um trabalho desta natureza sem o reconhecimento das pessoas que incentivaram e contribuíram para o avanço deste passo.

Primeiramente, gostaria de agradecer à minha mãe, que tem sido um exemplo de como suceder diante das dificuldades e dos obstáculos. Ela que em sua autonomia diante de uma máquina de costura, tem doutorado no assunto. A partir do seu exercício e cansaço diários, tem se comportado como meu espelho moral e ético. À minha querida e única irmã que tem acompanhado minha trajetória e me apoiado em todas as escolhas, sejam elas pessoais ou profissionais. Danielle, a você que merece o melhor que a vida tem para oferecer, e que tem acompanhado o Gustavo, quando eu não posso me fazer presente.

A meu marido Fábio, que foi determinante nessa etapa, pois me fez acreditar principalmente em mim. Ele é prova de que tudo pode ser alcançado, basta você acreditar, se empenhar, pesquisar e praticar. A você, Fábio, que tem sido por oito anos, o maior amigo aceitando minhas asneiras e possibilitou gerar meu maior tesouro: GUSTAVO. Meu bebê também merece agradecimento por ter sido ‘um lindo’, que me manteve em foco para a finalização do trabalho.

Agradeço também às minhas fiéis amigas do grupo da ESTRELA, algumas apoiando de longe sob a forma de incentivos e duas delas, também integrantes do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, foram essenciais no desenvolvimento desta pesquisa. A vocês, queridas Marina, Mayra, Tainá, Catarina e ‘cumade’ Érica, meus infinitos obrigadas. Amo muito todas. Não posso deixar de agradecer também, a Alan e Kleise – outros compadres – pela dedicação e carinho que dedicam ao meu filho, e em quem deposito a minha confiança, e vice-versa. Gostaria de reconhecer, ainda, o apoio de Agésila Melro na fase final do trabalho. Obrigada, minha gente querida.

Agradeço também, aos professores do programa, que foram essenciais na compreensão quanto às questões dissertativas e ao Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, que me possibilita conhecer o desconhecido em cada projeto e iniciativa investigativa.

Não posso esquecer-me de você, querida Angélica, minha orientadora, amparadora e amiga, sempre nos surpreendendo. Obrigada por cada telefonema, pelas impressões, e pelos conselhos que me fazem crescer, que fazem o caminho investigativo menos turbulento, acreditando no estudo do menor. Você também é espelho.

*Verde foi meu nascimento
Por ferros duros passei,
Entrei de mar a dentro
Fui à presença do Rei.
– Cana*

(Advinha recolhida por Théo Brandão no engenho Salgado no Pilar)

RESUMO

Este estudo deteve-se em manifestações do patrimônio imaterial ligadas aos antigos exemplares de engenhos bangüê, de umas das regiões mais importantes do Estado de Alagoas e um dos seus pólos civilizatórios, qual seja o entorno da Lagoa Manguaba. Dentre as mudanças ocasionadas com a modernização da indústria açucareira, o aspecto escolhido a ser tratado nesta dissertação refere-se ao abandono dos antigos complexos industriais e, portanto, da dissipação de suas memórias. Foram selecionados para esta investigação seis exemplares. Os critérios de escolha passaram pela permanência do conjunto edificado e pela possibilidade de conseguir depoimentos sobre as memórias ligadas ao cotidiano destes antigos engenhos, em especial, dos trabalhos, das festas, danças e folguedos. Foram escolhidos: o **Novo**, o **Mundaú**, o **Lamarão**, o **Grajaú de Cima**, o **Salgado** e o **Varrela**. A pesquisa utilizou-se de informações coletadas nas bibliografias e fontes imagéticas, na avaliação perceptiva, a partir de visitas ao campo em exemplares em Pernambuco e em Alagoas, e no confronto de dados estabelecidos através de depoimentos de antigos moradores, entre proprietários e funcionários. Pouco se tem escrito sobre os engenhos alagoanos nesta perspectiva e são ainda mais escassas as fontes que tratam do caráter imaterial relacionado a este universo. Cabe ressaltar, porém, sobre os engenhos alagoanos, os trabalhos pioneiros de Manuel Diégues Junior, e sobre a cultura imaterial a obra de Théo Brandão, que, deram importante suporte investigativo para o presente trabalho. Espera-se com esta dissertação, contribuir para a história de um dos capítulos mais significativos da cultura alagoana, até hoje com forte repercussão sobre sua sociedade.

Palavras-chave: Engenhos de açúcar, Patrimônio Cultural, Memória coletiva.

ABSTRACT

This study focus on intangible heritage manifestations connected to old units of *engenhos bangüê*, from one of the most important territory in Alagoas and one of its starting points as a civilization: the surroundings of Lagoa Manguaba. Among the many changes brought by the sugar industry modernization, we decided to concentrate our attention on the abandonment of the old production plants and, consequently, the oblivion of their memories. Six units were selected for the present investigation. The criteria for choosing such units were based upon the remaining of the building complex and the availability of testimonies and memoires about the daily life of those old *engenhos*, specially chronicles about the work life, festivities, dances and *folgedos*. The chosen units are called: **Novo, Mundaú, Lamarão, Grajaú de Cima, Salgado** and **Varrela**. Information was gathered from image and biographical sources, perceptive evaluation, local visits – both in Alagoas and Pernambuco – and comparing information obtained from the statements of old inhabitants, land owners and employees. There is a scarcity of written documentation about the *engenhos* in Alagoas under this perspective and even less material dealing with the intangible aspect related to that universe. It's worth noting, though, the pioneer efforts of Manuel Diégues Junior on *engenhos* in Alagoas, and the work of Théo Brandão on intangible culture, both responsible for a incredible support to our investigative endeavor. We hope the present dissertation will positively contribute to the documentation of one of the most significant chapters on the culture of Alagoas, whose impact still present to this day.

Key-words: *Engenhos de açúcar*, Cultural heritage, Collective memory.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Representação de um engenho, por Frans Post.....	21
Figura 2: A fábrica de um engenho pintado por Frans Post. Detalhe da Figura 1.	21
Figura 3: Casa-grande de um engenho pintada por Frans Post. Detalhe da Figura 1.....	22
Figura 4: Capela de um engenho, por Frans Post. Detalhe da Figura 1.	23
Figura 5: Vista do conjunto de um engenho, por Vauthier.	24
Figura 6: Croqui de Gilberto Freyre para o Engenho Noruega, antigo engenho dos Bois.....	25
Figura 7: Desenho de Cícero Dias inspirado no esboço de Gilberto Freyre, do engenho Noruega, em 1933.....	26
Figura 8: Esquema de situação do engenho Noruega. Representação dos elementos que compunham o exemplar.....	27
Figura 9: Algumas casas-grandes de engenho, representadas por Frans Post.....	30
Figura 10: Planta de cobertura e planta baixa da casa-grande de um engenho.....	31
Figura 11: Casa-grande representada por Gilberto Freyre com desenho de Cícero Dias.....	32
Figura 12: Cozinha do engenho Noruega. Representação de Cícero Dias.....	33
Figura 13: Mesa de jantar representada por Gilberto Freyre com desenho de Cícero Dias.....	33
Figura 14: Engenho representado por Frans Post. Destaque para a representação da capela.	35
Figura 15: Planta de cobertura e planta baixa da casa-grande de um engenho.....	36
Figura 16: Capela do Engenho Noruega representada por Cícero Dias.....	37
Figura 17: Representação de um engenho movido por roda d'água, realizado por Frans Post.....	39
Figura 18: Fábrica do engenho Noruega, representado por Cícero Dias.	40
Figura 19: Conjunto da fábrica de açúcar do engenho Noruega, em representação de Cícero Dias.....	41
Figura 20: Partes da moenda.	41
Figura 21: Casa de purgar representada por Cícero Dias.	42
Figura 22: Pão-de-açúcar e detalhes para as qualidades em camadas do açúcar produzido.	43
Figura 23: Gravura de um engenho representado por Frans Post.	45
Figura 24: Esquema em Planta baixa e corte de um engenho.	46
Figura 25: Senzala do Engenho Noruega representada por Cícero Dias.....	47
Figura 26: Cena de criança negra puxando uma criança branca. Detalhe da Figura 25.....	47
Figura 27: Vista aérea do conjunto e dos terrenos do engenho Massangana, localizado em Cabo de Santo Agostinho-PE.1) Capela. 2) Casa-grande. 3) Casa de trabalhadores ou senzala.	52
Figura 28: Algumas edificações do conjunto do engenho Poço Comprido, localizado em Vicência - PE.....	53
Figura 29: Conjunto das principais edificações do engenho Jundiá, localizado em Vicência - PE.	54
Figura 30: Vista aérea do conjunto do engenho Uruaé, Vicência - PE.	54
Figura 31: Parte do conjunto edificado do engenho Várzea Grande, localizado em Goiana - PE.	55
Figura 32: Vista da capela para as outras edificações e vegetação do Engenho Massangana, localizado em Cabo de Santo Agostinho - PE.	56
Figura 33: Vista da Casa-grande para algumas das edificações esparsas no terreno do engenho Poço Comprido, localizado em Vicência - PE.	57
Figura 34: Vista geral do engenho Várzea Grande, Goiana - PE.....	57
Figura 35: Engenho Uruaé, Goiana - PE. Vista geral do engenho. A) Capela; B) Casa-grande; C) Fábrica e Usina (não podem ser vistas na foto), D) Casa de trabalhadores e Senzala; E) Casa do caseiro.	58

Figura 36: Casa-grande do Engenho Massangana, Cabo de Santo Agostinho - PE.....	59
Figura 37: Engenho Massangana, Cabo de Santo Agostinho-PE. Imagem do interior da casa-grande.	60
Figura 38: Engenho Poço Comprido, Vicência - PE. Conjunto capela e casa-grande do engenho.	60
Figura 39: Interior da casa-grande do engenho Poço Comprido, localizado em Vicência - PE.	61
Figura 40: Engenho Jundiá, Vicência - PE. Casa-grande do antigo engenho.	61
Figura 41: Engenho Uruaé, Goiana - PE. Casa-grande do engenho.	62
Figura 42: Casa-grande do engenho Várzea Grande, Vicência-PE.....	63
Figura 43: Engenho Massangana, Cabo de Santo Agostinho - PE. Capela de São Mateus.	64
Figura 44: Altar da capela do engenho Massangana, localizada em Cabo de Santo Agostinho - PE. ...	64
Figura 45: Capela do engenho Poço Comprido, localizado em Vicência - PE. Detalhe para a passagem de interligação entre as duas edificações: Capela e casa-grande.....	65
Figura 46: Engenho Poço Comprido, Vicência - PE. Interior da capela do engenho.	65
Figura 47: Engenho Jundiá, Vicência - PE. Fachada principal e interior da capela do antigo engenho.	66
Figura 48: Interior da capela do engenho Jundiá, localizado em Vicência - PE.	66
Figura 49: Engenho Uruaé, Goiana - PE. A) Fachada da capela; B) Altar mor da capela do engenho Uruaé.....	67
Figura 50: Engenho Várzea Grande. Capela do antigo engenho.....	68
Figura 51: Engenho Massangana, Cabo de Santo Agostinho - PE. Conjunto antigo de casas de trabalhadores.	69
Figura 52: Engenho Uruaé, Goiana - PE. Provável senzala do engenho.	69
Figura 53: Interior de dois cômodos da provável senzala do engenho Uruaé, Goiana - PE.	70
Figura 54: Casa de moradores do engenho Várzea Grande, Goiana - PE.	70
Figura 55: Casas de trabalhadores do engenho Poço Comprido, Vicência - PE.	71
Figura 56: Engenho Massangana, Cabo de Santo Agostinho - PE. Roda de trapiche posicionada no terreno.	71
Figura 57: Vestígios construtivos de uma roda d'água no engenho Massangana, Cabo de Santo Agostinho - PE.	72
Figura 58: Engenho Poço Comprido, Vicência - PE. Fábrica do antigo engenho.	72
Figura 59: Dois ambientes internos, da fábrica do engenho Poço Comprido, localizado em Vicência - PE.	73
Figura 60: Engenho Jundiá, Vicência – PE. Fábrica com destaque para as diferenças de piso.	73
Figura 61: Planta baixa da fábrica do engenho Jundiá em Vicência - PE.	74
Figura 62: Engenho Jundiá, Vicência – PE. Casa de purgar com detalhe do ‘pão de açúcar’.	74
Figura 63: Engenho Uruaé, Goiana - PE. A) Usina Uruaé desativada. B) Antiga fábrica do engenho.	75
Figura 64: Engenho Uruaé, Goiana - PE. Antiga fábrica do engenho, com destaque para o mal estado de conservação.	75
Figura 65: Edificação que compreendia a antiga usina Uruaé, localizada no engenho Uruaé em Vicência - PE.....	76
Figura 66: Fábrica do engenho Várzea Grande, localizado em Goiana - PE.	76
Figura 67: Ruínas da Usina Brasileiro, Rio Largo, Alagoas.	81
Figura 68: Usina Santa Clotilde, Rio Largo – AL,.....	82
Figura 69: Localização no mapa de Alagoas, dos engenhos alagoanos selecionados para o estudo desta dissertação.	87
Figura 70: Descrição sobre os engenhos do município de Pilar em 1854.	88
Figura 71: Demonstrativo do engenho da região de São Miguel dos Campos em 1854.....	89

Figura 72: Vista aérea do conjunto do engenho Novo, Pilar - AL.1) Antiga fábrica. 2) Casa-grande. 3) Capela. 4) Casa de trabalhadores. Destaque para o único caminho de acesso à cidade de Pilar.....	90
Figura 73: Marcelo Almeida Pontes de Miranda, atual proprietário do Engenho Salgado em Pilar - AL.	91
Figura 74: Vista dos terrenos do engenho Salgado, em Pilar - AL.	91
Figura 75: Engenho Salgado, Pilar - AL.1) Antiga fábrica. 2) Casa-grande. 3) Parte da casa de trabalhadores ou senzala.....	92
Figura 76: Vista dos terrenos do engenho Mundaú, localizado em Satuba - AL.	93
Figura 77: Placa da olaria.....	93
Figura 78: Vista do conjunto edificado do engenho Lamarão localizado em Pilar - AL.1) Casa-grande. 2) Casa de trabalhadores ou senzala. 3) Capela	94
Figura 79: Vista aérea do conjunto do engenho Grajaú de Cima, localizado em Pilar - AL. 1) Casa de trabalhadores. 2) Capela. 3) Casa-grande. 4) Alambique. 5) Casa de farinha. 6) Antiga fábrica. Em destaque o açude.	95
Figura 80: Engenho Varrela, São Miguel dos Campos. 1. Localização da antiga fábrica; 2. Casa-grande e 3. Capela	95
Figura 81: Vista dos acessos dos engenhos Novo, Salgado e Grajaú de Cima, respectivamente.	97
Figura 82: Vistas dos caminhos calçados que caracterizam hoje, os engenhos Mundaú e Varrela, respectivamente.....	98
Figura 83: Vista do pátio dos engenhos Lamarão e Grajaú de Cima.	99
Figura 84: Casa-grande do Engenho Varrela, São Miguel - AL. Detalhe da escada e aberturas da varanda.	100
Figura 86: Casa-grande do engenho Novo, Pilar - AL. Fachada principal da casa-grande e detalhe da escada.	100
Figura 87: Casa-grande do Engenho Salgado, Pilar - AL.	101
Figura 88: Interior da casa-grande do engenho Salgado, Pilar - AL.	101
Figura 89:Engenho Lamarão, Pilar – AL. Fachada principal da casa-grande do engenho e área posterior.....	102
Figura 90: Fachada principal da casa-grande do engenho Grajaú de Cima, Pilar - AL. Vista geral da propriedade.....	103
Figura 91: Capela do engenho Salgado, Pilar - AL. As duas entradas da capela e seu interior, com destaque para o altar com pequenas imagens.....	104
Figura 92: Capela do engenho Novo, Pilar - AL. Fachada principal da capela.	105
Figura 93: Capela do engenho Mundaú, Satuba - AL.	106
Figura 93: Capela do engenho Grajaú de Cima, Pilar - AL. A) Fachada da capela. B) Interior da capela com detalhe para o altar em madeira.....	107
Figura 95: Engenho Lamarão, Pilar - AL. Destaque para a capela do engenho e para a paisagem. ...	107
Figura 95: Engenho Lamarão, Pilar - AL. Fachada da Capela do engenho, com destaque para sineiras falsas.....	108
Figura 96: Interior da capela do engenho Lamarão, Pilar - AL.....	108
Figura 97: Destaque para a capela do engenho Varrela, e seu distanciamento das outras construções do conjunto.....	109
Figura 99: Engenho Varrela, São Miguel dos Campos - AL. Capela com cemitério na parte posterior da edificação.....	109
Figura 100: Fachadas Ca capela do engenho Varrela.	110
Figura 101: Engenho Novo, Pilar - AL. Casas de trabalhadores localizadas na entrada do engenho.	110

Figura 102: Casa de trabalhadores do engenho Grajaú de Cima localizado em Pilar - AL.	111
Figura 103: Engenho Lamarão, Pilar - AL. Fachada da casa de trabalhadores.....	112
Figura 104: Engenho Salgado, Pilar - AL. Casas antigas de escravos e trabalhadores do engenho. ...	112
Figura 105: Antigas fábricas dos engenhos, Novo e Salgado, respectivamente.	113
Figura 106:Fábrica do engenho Salgado, Pilar - AL.....	114
Figura 107: Fachada lateral da fábrica do engenho Salgado, Pilar - AL.....	115
Figura 108: Engenho Mundaú, Satuba – AL. Bueiros localizados no galpão identificado como a fábrica e detalhe da base do bueiro, indícios da caldeira de um engenho a vapor.	116
Figura 109: Engenho Grajaú de Cima, Pilar – AL. Fábrica do engenho com detalhe para a fachada.	117
Figura 110: Engenho Varrela, São Miguel – AL. Estrutura atual da antiga fábrica de açúcar.	117
Figura 111: Engenho Mundaú, Satuba - AL. Vestígios de uma olaria.....	118
Figura 112: Edificação que abrigava o antigo alambique do engenho Grajaú de Cima.	118
Figura 113: Engenho Grajaú de Cima, Pilar – AL. Casa-de-farinha e equipamento da fábrica desativada.	119
Figura 114: Açude do engenho Grajaú de Cima em Pilar - AL.	119
Figura 115: Detalhe da capela do Engenho Grajaú de Cima, localizado no município de Pilar - AL.	121
Figura 116: Ofício das paneleiras das Goiabeiras.	123
Figura 117: Engenho Salgado, Pilar-AL. Mesa de refeições posta para o almoço.	134
Figura 118: Gravura de um grupo de bumba-meu-boi.....	139
Figura 119: Foto de congada, provavelmente do Nordeste, tirada em 1860.	140
Figura 120: Navio Nau Catarineta, do Fandango da Pajuçara em 1948-49.	141
Figura 121: 1)Gravura de um grupo de fandango. 2) Fandango do Pontal da Barra, bairro de Maceió.	142
Figura 122: Grupo de Reisado de Viçosa.....	142
Figura 123: 1) Gravura de um grupo de Reisado. 2) Grupo de um grupo de Reisado de Viçosa	143

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Grupo de 28 engenhos alagoanos identificados em pesquisa realizada pelo Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem em 2009.	85
Tabela 2: Grupo de 13 engenhos alagoanos investigados em pesquisa realizada pelo Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem em 2010.	86
Tabela 3: Grupo dos 6 exemplares selecionados para o estudo deste trabalho.	86

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. O QUE FORAM OS ENGENHOS DE AÇÚCAR?.....	17
1.1 O engenho nas imagens seiscentistas	20
1.1.1 Casa-grande	29
1.1.2 Capela.....	34
1.1.3 Fábrica	37
1.1.4 Senzala.....	45
1.1.5 Outras Instalações	49
2. ENGENHOS PERNAMBUCANOS	51
2.1 Sítio	55
2.2 Casa-grande.....	58
2.3 Capela.....	63
2.4 Senzala.....	68
2.5 Fábrica	71
3. A HERANÇA CULTURAL DOS ENGENHOS EM ALAGOAS	78
3.1 O atual cenário e suas transformações	80
3.2 O cenário material na região da Lagoa Manguaba.....	85
3.2.1 Sítio	96
3.2.2 Casa-grande.....	99
3.2.3 Capela.....	103
3.2.4 Senzala e casa de trabalhadores.....	110
3.2.5 Fábrica.....	113
3.2.6 Outras instalações.....	117
4. PATRIMÔNIO IMATERIAL: TRABALHO E FESTA	120
4.1 O trabalho e a festa: a botada e a peja	127
4.2 O “doce” açúcar e outros ingredientes	130
4.3 Reuniões festivas.....	134
4.3.1 Folguedos	137
4.3.2 Dança de engenho: o coco alagoano	144
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	147
REFERÊNCIAS	149

INTRODUÇÃO

O nascimento dos engenhos de açúcar no Brasil no século XVI nos deixou um legado econômico e patrimonial que vai além da construção material e industrial, atingindo também a esfera do sensível e do imaterial. Ainda hoje no século XXI esta herança repercute em diversas regiões do país, principalmente em algumas localidades do Nordeste. No caso do estado de Alagoas, a atividade básica continua sendo até os dias de hoje relacionada ao açúcar, tendo forte influência sobre o Estado em múltiplos aspectos. O presente trabalho buscou aprofundar os estudos em alguns exemplares remanescentes de engenhos alagoanos com a intenção de apresentar e discutir sobre suas edificações e trará as principais práticas cotidianas dos engenhos investigados.

No início dos estudos, junto ao curso de mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado, a intenção quanto ao tema investigativo era a abordagem do patrimônio imaterial na cidade de Marechal Deodoro. Localizada a 31 quilômetros da capital Maceió. Sua importância deve-se à contribuição histórica para a construção do Estado, constituindo-se como um dos três focos iniciais do povoamento das terras alagoanas e mais tarde se estabelecendo como a primeira capital da Província.

Entretanto, no decorrer do curso os conteúdos apreendidos nas disciplinas, aliados à participação da mestranda em Grupo de Pesquisa¹, contribuíram para a mudança do foco de estudo. A temática voltou-se para as práticas no cotidiano dos complexos açucareiros, que não se estabeleceram apenas como produtores de açúcar, mas se fundaram, especificamente no caso de Alagoas, como precursores da formação dessa sociedade, como será possível ver no desenvolvimento do presente trabalho.

Considerando que Marechal Deodoro foi e ainda se caracteriza como região de produção de açúcar e que a extensão da lagoa Manguaba, abarcada agora por este trabalho, constituía seu território nos primeiros séculos coloniais, as mudanças quanto ao objeto de estudo contribuíram no afunilamento do foco, ao passo que também restringiu o recorte espacial da investigação.

¹ A mestranda engajou-se no Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, em 2010, quando do ingresso no Programa de Pós-graduação. As práticas investigativas do grupo contribuem para construção da história da paisagem brasileira, buscando investigar temas acerca do patrimônio material e imaterial, utilizando como ferramentas metodológicas essenciais a iconografia, os depoimentos e a observação sensorial e afetiva dos espaços.

Ponderando ainda sobre a importância das estruturas dos engenhos para o entendimento das diversas áreas que compõem o atual cenário alagoano, e constatando-se a falta de registros escritos que tratam das manifestações cotidianas vinculadas aos moradores de antigos conjuntos açucareiros, optou-se por um tema investigativo que, quanto à sua abordagem, pouco é mencionado na literatura, que se refere às práticas do dia-a-dia, relacionadas ou não com a produção do açúcar.

A proposta inicial sempre partiu da utilização da História Oral como ferramenta metodológica principal para o desenvolvimento desta dissertação. Contudo, a pesquisa encontrou dificuldades quanto à localização de depoentes, em especial, os antigos moradores e trabalhadores das áreas de engenho. Em estratégia mais recente, adotou a busca dos mesmos através da ASPLANA (Associação dos Plantadores de Cana do Estado de Alagoas), cujo trabalho está voltado para a defesa da agroindústria canavieira de Alagoas. Dessa forma, conseguiu-se entrevistar cinco proprietários de engenho, dois funcionários e um antigo morador de usina.

Os métodos adotados na construção do trabalho utilizaram informações coletadas nas bibliografias com a temática do engenho e das usinas e a própria avaliação perceptiva formada a partir de visitas a campo, tanto a exemplares em Pernambuco quanto em Alagoas. Destacamos ainda a análise de imagens, assim como a coleta de depoimentos de antigos moradores, entre proprietários e antigos funcionários, que auxiliaram para a confrontação entre os dados.

Sobre os caminhos literários, foram balizadores algumas obras de autores fundamentais para a compreensão necessária dos engenhos. O primeiro autor mencionado é o professor e arquiteto Geraldo Gomes com a obra *Engenho e Arquitetura*, cujo material apresentou profunda relevância para entender o funcionamento desses conjuntos, principalmente no que tange às ações desempenhadas na produção do açúcar, assim como serviu de indicativo para a seleção de visita a exemplares pernambucanos que se apresentam no primeiro capítulo. Apesar de o autor escrever sobre os modelos de Pernambuco, entende-se as semelhanças apresentadas entre os engenhos dos dois estados, já que Alagoas pertencia à capitania de Pernambuco durante o período colonial.

O segundo autor que foi balizador para o desenvolvimento do trabalho foi Gilberto Freyre (1900-1987), cujas obras clássicas continuam sendo uma referência no assunto. Estas foram

resultado de extensas pesquisas a partir de assuntos inovadores, tratando do cotidiano, inclusive da vida privada. Na década de 1930 não se costumava registrar, por meio da escrita, fatos realizados na cozinha, gostos alimentares, arquitetura e vida sexual como o autor realizou de forma pioneira (CARDOSO, 2003, In: FREYRE, 2006, p.21)².

A obra, de sua autoria, fundamental no desenvolvimento desta dissertação, foi *Casa-grande & Senzala*, na qual o autor aborda questões culturais e sociais. Além disso, destacamos uma representação esboçada pelo próprio Freyre para o engenho Noruega, em Pernambuco, que data de 1933, cujo desenho foi mais bem detalhado pelo pintor Cícero Dias. Esta é analisada, sob muitos aspectos da representação, e ajudam a compor o capítulo 1.

Uma das suas grandes contribuições no que tange aos aspectos relacionados ao cotidiano se faz com sua obra intitulada *Açúcar*, cuja abordagem diz respeito à arte dos doces, revelando como o produto manufaturado nos engenhos potencializou a “doçura” para a vida das pessoas, com papel fundamental para a formação cultural e social do Nordeste, e que será melhor tratado no capítulo 4.

Outro autor fundamental para a compreensão das potencialidades do engenho, principalmente sob os apontamentos dos exemplares alagoanos, foi o escritor Manuel Diégues Júnior (1912-1991). Antropólogo, geógrafo, sociólogo, historiador, poeta e musicólogo, sua obra trata das mudanças científicas, artísticas, políticas, econômicas e sociais, no que tange aos aspectos da vida rural, abordando, além do engenho, temas como as etnias, o folclore, a imigração, a industrialização e a urbanização. Realizou muitos trabalhos dedicados à história de Alagoas em que trata de temas de interesse para a presente dissertação.

Dentre as ocupações profissionais do autor podem-se destacar algumas funções importantes, como a de Secretário de Assuntos Culturais do Ministério da Educação e Cultura, como cita Vasconcelos Filho a seguir.

Ao longo de pelo menos quatro décadas, Diégues Júnior exerceria muitas funções importantes nos setores do trabalho, comércio, agricultura, educação e cultura, seja no campo das políticas agrárias, imigratórias, folclóricas, patrimoniais historiográficas, demográficas, indigenistas, religiosas ou desenvolvimentistas, seja alcançando-se ao posto de Secretário de Assuntos Culturais do Ministério da Educação e Cultura (MEC), embrião do Ministério da Cultura, cargo que ocupava entre 26 de março de 1974 e 15 de março de 1979. (VASCONCELOS FILHO, 2012, p.40)

² No prefácio da edição comemorativa do livro *Casa-grande & Senzala*, o ex-presidente da república, Fernando Henrique Cardoso, sobre a obra de Gilberto Freyre.

É do autor a afirmação veemente de que é no engenho que se dá a formação da família alagoana: onde ela nasce, cresce e morre. Tem no senhor de engenho a figura poderosa que impõe a ordem, escraviza, organiza, centraliza e até fomenta o crescimento demográfico, constituindo o suporte da família patriarcal.

É a família que preside a vida social da região alagoana. Preside na casa-grande, com seus alpendres acolhedores, com suas mesas fartas e cheias, com suas redes espalhadas pelos pilares; preside também na capela através das cerimônias religiosas: os batizados, os casamentos, os mês-de-maio, os enterros, as missas dominicais. Gira em torno da família – das famílias de engenho – não só a organização social de Alagoas como também a existência de toda a população demográfica dos bangüês e de suas vizinhanças. (DIÉGUES JÚNIOR, 2006, p.196)

Beatriz Maria Alásia de Heredia escreveu dois títulos que foram imprescindíveis no desenvolvimento do trabalho. Do seu *A morada da vida familiar de pequenos produtores do Nordeste do Brasil*, de 1979, foram fundamentais os relatos quanto ao sistema de subsistência empregado na época e alguns fatos do cotidiano, que estão embasando algumas passagens desta dissertação.

Já em *Formas de dominação e espaço social: a modernização da agroindústria canavieira em Alagoas*, a contribuição se faz quanto às menções sobre a fase de transição e introdução das usinas, principalmente, porque a abordagem trata de regiões alagoanas. Foi importante ainda saber sobre os métodos adotados na investigação de 1988, com processo semelhante, com dados aplicados no desenvolvimento do trabalho.

As entrevistas foram realizadas nas mais diversas situações: às vezes na feira, no sindicato e, mais frequentemente nas casas dos trabalhadores, reunindo um total de 90 entrevistas que incluíram tanto trabalhadores assalariados quanto pequenos produtores. As informações sobre suas histórias de vida nos forneceram elementos importantes a respeito das diferentes trajetórias sociais, o que nos permitiu a compreensão dos processos em curso. (HEREDIA, 1989, p.21)

Além das fontes escritas produzidas por importantes nomes que se debruçaram sobre o estudo quanto ao caráter social dos engenhos, foi necessária uma busca na literatura, que tanto fala para a realidade quanto sobre o irreal e o imaginário. Dessa forma, se elegeu dentre os grandes nomes da literatura nordestina, o romancista José Lins do Rêgo (1901-1957), pois foi um autor que viveu em engenho, e abordou em várias de suas obras o mundo rural do Nordeste açucareiro, refletindo sobre a memória, a imaginação e o regionalismo.

Esse autor foi escolhido porque, além de suas obras mencionarem os assuntos da produção do açúcar, o livro selecionado para o presente estudo, *Menino de Engenho*, foi escrito na época

de sua morada em Maceió e se revelou importante para o cenário moderno brasileiro. Foi a primeira de uma série denominada “Ciclo da cana-de-açúcar”, completada por outros três títulos: Doidinho, Moleque Ricardo e Usina, que tratam sobre a temática exposta.

Na obra, o autor faz notas acerca da paisagem macro do engenho, relacionada com os sentidos de menino que perpassam a curiosidade, a ansiedade e a descoberta por novidades. São detalhes sutis que condizem com o autoconhecimento de causa.

Eu ia reparando em tudo, achando tudo novo e bonito. A estação ficava perto de um açude coberto de uma camada espessa de verdura. Os matos estavam todos verdes, e o caminho cheio de lama e de poças d’água. Pela estrada estreita por onde nós íamos, de vez em quando atravessava boi. O meu tio me dizia que tudo aquilo era do meu avô. E com pouco mais avistava-se uma casa branca e um bueiro grande. (RÊGO, 2010, p.30)

Sobre as atividades do cotidiano desses complexos, o autor cita as lições de aprendizado, de música, de sociabilidade, de disciplina de cultura e de vida. Muitas famílias foram alfabetizadas por professoras que lecionavam nas habitações dos engenhos.

[...] Os outros meninos sentavam-se em caixões de gás. Lia-se a lição em voz alta. A tabuada era cantada em coro, com os pés balançando, num ritmo que ainda hoje tenho nos ouvidos. Nas sabatinas nunca levei um bolo, mas quando acertava, mandavam que desse nos meus competidores. (RÊGO, 2010, p.55)

Dois nomes tiveram importante contribuição para a investigação acerca do caráter imaterial nos engenhos. O primeiro, o professor e pesquisador da cultura brasileira, principalmente de Alagoas, Théo Brandão (1907-1981). Nascido em Viçosa, berço de importantes manifestações culturais que despontaram para o restante do Estado, foi um pesquisador cujas contribuições são importantes para a atual compreensão da cultura popular de Alagoas. É referência no quesito folclore de Alagoas, emprestando seu nome a um importante museu em Maceió, o Museu Théo Brandão de Antropologia e Folclore, com acervo que reúne seu espólio, bem como sua obra e objetos vinculados à temática cultural e popular do Estado.

Podemos destacar a relevância da pesquisa neste museu, em virtude do importante trabalho realizado por Théo Brandão, ao passo que nos foi possibilitado o acesso, inclusive a excelentes registros fotográficos, de temática cultural, que nos permitiu melhor fundamentar as questões do patrimônio imaterial dos engenhos, e que será mais bem tratado no capítulo 4. Contudo, cabe apontar que o acesso foi restrito, pois todo o acervo está ainda em organização.

Dentre as diversas obras escritas por Théo Brandão, realizadas com a temática do folclore, a que mais contribuiu para o estudo foi *O reisado alagoano*, na qual o autor aborda os mais

diversos aspectos quanto ao folgado – característico dos antigos complexos fabris –, apontando os ambientes, os públicos, os participantes, as músicas e a razão de existir dessa manifestação.

Podemos destacar ainda, quanto aos aspetos imateriais nos engenhos, o livro intitulado *Fatos, personagens, histórias de São Miguel dos Campos*, de autoria de Maria Rocha Cavalcanti Accioly cujo acesso foi imprescindível enquanto registro das principais memórias referentes ao engenho Varrela, situado na cidade de São Miguel dos Campos, em Alagoas.

Subáuma é prata fina
O Varrela ouro em pó
No Rosário... Né menino,
Riacho Branco... Negro só. (ACCIOLY, 1992, p.49)

Além dos autores e obras mencionadas, consideramos algumas análises imagéticas, de fontes seiscentistas e do século XIX, de Frans Post e Louis Léger Vauthier, respectivamente, como auxiliares na busca pela compreensão quanto às conformidades dos complexos açucareiros e suas características recorrentes em modelos de época. Dessa forma, no capítulo 1, o engenho é apresentado, sendo descritos seus aspectos materiais, a partir de análises bibliográficas e iconográficas, fundamentadas nos autores citados.

Contudo, como foi mencionado, foi necessário complementar os estudos das literaturas e contrapô-las com as evidências encontradas no campo. Foi realizada uma averiguação sobre os remanescentes de exemplares de engenhos, na busca pelo reconhecimento material dos elementos compositivos dos mesmos.

Dessa forma, deu-se início às visitas de campo, junto ao Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem. Primeiro foram realizadas em Pernambuco, cujos conjuntos conservados, mostraram-se semelhantes aos antigos exemplares da cultura açucareira, assim como apresentaram edificações e equipamentos fabris íntegros. Estas considerações foram organizadas no capítulo 2, que descreve e aponta as particularidades de cinco exemplares pernambucanos selecionados: **Massangana, Poço Comprido, Jundiá, Uruaé e Várzea Grande**.

Continuando a etapa das visitas aos antigos engenhos, foi estabelecido o estudo de alguns exemplares açucareiros alagoanos. O estudo deteve-se não apenas nos antigos bangüês de Alagoas, mas também no surgimento das usinas e suas implicações para as remotas estruturas.

Dentre as mudanças ocasionadas com a modernização da indústria açucareira, a principal reflete-se sobre o abandono dos antigos complexos industriais.

Dessa forma, se mantém, em Alagoas, um número bastante reduzido de remanescentes, apresentando, em muitos casos, arruinamento total. Contudo, foram selecionados para a investigação mais detalhada seis exemplares, que ainda mantém parte do seu conjunto edificado, porém, apresentando novos usos. São eles: o **Novo**, o **Mundaú**, o **Lamarão**, o **Grajaú de Cima**, o **Salgado** e o **Varrela**. As principais considerações compõem o capítulo 3.

O capítulo 4 versa sobre os aspetos imateriais, vinculados às práticas do cotidiano dos antigos engenhos, caracterizando-os enquanto patrimônio. Sua construção ocorreu a partir das informações coletadas em depoimentos de antigos proprietários, funcionários e antigos moradores de engenho e usina. As entrevistas aconteceram, às vezes, nas propriedades dos engenhos, na UFAL, na Aeroturismo e no cartório Celso Pontes de Miranda. As perguntas não eram programadas, ou seja, não havia um questionário, porém, estavam relacionadas com a temática do cotidiano dos engenhos.

Estes depoimentos foram confrontados com as informações das bibliografias de autores que deram suporte em tópicos anteriores, como o livro de Maria Rocha Accioly e, podemos enfatizar ainda, a obra de Abelardo Duarte (1900-1992), sob o título *Folclore das Alagoas*, que retrata as principais manifestações populares da zona açucareira, de 1974, e foi essencial na construção do pensamento desta etapa.

Podemos destacar ainda as imagens que compõem esse capítulo. Estas foram retiradas de duas importantes fontes, do acervo do Museu Théo Brandão de Antropologia e Folclore de Alagoas, já mencionado, e o *Álbum de Folgedos de Alagoas*, cujos desenhos são representações feitas em bico de pena, por um artista alagoano, Hércules Mendes. As mesmas foram contrapostas e contribuíram para conformar as menções das bibliografias.

De acordo com Halbwachs (apud BOSI, 1994, p.55) “*a lembrança é provocada por uma situação que é vivida no presente e que remete a uma ocorrência passada se constituindo, geralmente, por refazer, reconstruir ou repensar através de imagens, ideias e experiências antigas*”.

Pretende-se com esse trabalho contribuir para o não esquecimento das práticas habituais e culturais determinadas por essas estruturas, que ao longo do tempo entram em desuso.

1. O QUE FORAM OS ENGENHOS DE AÇÚCAR?

Se, afastando os olhos da beira-mar, estender-se a vista ainda além, distinguirá por instantes, atrás da cortina dos coqueiros ou sobre a encosta de alguma colina, a fumaça de uma comprida chaminé à qual se ligam construções cor de cinza, cercadas de vastos campos de gramíneas gigantesas que balançam ao vento. Esse aspecto lhe revelará a agricultura e a indústria reunidas, e, se ele procurar discernir os pormenores do grupo de construções que ora examina, verá em breve destacarem-se duas partes essenciais: um extenso telheiro, mal coberto, rasgado por inúmeras portas estreitas, em torno das quais se comprime uma população maltrapilha; outra, uma casa branca, erguendo-se à altura de muitos degraus acima do nível do chão e situada de modo a permitir a observação fácil de tudo quanto se passa no interior do vasto pátio da usina (...) (VAUTHIER, 1975, p.30).

(...) A última colina já se some e vemos despontar ao longe tetos acinzentados. A alta chaminé que os domina lança para o céu seu ramallete de fumaça. A planície se desenrola a nossos pés, os canaviais se estendem a perder de vista: invadem terras outrora pantanosas, saneadas agora pelo trabalho de numerosas gerações; revestem os montículos de contornos arredondados; mergulham nas várzeas onde as árvores que ainda permanecem de pé lhes disputam o terreno; elevam-se mesmo nos declives abruptos das colinas, em meio de blocos de rochedo e de troncos enegrecidos pelo fogo.

Surgem aqui a vida e o trabalho. Vedes rodar aqueles carros rústicos. Suas rodas, em forma de um disco maciço, penetram profundamente no terreno argiloso e o eixo geme sob os esforços de seis a oito juntas de bois. A longa fila de trabalhadores, que abate o canavial sob os golpes rápidos das foices, acaba de carregá-los com as canas despojadas de suas folhas e as levam para o engenho que roda sem cessar e reclama novo alimento. Aproximamo-nos do último obstáculo que veda o caminho. Eis-nos no pátio do Engenho (...) (VAUTHIER, 1975, p.77).

Este capítulo aborda a temática dos antigos engenhos, detendo-se nos seus aspectos materiais, a partir da exposição dos elementos construtivos, que são essenciais para entender o seu funcionamento. Destaca também as mudanças e transformações sofridas por esses complexos, abordando outros elementos relacionados à paisagem e à produção açucareira. As citações que abrem o capítulo são de Louis Léger Vauthier, arquiteto e engenheiro francês que esteve no Brasil por volta de 1840 a 1846. A publicação do seu diário e de suas cartas sobre arquitetura doméstica, do período de sua estadia no Brasil, se junta aos relatórios de engenheiro-chefe de obras públicas da província de Pernambuco, bem como outros artigos para revistas.

Através das descrições apontadas, podemos acompanhar com detalhe e vivacidade a chegada a um engenho do século XIX, que se destaca pelo potencial quase cinematográfico com o qual narra os aspectos visuais.

Dentro de outra forma de abordar o tema, se pensarmos na própria palavra “engenho”, temos quanto ao significado etimológico, de acordo com o dicionário de Raphael Bluteau, diversos

sentidos empregados para o termo, destacando a definição que se refere ao mesmo como uma imponente invenção humana:

ENGENHO. Força natural do entendimento, com o qual o homem percebe prompta, & facilmente o lhe ensinão, aprende as fentecias, & artes mais difficultofas, inventa, & obra muytascufas (BLUTEAU, 1712-1721, p.117, 3v).

Semelhante são as palavras de Antonil, no seu escrito de 1711, que evocam a grandiosidade com que se apresentavam essas estruturas.

Quem chamou às oficinas em que se fabrica o açúcar engenhos, acertou verdadeiramente no nome. Porque quem quer que as vê e considera com reflexão que merecem, é obrigado a confessar que são uns dos principais partos e invenções do engenho humano, o qual, como pequena porção do divino, sempre se mostra no seu modo de obrar admirável (ANTONIL, 2007, p.73).

Sobre as fábricas propriamente ditas, Raphael Bluteau faz uma descrição através das sensações afloradas no testemunho do duro processo da produção:

Engenho de Açúcar. (...) Bem recebida foy, aquella breve, & difereta definição de, quem chamou a hum engenho de açúcar; doce inferno. E verdadeyramente, quem vir na efeuridade da noyte aquellas fornhalhas tremendas, perpetuamente ardentes; labaredas, que eftão fahindo a borbotoens de cada huma pelas duas bocas, ou ventas, por onde refpirão o incêndio: os Ethyopes, ou Cyclopes, banhados em fuor, fão negros, como robuftos, que fubminiftrato a groffã, & dura matéria ao fogo; & os forcados, com que o revolvem & atição; as caldeyras ou lagos ferventes, com os cachoens fempre batidos, & rebatidos, já vomitando efcumas, já exalando nuvens de vapores mais de calor, que de fumo, & tornando-os a chover, para outra vez os exalar o ruído das rodas, das cadeas, da gente da côr toda da mefmanoyte, trabalhando vivamente, & gemendo, tudo ao mefmo tempo fem momento de tregoa, nem de defcanso, quem vir emfim toda a machina, aparato confufo, & efrondofa d'aquella Babylonia, não poderá duvidar, ainda que tenha vífto, Ethnas, & Vefuvios, que hehumafemelhança de inferno. Vieira, Tom. 5 515. (BLUTEAU, 1712-1721, p.118-119, 3v)

Os engenhos também foram conhecidos como “bangüês”. Este era o nome dado a um artefato semelhante a um estrado em cipó trançado, que tinha a função de transportar o bagaço, ou seja, os resíduos resultantes da moagem da cana. Ainda auxiliavam no transporte dos pães de açúcar, que se constituíam das fôrmas nas quais resultava o açúcar, como veremos adiante. O nome engenho também designou a moenda, propriamente dita, cuja origem advém da palavra *engenhosa* que é traduzida como um “(...) mecanismo habilidoso e astuto, cujo funcionamento dependia de uma engrenagem à base de encaixes”. (QUINTAS, 2007, p.74)

Ocorreu no século XVI as primeiras organizações para construção dos engenhos de açúcar, com a instalação de equipamentos destinados à moagem e às outras etapas da produção;

ocorreu também a implantação de outras edificações de suporte, como as sempre citadas casa-grande e senzala. Dessa forma, a colonização no Nordeste das terras recém descobertas expande-se, ao passo em que se estabelecem os engenhos. O povoamento das capitânicas, a exemplo de Pernambuco, foi favorecido pela instalação dessas fábricas, uma vez que a coroa portuguesa tornou a produção do açúcar pré-requisito para a concessão de terras. Constituiu-se portanto, nas futuras terras do Estado de Alagoas, a implantação dos engenhos como uma forma de estímulo para o assentamento no território.

Algumas referências mencionam a existência de alguns engenhos na frente de povoamento de Alagoas já em 1630, mas só em 1643 essas informações são confirmadas por documentos fidedignos, que registram ali seis engenhos. Três deles se encontravam localizados na 'Lagoa do Sul', área que corresponde, aproximadamente, aos atuais municípios de Pilar e de Marechal Deodoro; os outros três situavam-se na 'Lagoa do Norte', que corresponde à parte do atual município de Santa Luzia do Norte (HEREDIA, 1988, p.40).

O engenho não se constituía apenas da fábrica com a função de produzir açúcar. Em virtude das distâncias entre seus terrenos de implantação e os centros urbanos, se caracterizavam como uma unidade quase autônoma, incluindo, por exemplo, o cultivo agrícola e a pecuária. Estas estruturas eram submetidas a um rígido regime disciplinar e autoritário, baseado na força do dono do engenho. A bibliografia sobre o tema enfatiza, quanto ao aspecto social, a importância da família que foi seu elemento polarizador.

Os seus aspectos econômicos, sociais, e organizacionais sobrepujaram os possíveis elementos competitivos. Do que se conclui que a família albergou a unidade produtiva máxima, a célula mestra do aparelho colonial. Lastreada na dimensão extensa e cristocêntrica, no patriarcalismo polígamo, e na trilogia étnica, constituiu-se substancialmente plural. O domínio de todas as instâncias disseminou-se através da sua morfologia, nervo polarizador de ânimos diversificados e do poder unitário e múltiplo. O que quero dizer com isso: a família reuniu todas as ramificações da sociedade; nela preponderou uma ação centrípeta, capaz de albergar os mais variados problemas (QUINTAS, 2007, p.91).

Os conquistadores inicialmente recorreram ao trabalho indígena para a exploração das novas terras. Essa ação causou um estranhamento, já que é conhecido que a agricultura e afazeres domésticos eram desempenhados pelas mulheres índias, e as atividades cumpridas pelo homens estavam relacionadas à caça, à pesca e à guerra.

Os serviços em que mais se empregam os brasileiros são: cortar lenhas para os engenhos, plantar canas, limpar canaviais, conduzir e dirigir carros, guardar o gado e outros misteres semelhantes; e estes serviços eles não farão se, além do alimento, a paga não for primeiramente depositada nas mãos do seu capitão para lhes ser entregue quando houverem preenchido e terminado o trabalho (Breve..., 1981, p.106 apud: GOMES, 2006, p.59).

A presença africana logo se confirmou na região e foi fundamental para a produção do açúcar do período colonial aos fins do século XIX.

Durante a escravidão todas ou quase todas as atividades do engenho eram exercidas pelo escravo. Muitos deles eram mestres de açúcar, e não raro excelentes mestres de açúcar, como se vê de anúncios de escravos fugidos, pagando o senhor um bom dinheiro pela captura. Outros se entregavam a misteres diversos na casa de engenho (DIÉGUES JÚNIOR, 2006, p.28).

Portanto, o uso da mão de obra africana se prolongou por quatro séculos e foi mantido, de acordo com alguns autores, pela resistência dos senhores em incorporar novidades técnicas exigidas pela mecanização das indústrias açucareiras.

1.1 O engenho nas imagens seiscentistas

Outra forma de levantar informações sobre os engenhos é através das imagens. Quando Maurício de Nassau foi convidado para governar a capitania de Pernambuco, em 1637, Frans Post fez parte da comitiva que o acompanhou, tornando-se um dos primeiros pintores a registrar a paisagem brasileira. Seus quadros costumavam retratar a natureza dos trópicos. Para tanto, empregava-se, como em qualquer obra de arte, além da técnica, a liberdade e a originalidade, atribuições do próprio talento do artista. Ao mesmo tempo, considerando o pacto da pintura holandesa com o registro fiel ao real, agregava-se à pintura um caráter documental.

É comum constatar em seus quadros o registro do conjunto do engenho, já que os mesmos compunham a paisagem seiscentista e representavam o modelo econômico que motivou a invasão das terras pelos batavos. Analisando algumas gravuras de engenhos de autoria de Frans Post, como fizeram autores como Geraldo Gomes (2006, p.121) e Estezilda Berenstein sobre os engenhos de Pernambuco e Bahia, respectivamente, pode-se extrair algumas informações sobre esses complexos.

Observando uma imagem de Post, sob uma visão geral, percebe-se que o engenho repousa sobre a paisagem. O pintor destaca as edificações esparsas no terreno, com certa distância entre elas, mostra os tipos arbóreos, as diferenças de nível de terreno e um curso hídrico ao fundo do panorama, que se comunica com o afastado conjunto de construções.



Figura 1: Representação de um engenho, por Frans Post.
Fonte: LAGO, 2007.

No ponto mais baixo do terreno, em primeiro plano na imagem, aparece o galpão que compreende a fábrica do açúcar, ou seja, o engenho propriamente dito. A fábrica é, portanto, a edificação que tem maior destaque na maioria dos quadros de Post que retratam essa temática. A mesma apresenta-se “em ação” nas representações, cumprindo o aspecto documental de descrever a produção açucareira, seus agentes atuantes e seu entorno. Aqui é possível reconhecer a moenda com eixo central, movida por animais, coberta pelo telhado mais alongado da edificação. Assim como é perceptível um espaço constituído por telhado de água única que avança frontalmente, a partir de quem olha a imagem, que podia ser destinado ao descarregamento da cana ou do bagaço.



Figura 2: A fábrica de um engenho pintado por Frans Post. Detalhe da Figura 1.
Fonte: LAGO, 2007.

As pessoas que compõem a paisagem foram representadas operando como carregadores, ou auxiliando os animais que participam da moagem da cana e etc. Porém, é possível perceber ainda um grupo composto aparentemente por homens e crianças, que pouco parece estar envolvido com as ações do engenho. A localização dessas pessoas, tanto no interior quanto

nas proximidades da fábrica de açúcar, apenas reforçam a importância dessa construção para o conjunto.

Focando na casa-grande, esta se apresenta em dois pavimentos, com telhado em quatro águas e aberturas frontais e laterais. Implantada em cota mais alta, guarda certa distância da fábrica, ligando-se a ela por um caminho em declividade. Algumas árvores compõem a lateral e a área frontal da casa. Sabe-se que essas espécies, geralmente, se constituíam como árvores frutíferas, podendo haver um pomar ou horta na parte posterior.



Figura 3: Casa-grande de um engenho pintada por Frans Post. Detalhe da Figura 1.
Fonte: LAGO, 2007.

Vê-se também uma capela pintada por Post para esse exemplar, que foi localizada a uma certa distância da casa-grande. Não é possível saber, mesmo através da imagem ampliada, por onde se dá seu acesso. A capela apresenta-se aparentemente em destaque no terreno, que possui características bastante acidentadas, inclusive com a presença de um vale coberto por vegetação. Arquitetonicamente, a representação da capela expõe telhado em duas águas com alpendre frontal, cujo modelo semelhante foi encontrado em um dos exemplares alagoanos, como será retratado posteriormente.



Figura 4: Capela de um engenho, por Frans Post. Detalhe da Figura 1.
Fonte: LAGO, 2007.

Cerca de dois séculos mais tarde, também contamos no relato de Vauthier com algumas imagens acerca do estudo do engenho, agora, através de desenhos geométricos bem esquemáticos. O primeiro deles mostra um conjunto em planta baixa com cerca de dez elementos. Porém, o autor, como outros, descreve as quatro edificações mais mencionadas: casa-grande, capela, senzala e fábrica (VAUTHIER, 1975, p.78).

A legenda apresentada relaciona os elementos do engenho: a capela, casa-grande, quarto de hóspedes, senzala, sobradinho, casa do capataz, casa do engenho, puxado para os cavalos do picadeiro, puxado acima da fornalha, casa de bagaça, estrebaria, casa de purga, destilaria, armazém de açúcar, oficina do serralheiro, oficina do carpinteiro de carros e rodas, oficina do carpinteiro, telheiro para fabricação da farinha de mandioca, puxado servindo de olaria, portas de entrada e saída do engenho, horta, terreno plantado de mandioca, pastagens e canaviais.

Analisando a imagem, esta refere-se a um conjunto no qual as edificações foram implantadas formando uma área livre retangular ao centro, com os plantios em volta das edificações. No retângulo superior, para quem olha a imagem, estão agregadas a casa-grande, a capela e a casa de hóspedes. Acima dessa construção encontra-se a horta. Ao lado, compondo uma construção em formato de “L”, bem alongada, estão as senzalas. Por trás das mesmas estão localizadas as pastagens.

Esse exemplar apresenta a fábrica dividida em duas edificações, distanciadas entre si. Uma concentra as etapas de moagem e caldeiras e a outra a purga do açúcar. As áreas de cana foram locadas à direita da edificação da moenda. Apesar de não ser mencionado na legenda,

pode-se perceber a ocorrência de um recurso hídrico, que se trata provavelmente de um rio, localizado na área inferior da imagem.

LEGENDA:

- A – Capela
- B – Casa-grande
- C – Quarto de hóspedes
- D – Senzalas
- E – Sobradinho
- F – Casa do engenho
- G – Coberta para cavalos
- H – Telheiro para fornalha
- I – Casa do bagaço
- J – Estribaria
- K – Destilaria, Armazém do açúcar, Oficina do serralheiro, Oficina do carpinteiro de carros e rodas, Oficina do carpinteiro, Telheiro para fabricação da farinha de mandioca
- L – Puxado servindo de olaria
- M, N – Portas de entrada e saída do engenho
- O – Horta
- P – Terreno plantado de mandioca
- Q – Pastagens e canaviais

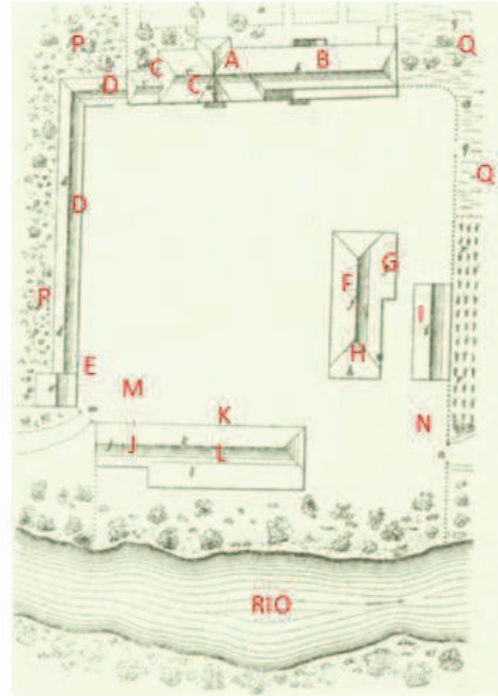


Figura 5: Vista do conjunto de um engenho, por Vauthier.
Fonte: Adaptada de Vauthier, 1975.

Destacamos ainda, já no século XX, um registro retirado do livro *Casa-grande & Senzala*, cujo original data de 1933 e se constitui como um clássico sobre a temática do engenho; escrito por Gilberto Freyre, consta de um croqui feito pelo próprio autor, do engenho Noruega, antigo Engenho dos Bois, localizado em Pernambuco. O esboço destaca apenas a casa-grande, anexa à capela, com visibilidade para alguns de seus cômodos.

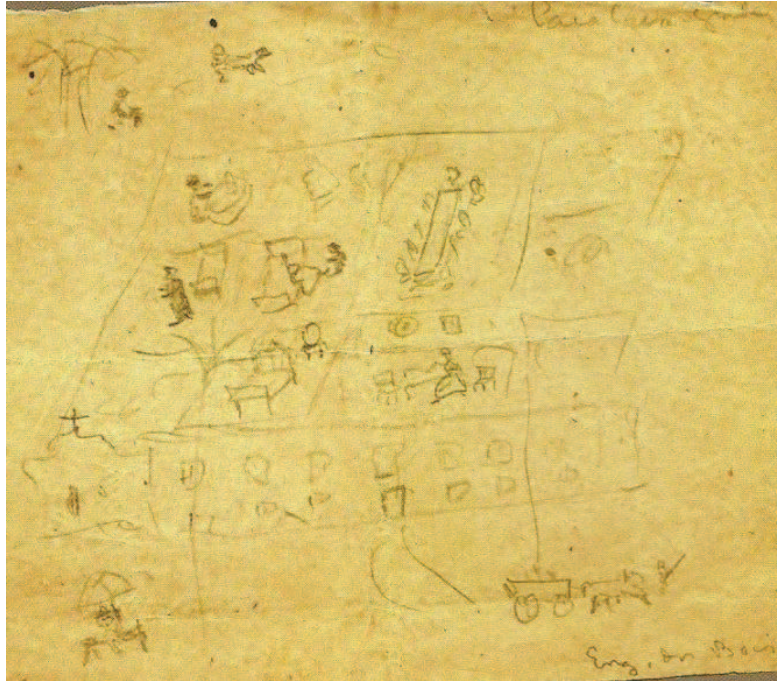


Figura 6: Croqui de Gilberto Freyre para o Engenho Noruega, antigo engenho dos Bois.
Fonte: (G. FREYRE)

Este desenho foi melhorado por Cícero Dias³, comum à representação mais detalhada quanto às edificações e ao entorno do conjunto, com definições de cores e espécies arbóreas. Os desenhos são apresentados em planta perspectivada e mostram a situação de implantação no terreno. A casa-grande, com capela à esquerda localizada próxima à senzala, divide a senzala em duas, a “senzala de cima” e a “senzala”. Essa nomenclatura podia setorizar essas habitações por nível de função dos trabalhadores: os da casa deviam residir próximos à casa-grande, e os trabalhadores da fábrica que deviam habitar a senzala implantada mais abaixo.

O pintor destaca, ao centro da imagem, a casa-grande, com capela anexa, e a senzala localizada na lateral. Esta foi disposta de tal forma que determina uma área livre entre a casa e a mesma. Na extremidade esquerda da imagem, o artista apresenta o engenho de açúcar. Estes desenhos possibilitam o entendimento sobre a conformidade de um engenho quase no seu ocaso, nas primeiras décadas do século XX, cerca de três séculos após a presença de Frans Post no Brasil.

³ Pintor importante para a sua época e também escritor. Residiu no engenho Jundiá, em Vicência, município de Pernambuco a partir do qual, de acordo com Freyre, escreveu um romance autobiográfico (até a época não havia sido concluído), intitulado Jundiá, que abordava além de outros assuntos a união sexual do homem com animal, à época assunto comum nas regiões do interior do Nordeste. Observar no próprio desenho a representação deste ato (FREYRE, 2006, p.253).



Figura 7: Desenho de Cícero Dias inspirado no esboço de Gilberto Freyre, do engenho Noruega, em 1933.

Fonte: Freyre, 2006

Na outra extremidade, no canto direito da gravura, o pintor faz um esquema de localização de todas as partes do conjunto. Há ainda na imagem uma legenda com uma lista de vinte e dois itens que completam a cena do engenho, ao mesmo tempo em que fornece maiores dados acerca de outras instalações como a presença de um picadeiro⁴, de uma estrebaria, um curral e uma destilaria.

Na parte posterior da casa ficavam o pomar, o galinheiro e o chiqueiro. Com certa distância da casa-grande ficava o açude. Na entrada do engenho estava localizada a porteira e ao lado um curral, que tanto devia servir a casa quanto à produção. A porteira conduzia a um caminho continuado por ponte, cuja legenda indica uma levada que passa abaixo dela.

⁴ De acordo com Manuel Diégues Júnior, tratava-se do lugar onde se depositavam as canas que posteriormente seriam moídas. (JÚNIOR, 2006, p.312)

Esses elementos que compunham o engenho Noruega, listados por Cícero Dias, foram abaixo representados em áreas separadas por suas finalidades. As áreas do engenho destinadas à habitação compreendiam a casa-grande, a senzala de cima, a de baixo e o cemitério. Nas zonas destinadas à cultura de subsistência e ao comércio, encontramos o pomar, o galinheiro, o chiqueiro, a casa de farinha, a estrebaria e o curral, estes últimos podendo auxiliar também na produção do açúcar. A levada, o açude, a roda de engenho, casa de purgar, picadeiro, casa de caldeira, encaixotamento, tanque de mel, e a casa do bagaço eram áreas que serviam na manufatura. A destilaria podia servir tanto à zona da manufatura, já que é uma finalidade do processo de fabricação do açúcar a reutilização de toda a matéria, como também à zona do comércio, por consistir da fabricação da cachaça, que por vezes era também comercializada.

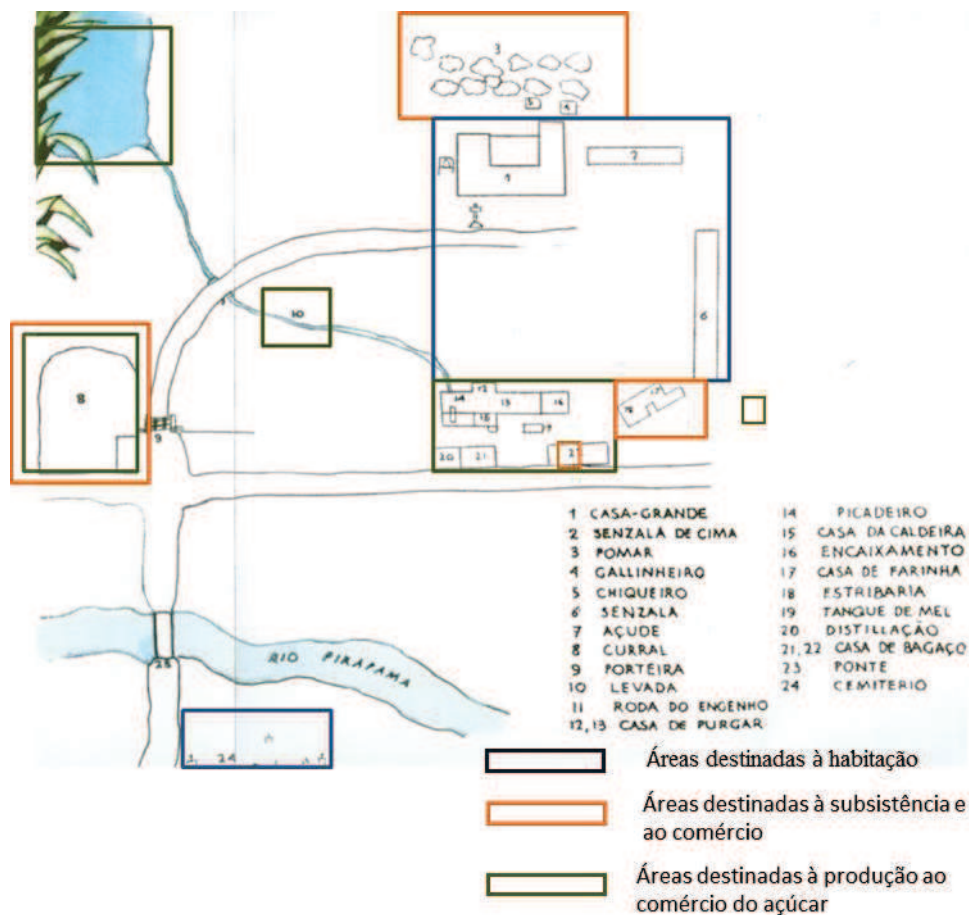


Figura 8: Esquema de situação do engenho Noruega. Representação dos elementos que compunham o exemplar.

Fonte: Adaptada pela autora, de Freyre, 2006.

Entre as edificações pode-se perceber uma grande área destinada aos vazios. Vazios estes operativos, fossem dedicados ao plantio de apoio ao trabalhador e à casa-grande, ou se estabelecendo como caminhos de acesso às áreas de convivência. Sobre a área de extensão das partes não edificadas, menciona Vauthier:

Quarenta ou cinquenta trabalhadores, negros, no máximo, eis tudo quanto poderá possuir. Entretanto, o terreno que ele depende não tem decerto menos de um quarto de légua quadrada de extensão. Os canaviais compreendem no mínimo uma quinta parte dessa superfície. As vastas pastagens onde erram em liberdade os animais de carga têm uma área quase igual. Plantações de mandioca, um cafezal, alguns arrozais ocupam uma parte mínima (...) (VAUTHIER, 1975, p.79).

Heredia citando Costa, através do Inquérito da Indústria Açucareira de 1905, remete-se à escassez da área cultivada com a cana, em comparação com a extensão do terreno total do engenho: *“Em geral, as propriedades agrícolas destinam parte de sua área ao cultivo de canas, cereais, e uma grande parte fica disponível conjuntamente com as matas virgens. Há mais terreno inculto do que cultivado em cada propriedade”* (COSTA, 1907, p.10. In: HEREDIA, 1989, p.50).

Faziam-se também necessárias, além desses espaços destinados às subsistências e do quarteto constantemente citado pela bibliografia, outras instalações de suporte para as atividades do dia-a-dia dos engenhos de açúcar, já mencionadas nos desenhos de Vauthier e Cícero Dias. Uma fonte do século XVII afirma sobre o caráter de autossuficiência do engenho e compara a ordem desses conjuntos com um Estado:

Em cada engenho uma capela, uma escola, um padre, um barbeiro, um ferreiro, um sapateiro, um carpinteiro, um marceneiro, um oleiro, um alfaiate e todos os outros artífices necessários. Pois cada engenho é como um Estado em si mesmo e o senhor do engenho justiceiro e juiz em si mesmo. (PUDSEY)

Sabe-se que a arquitetura dos complexos de açúcar do Nordeste no decorrer do tempo sofreu intensas intervenções que acompanharam os processos de modernização dessas indústrias até o seu completo abandono ou reuso. Sua organização funcional deveria responder de forma prática e eficiente às técnicas de manufatura do açúcar, que estipulavam espaço e equipamentos específicos para cada etapa da fabricação.

Essa conduta era bastante relevante, pois refletia diretamente na produtividade, de modo que a sequência e continuidade de operações do processo fabril se espelhavam nos encadeamentos físicos dos locais, associados a uma inserção bastante estudada do sítio, com atenção à topografia, ventilação, iluminação, recursos hídricos, fertilidade do solo, etc. Estas atitudes resultavam em otimização do tempo e da qualidade e quantidade do produto final.

O processo de produção do açúcar consistia em um procedimento bastante complexo. Sua compreensão se faz importante porque esclarece não somente quanto à disposição e conformidade do conjunto arquitetônico da fábrica, mas também porque fornece o

entendimento de algumas nomenclaturas específicas da produção. As mesmas aparecem nas falas de antigos moradores, bem como, nos versos de algumas manifestações folclóricas, como se verá adiante.

Como a fábrica não é a única construção importante do conjunto dos engenhos, segue uma descrição quanto às principais arquiteturas que os compõem.

1.1.1 Casa-grande

O engenho ocorreu no Nordeste do Brasil em dois modelos: bangüês e engenhos a vapor. Autores que tratam da estrutura edificada destes modelos são recorrentes em afirmar que esses conjuntos eram compostos por quatro principais construções: casa-grande, capela, fábrica e senzala. Esta é a postura de Gilberto Freyre, por exemplo, que intitula seu mais importante livro, *Casa-grande & Senzala*, destacando os dois espaços arquitetônicos de maior contraposição no contexto dos engenhos. Foram, portanto, a casa-grande e a senzala os elementos arquitetônicos responsáveis pelas funções do habitar no engenho.

É na casa-grande que se concentravam as ações principais ligadas à família que possuía o engenho. Seus cômodos agregavam espaços de receber, de comer, de dormir, de divertimentos, de socialização, de relaxamento, de introspecção, além de servir como resguardo para as mais variadas necessidades do engenho como um todo. Foram “*fortaleza, banco, cemitério, hospedaria, escola, santa casa de misericórdia (...)*” (FREYRE, 2006, p.36).

Em campo, constataram-se algumas dessas ações através de depoimentos relativos a elas; a presença de cofres, de espaços de estudos, de quartos assombrados, de cheiros da cozinha. Essas estruturas deviam atender a vários aspectos da vida social, uma vez que, como se viu, os engenhos se constituíam em unidades isoladas, devido às grandes distâncias entre um e outro.

Sobre a implantação no sítio, afirma-se que as casas-grandes dos antigos engenhos de açúcar localizavam-se, geralmente, nos pontos mais elevados do terreno⁵. Voltando a analisar Post, as casas-grandes representadas pelo artista tendem a ratificar essa afirmação, pois, geralmente, estão situadas de forma a propiciar uma visão da fábrica e dos outros elementos do conjunto. Pode-se perceber ainda sobre as casas-grandes pintadas por ele, que as mesmas apresentam dois pisos, característica que auxilia nessa posição de maior altura e de visibilidade da paisagem.

⁵ Geraldo Gomes (2006, p.72) e Diégues Júnior (2006, p.214).



Figura 9: Algumas casas-grandes de engenho, representadas por Frans Post.
Fonte: Lago,2007.

De acordo com Gomes, as casas-grandes do Nordeste não se caracterizaram como residências com significativos aspectos formais e de imponência arquitetônica (2006, p.118). Para as casas alagoanas, Diéguas Júnior enfatiza a afirmativa de Gomes quanto a habitações mais simples:

A casa-grande de engenho nas Alagoas não difere, de modo geral, do tipo arquitetônico conhecido em Pernambuco e em outras áreas açucareiras. A arquitetura é a mesma: a construção obedece à mesma utilização de material [...] foram modestas as casas-grandes dos engenhos alagoanos [...] ilustres pela amplitude de suas varandas, de suas salas, de seus quartos, pelas suas tradições e menos pela arquitetura propriamente dita [...] (JÚNIOR, 2006, p.212).

Sobre a casa-grande, Vauthier representa um modelo do século XIX, em desenho escalonado. Assemelha-se à reprodução de Post, constituindo-se por dois pavimentos com telhado em quatro águas, e difere das gravuras do século XVII quando apresenta a capela inserida na mesma edificação da casa principal. Aproxima-se, porém, quanto à conformidade de alguns tipos encontrados em Pernambuco nos exemplares dos engenhos Poço Comprido, Uruaé e Jundiá.

O desenho de Vauthier se trata de uma representação gráfica com escala. Ao unirmos o desenho da cobertura com a planta baixa dos cômodos internos, percebemos que esta se apresenta seccionada. Isto pode sugerir que o desenho se refere aos ambientes disponibilizados para visitantes, uma vez que o autor esteve instalado neste exemplar. Dessa forma, representa quatro quartos de hóspedes, a capela, uma circulação, e alguns dos cômodos destinados à família, como jantar, estar e copiar.

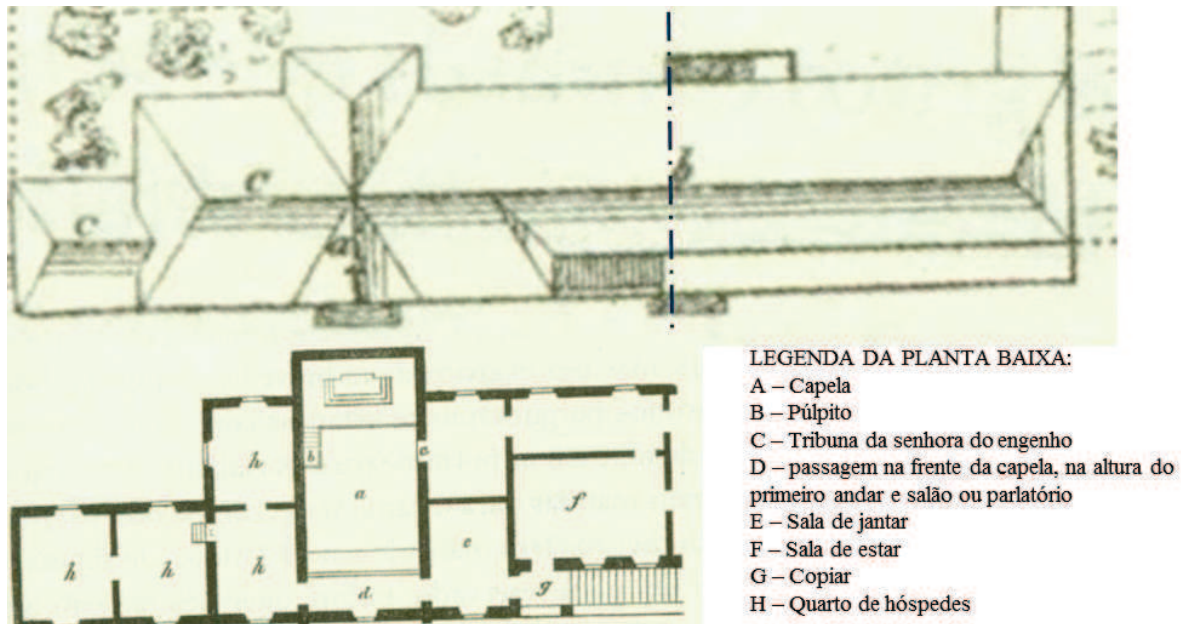


Figura 10: Planta de cobertura e planta baixa da casa-grande de um engenho.

Fonte: Adaptada pela autora de VAUTHIER, 1975, p.80

Podemos considerar, portanto, que o desenho da casa principal indica certo zoneamento, separando ambientes de uso coletivo e cômodos privados. Isto implica que alguns elementos do interior não foram representados, o que impossibilitou conhecermos as áreas destinadas aos membros da casa principal. Semelhante a este exemplar, a casa-grande do engenho Noruega, em representação de Cícero Dias, exhibe outros cômodos que complementam a análise comparativa entre os desenhos aqui estudados.

Dessa forma, na pintura de Cícero Dias, a casa-grande é representada ao centro da imagem, como já foi mencionado. E no seu interior observam-se várias ações do cotidiano, diferente do destaque nas gravuras de Post, que enfatizam as ações da fábrica.

Dias mostra a casa-grande com muitos cômodos internos com distintas funções. Em cerca de cinco cômodos, não há destaque na presença humana, apresentando-se como ambientes de apoio. Através da leitura desse desenho, pode se perceber que em nove ambientes, dos doze que mostram ações de pessoas, a presença do escravo é sempre registrada desempenhando serviços domésticos.



Figura 11: Casa-grande representada por Gilberto Freyre com desenho de Cícero Dias.
Fonte: Freyre, 2006.

Há de se destacar a ênfase na alimentação, por exemplo, na representação que parece ser o ambiente da cozinha. A mesma apresenta-se em dois espaços, interligados entre eles, onde se mostra o mobiliário e os utensílios essenciais para o funcionamento das atividades, com destaque para a grande mesa central e também para a mesa de apoio que auxilia o manuseio dos alimentos. Mostra-se como um cômodo de bastante movimentação, com várias ações distintas, desempenhadas paralelamente.



Figura 12: Cozinha do engenho Noruega. Representação de Cícero Dias.
Fonte: Freyre, 2006.

Estas estão relacionadas com a atividade da alimentação. O preparo é realizado em mesas, no fogão a lenha, ou mesmo no chão, ao que parecem ser escravas utilizando um pilão para moer algum ingrediente. É possível perceber ainda carregadores, um cachorro, além das pessoas em ação e outras sentadas. Observa-se também que este ambiente concentra o maior número de escravos.

Na representação do ambiente indicado como a sala de refeições, por sua vez, estão vinte e quatro pessoas, possivelmente a família e agregados em um dia de reunião ou festividade. Vinte e uma pessoas estão sentadas à mesa, e três em pé, caracterizadas como escravos que deviam incumbir-se de servir aos comensais.



Figura 13: Mesa de jantar representada por Gilberto Freyre com desenho de Cícero Dias.
Fonte: FREYRE, 2006.

Enfatizando a importância da alimentação sugerida no desenho de Cícero Dias, um dos aspectos mais comentados nas fontes bibliográficas são os dias de festa: reuniões sociais,

comemorações religiosas, férias, banhos e domingueiras, etc. As fontes literárias são pródigas em descrições destas atividades voltadas para o contexto da transição do século XIX para o XX, que condiz com o período da representação de Freyre e Dias. É também o que trata um relato de José Lins do Rêgo no livro *Menino de engenho*, que igualmente corrobora na importância concedida ao local das refeições na casa-grande.

[...] Na grande sala de jantar estendia-se uma mesa comprida, com muita gente sentada para a refeição. O meu avô ficava do lado direito e a minha tia Maria na cabeceira. Tudo o que era para se comer estava à vista: cusuz, milho cozido, angu, macaxeira, requeijão. Não era, porém, somente a gente da família que ali se via. Outros homens, de aspecto humilde, ficavam na outra extremidade, comendo calados. Depois seriam eles os meus bons amigos. “Eram os oficiais carpinas e pedreiros, que também se serviam com o senhor de engenho, nessa boa e humana camaradagem do repasto.” (RÊGO, 2010, p.33).

1.1.2 Capela

Considerando que a maioria dos habitantes da colônia professava a religião católica, é aguardada a existência da capela nos engenhos. Assumia assim um papel importante no complexo sócio econômico dos conjuntos, tratada como um símbolo a que se devia obediência (GOMES, 2006, p.167).

Gomes relaciona, também, a presença da capela nos conjuntos dos engenhos ao fato delas serem construídas em material resistente, o que pode explicar a sua constatação em campo, ainda nos dias atuais.

A força e a estabilidade da Igreja no campo eram incontestáveis. E isto, de certa forma, se reflete nos materiais empregados na construção das capelas rurais. A iconografia holandesa nos mostra vários tipos de capelas e nenhuma delas parece ter sido construída em taipa, como algumas casas-grandes. (GOMES, 2006, p.171)

Analisando outra imagem de Post, o engenho é novamente representado inserido em um entorno de paisagem que apresenta os mesmos aspectos da anterior: a cena se situa envolta pela natureza, em terreno de declividade suave, composto das edificações esparsas no terreno com a presença de recurso hídrico ao fundo. A vegetação encobre os vales e as pessoas estão presentes no cômodo da fábrica e em suas proximidades.



Figura 14: Engenho representado por Frans Post. Destaque para a representação da capela.
Fonte: LAGO, 2007.

Em seus trabalhos, Post geralmente apresenta as capelas implantadas em nível próximo ao das casas-grandes ou acima delas. Possuem telhado principal em duas águas, alpendre frontal, entrada centralizada e janelas laterais na forma de seteiras (aberturas verticais e estreitas). A fachada não apresenta quase nenhum adorno.

Já em Vauthier, como vimos, a capela se agrega à casa-grande e se apresenta como divisor entre ambientes. Podemos identificar algumas características arquitetônicas, similares aos modelos seiscentistas: exibe-se como uma construção em forma retangular, constituída em nave única. Seu telhado se apresenta em destaque em relação à cobertura do restante da casa-grande. O autor destaca como elementos deste exemplar o púlpito; a tribuna, que é indicada para a senhora do engenho, como mencionado; e a passagem, que liga o cômodo da sala ao quarto de hóspedes. Percebemos ainda, a existência de uma escadaria com cruzeiro, em sua fachada principal.

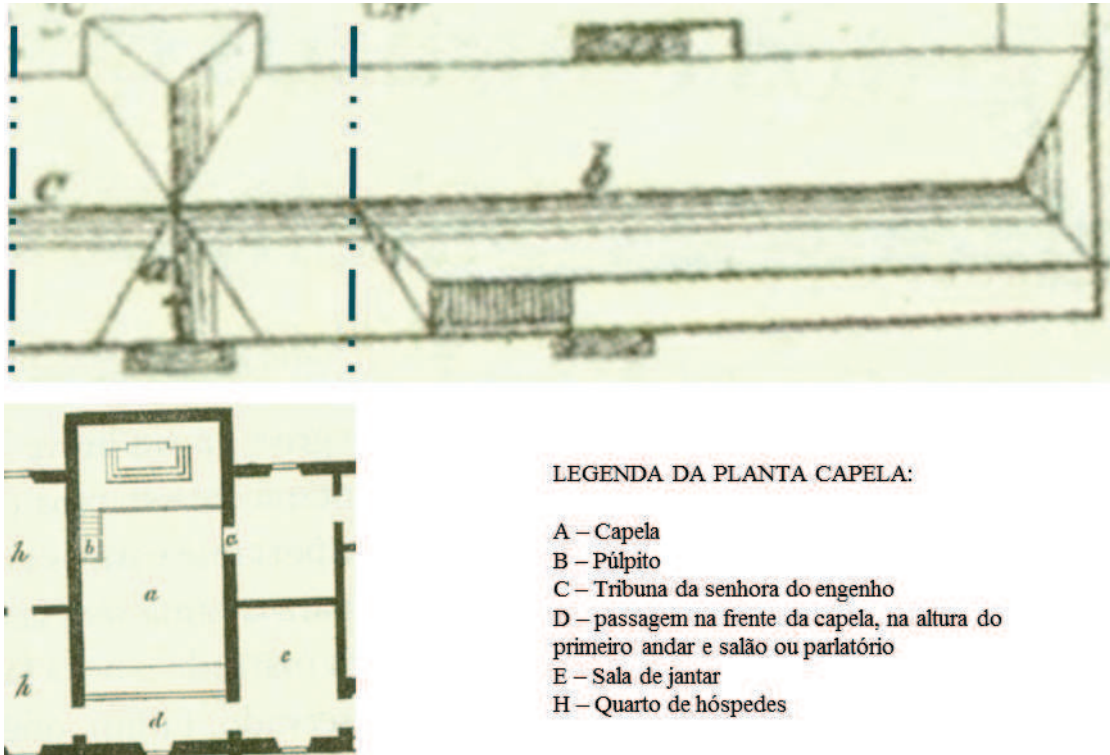


Figura 15: Planta de cobertura e planta baixa da casa-grande de um engenho.

Fonte: Adaptada de VAUTHIER, 1975, p.80.

Dentre os elementos ressaltados por Vauthier no desenho acima, destacamos o púlpito, que é uma característica que se remete aos modelos encontrados em campo em Alagoas, como veremos adiante, e a tribuna destinada à senhora do engenho, que implica em um resguardo da mesma, apesar de a capela estar voltada para os visitantes, para outros moradores do engenho e para a família principal.

Analisando a representação da capela do engenho Noruega, esta apresenta uma composição formada por um adro, cercado por mureta, no qual aparece alguma vegetação e o cruzeiro, semelhante ao visto na capela desenhada por Vauthier. Possui ainda uma escadaria que direciona ao interior do prédio que se constitui por uma nave central, com corredores laterais. A escadaria possui bancos voltados para o altar, decorado com imagens. Percebe-se ainda um cômodo ao lado da nave, semelhante a um quarto que deveria ser destinado ao responsável pelas celebrações. Neste cômodo destaca-se a presença de duas figuras, uma provavelmente trata-se do sacerdote, e outra, sentada ao chão, parece ser um escravo, pronto para servi-lo.



Figura 16: Capela do Engenho Noruega representada por Cícero Dias.
Fonte: Freyre, 2006.

As comemorações e ritos celebrados nos interiores das capelas acompanhavam a trajetória humana dos moradores dos engenhos: missas, batizados, casamentos e funerais, ou seja, momentos alegres e festivos à convergência de tristezas e luto. Diégues Júnior comenta essas estruturas e em seguida descreve sobre como se apresentam seus modelos em Alagoas.

Não são capelas tristes ou fúnebres essas; ao contrário: na alvura de suas paredes, há um encanto a destacar. Entre altas palmeiras ou cercadas de árvores, ciprestes, fruteiras, as capelas dos engenhos oferecem um aspecto de doçura; têm um lirismo ingênuo; caracterizam a paisagem geográfica com o seu colorido.

[...] Quem percorre o norte alagoano encontra aqui e ali simples capelas; raras ou nenhuma as capelas majestosas, imponentes [...] (DIÉGUES JÚNIOR, 2006, p.215).

Constituíram-se as capelas, portanto, para estes conjuntos, como condicionadas ao cotidiano dos engenhos, estabelecendo-se como edificações com recorrência espiritual.

1.1.3 Fábrica

A fábrica é considerada como a principal edificação dos engenhos, devendo corresponder aos investimentos garantidos para a máxima produção do açúcar. De acordo com alguns autores, a fábrica tinha uma configuração que devia ser suficiente para abrigar a estrutura da força

motriz do engenho, fosse ele movido por roda d'água ou tração animal. Constituíam-se de um ou mais galpões alongados, cujos cômodos eram denominados no período colonial de casas⁶.

Geralmente essa construção estava localizada próxima ao rio, no caso dos movidos à roda d'água, permitindo que passasse pela construção o curso d'água que fazia girá-la. Segundo Diéguas Júnior, nos meados do século XVIII existiam três tipos de engenho d'água: o copeiro, meio copeiro e o rasteiro. Quando a água necessária para movimentar a moenda era captada pelo alto, denominava-se engenho copeiro, e exigia menor volume líquido em comparação com os outros dois tipos. Quando a água caía sobre a roda com pouca ou mesma altura que a moenda chamava-se engenho meio copeiro, e precisava de um pouco mais de volume de água para fazer mover a roda. Já para o engenho rasteiro era necessária grande quantidade de água porque nesse caso ela era captada de um ponto mais baixo que a moenda (DIÉGUES JÚNIOR, 2006, p.42-43).

A roda-d'água era a preferida pelos senhores de engenho, e muitas chegaram até o século XX, pois a aceitação do vapor d'água como força motriz não foi tácita. [...] A produção de um engenho a roda-d'água chegava a dobrar em relação àquele movido por animais. (GOMES, 2006, p.33)

Ainda segundo o autor, o engenho d'água, considerando o seu funcionamento e sendo a água o agente facilitador, foi o primeiro tipo conhecido no Brasil. Isso explica a prioridade da cultura da cana pelas proximidades das regiões com rios e riachos, combinando com a necessidade de escoamento do produto pela via marítima. A água, nesse sentido, é o colaborador do senhor do engenho na organização da economia, além de se fazer necessária a umidade do solo. Cabe também salientar seu uso para transporte de mercadorias, para banho de animais e das pessoas do engenho, daí o seu destaque no desenho de Vauthier, visto anteriormente.

Os engenhos de trapiches, ou almanjarras, cuja força destinada a moer se fazia por esforços animais, demandava uma estrutura de moenda constituída por toras em madeira unidas num ponto acima, que desciam obliquamente e se atrelavam aos animais por cordas de couro cru. Movimentando-se circularmente, os três cilindros da moenda giravam continuamente ao mesmo tempo, sendo para tal, necessário grande número de animais, pois periodicamente, se fazia imprescindível a troca para evitar o esgotamento dos mesmos, principalmente em época de safra quando as atividades produtivas exigiam mais trabalho.

⁶ De acordo com o dicionário de Bluteau o significado de casa: “*Cafa. Peça, ou parte do edificio. Apofento, &c. A palavra mais geral de que ufão os latinos, he conclave (...)*” (BLUTEAU, 1712-1721, 3v.).

As gravuras de Post costumam sempre destacar a construção da fábrica, como foi mencionado anteriormente. No desenho abaixo, o autor discrimina muitas ações e etapas da produção do açúcar. É possível perceber o descarregamento da cana (A), através de carros de boi; destaca na moagem, a engrenagem da roda d'água (B) e seus rolos por onde devia ser impressada a cana; e apresenta ainda, o espaço destinado ao bagaço resultante da moenda (C). Todo o processo é representado mostrando os espaços internos com seus equipamentos e registrando a presença dos trabalhadores.

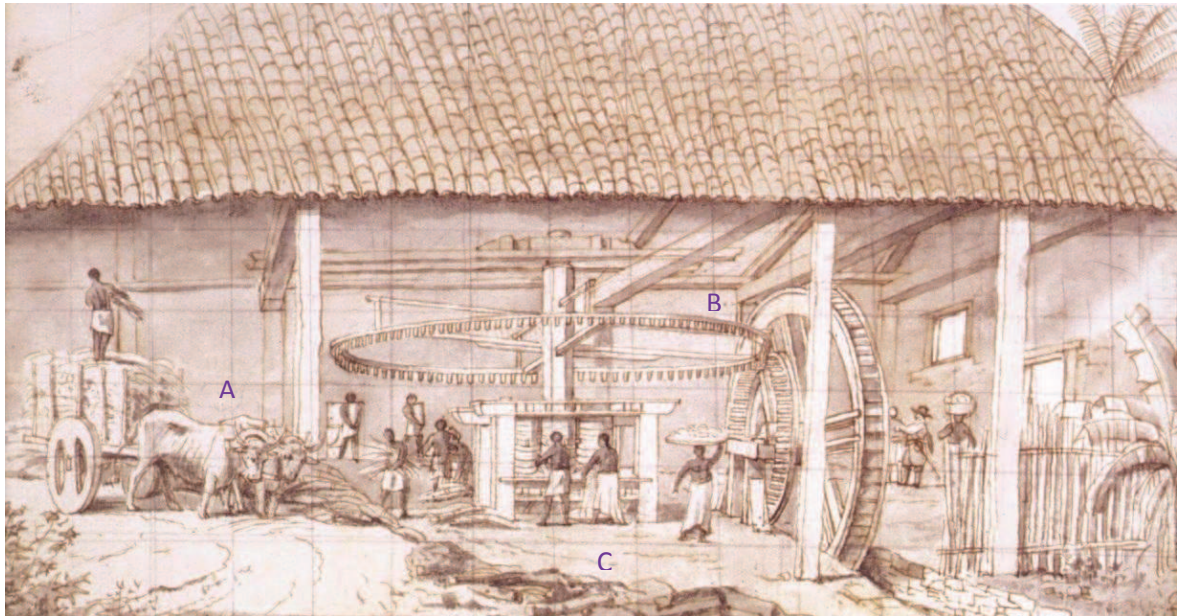


Figura 17: Representação de um engenho movido por roda d'água, realizado por Frans Post.
Fonte: LAGO, 2007.

Voltando à imagem de Cícero Dias, também é possível compreender as etapas e equipamentos utilizados na produção. Mostra-se o transporte da cana e dos sacos de açúcar através de carros de boi (A), assim como se mostra parte da roda d'água (B), acima do telhado, indicando ter se constituído como um engenho movido à água. Ao mesmo tempo, registra a presença de um bueiro (C) com vestígio da utilização do trem jamaicano que constava de uma fornalha com várias bocas, cuja tacha era aquecida na primeira boca com o calor passando às outras através de um túnel que afunilava até chegar ao bueiro (GOMES, 2006, p.42).

Com um corte do telhado, expõe a casa de purgar, que exhibe os pães de açúcar, que serão comentados adiante.

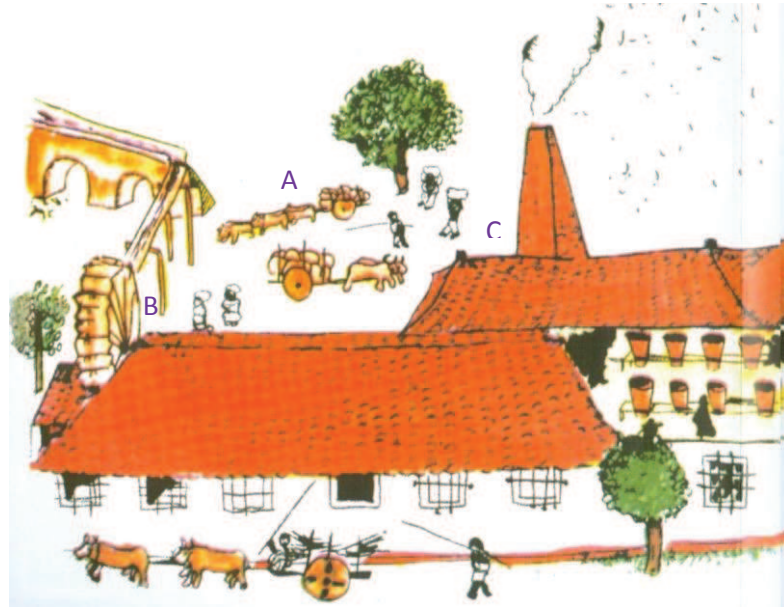


Figura 18: Fábrica do engenho Noruega, representado por Cícero Dias.
Fonte: Freyre, 2006.

Analisando agora o esquema da situação feita por Cícero Dias para o engenho Noruega, o conjunto da fábrica era composto por três construções, sendo que uma delas, a de maior dimensão e mais alongada, abrigava a roda do engenho, casa de purgar, picadeiro, casa da caldeira e o encaixotamento, ou seja, compreendia todas as etapas da produção. Mais tarde, com o surgimento dos engenhos movidos a vapor, os bueiros altos foram acrescentados às paisagens desses complexos. Geraldo Gomes, utilizando documentos do século XIX, nos dá as dimensões ideais para empregar uma fábrica de açúcar.

No contrato o engenho conterà as obras seguintes: casa para engenho, caldeira e purgar, levantada numa só cumeeira e sob os pilares de tijolos corrido, toda rebocada, tendo 50 palmos de largura e 212 de comprimento, coberta de telha e madeira corrida toda esta obra com 9 tesouras e 2 tacaniças. [...] Casa para bagaço coberta de telha levantada com o mesmo material sobre pilares rebocados e madeira lavrada, tendo 100 palmos de comprimento e 30 de fundo, roda d'água de madeira de amarelo ou sapucaia bem construída, cavouco feito de pedra seca... (Escrituras..., 1860, apud: GOMES, 2006, p.101, grifo do autor).

Outras duas edificações completavam o complexo da produção e abrigavam, respectivamente, a destilação e a casa de bagaço. Mais ou menos ao centro desse núcleo foi representado um tanque de mel, que devia se destinar aos animais.

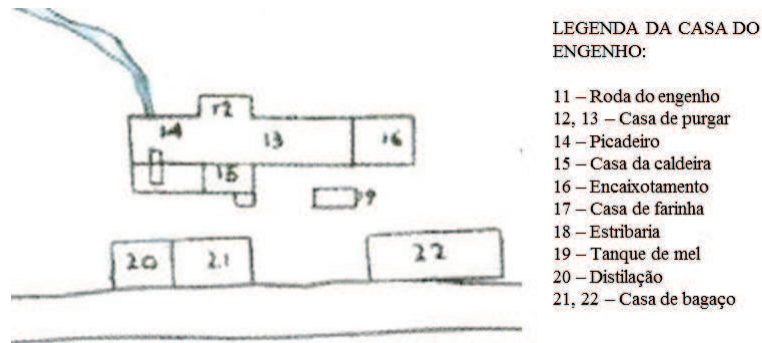


Figura 19: Conjunto da fábrica de açúcar do engenho Noruega, em representação de Cícero Dias.
Fonte: Freyre, 2006.

O processo da industrialização do açúcar, cujas informações foram compiladas pelos dois métodos de pesquisa já mencionados – consultas bibliográficas e visitas a campo⁷ – aconteciam por meio de três etapas: moagem da cana, cozimento do caldo e purga. O primeiro passo consistia em extrair o caldo na moenda do engenho. Esta podia ser movida através de uma roda d'água ou por tração animal, como já mencionado.

De acordo com relatos de época, como o de André João Antonil de 1711, as moendas mais antigas eram constituídas por três rolos ligados um ao lado do outro, composto por chapas de ferro dentadas para o encaixe. O rolo central estava conectado a um eixo de madeira (em formato de roda) que, ao girar, fazia-o também os rolos unidos um ao outro, primeiro o do centro, depois os dois laterais. A cana era espremida entre os rolos para extrair assim o sumo, que passado por outros processos resultava no açúcar.

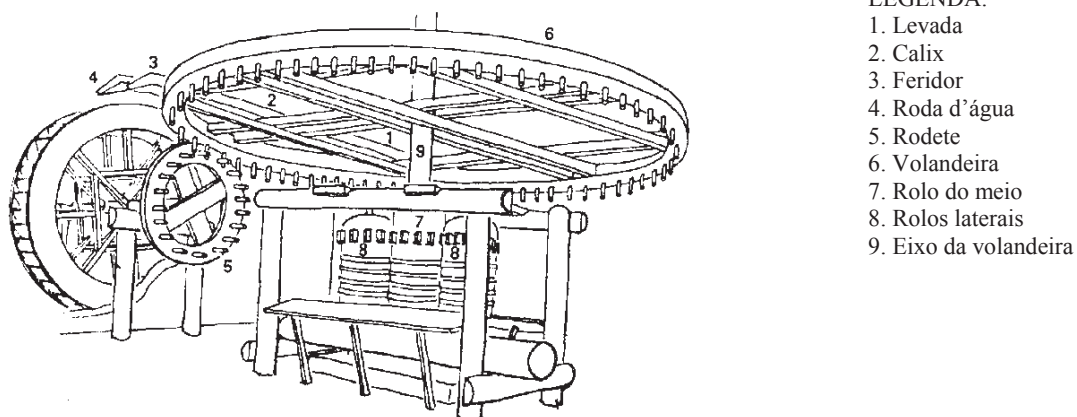


Figura 20: Partes da moenda.
Fonte: Adaptado pela autora, de GAMA, 1983, p.62

⁷ As visitas a campo serão mais detidamente tratadas nos próximos capítulos. Informações apresentadas nesta parte do texto são referendadas pelos resultados do projeto *Os engenhos na construção territorial de Alagoas*, com financiamento do CNPq, do qual a mestranda participou como pesquisadora.

O passo seguinte à moagem consistia na condução do caldo à casa das caldeiras, para ser cozido, através de tachas de cobre, em número de quatro ou cinco, aquecidas por baixo com fogo a lenha. Durante o processo de cozimento, o açúcar se submetia à limpeza do caldo cru, evaporação do caldo limpo, purificação do caldo evaporado, no qual se retiravam os resíduos de folhas e bagaço, para enfim resultar em um suco com cristais de açúcar e mel. Como o caldo perdia as impurezas e um pouco do líquido, derivava em uma mistura mais encorpada, alcançando o ponto ideal quando era submetido à última das tachas.

Durante algum tempo esse processo não sofreu melhorias. Apenas no início do século XIX foi adotada a fornalha contínua, conhecida por trem jamaicano, mencionado anteriormente. A próxima etapa era a purga onde o mel devia ser separado do açúcar cristalizado. De acordo com algumas bibliografias e a partir da constatação dos equipamentos da casa de purgar, que ainda se conserva em um dos engenhos visitados em Pernambuco, que veremos posteriormente, podemos entender esse processo. A casa de purgar era composta por um tablado, distanciado do chão e apoiado em mureta, que sustentava os pães de açúcar enfileirados por toda a extensão do cômodo.



Figura 21: Casa de purgar representada por Cícero Dias.
Fonte: Freyre, 2006.

O caldo, depois de batido no chão por uma espécie de vassoura, era recolhido e distribuído em fôrmas confeccionadas em madeira, argila ou metal, em formato semelhante a um cone invertido, denominadas pão-de-açúcar. Estas possuíam um orifício onde o mel escorria, restando os cristais e o açúcar, que, contido na fôrma em sua camada inferior, não perdia

totalmente a sua umidade. Denominado “cabucho”, esse açúcar era destinado, junto com o caldo que escorria das fôrmas, ao alambique para a fabricação da cachaça.

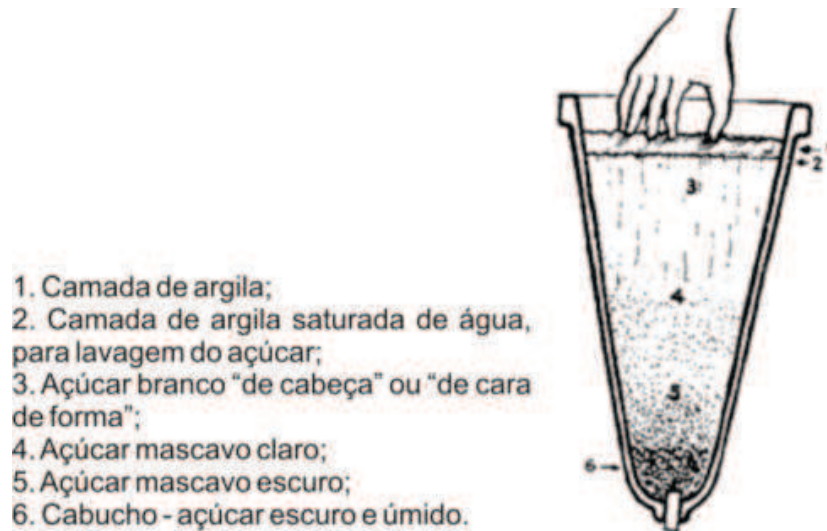


Figura 22: Pão-de-açúcar e detalhes para as qualidades em camadas do açúcar produzido.

Fonte: Adaptado de GAMA, 1983, p.170.

No fim do século XIX e início do XX, a fabricação do açúcar dos engenhos a vapor demandava dois grupos de trabalhadores. O primeiro consistia do tombador, do moendeiro e do bagaceiro verde (responsável por recolher o bagaço que resulta diretamente da moenda). Esse grupo devia seguir as orientações do moendeiro⁸, que controlava o desenvolvimento do volante, do motor e da caldeira de pressão que constituíam a moenda (SILVA, 1990, p.93).

O outro grupo era subordinado ao mestre do açúcar e era formado pelo caldeireiro, tacheiro e fomalheiro liderados pelo mestre de açúcar. Seus principais instrumentos de trabalho eram o vaso-morto⁹, a caldeira, o caldeirote, as tachas de cozimento, o rodo e bacia de alvenaria para bater o melaço, o balde de madeira para o cozimento do mesmo, fôrmas da casa de purgar, escumadeira e balde de passagem de caldo de uma tacha para outra. Essa equipe tinha por finalidade purificar, cozer, bater, purgar, ou seja, ficavam responsáveis pela qualidade do açúcar oferecido pelo engenho (SILVA, 1990, p.94-95).

Sobre os trabalhadores da fábrica e as funções desempenhadas na produção, as memórias escritas por Maria Rocha Cavalcanti em seu *Fatos e personagens de São Miguel dos Campos* detalham o cotidiano e recordam os nomes dos antigos trabalhadores e animais do engenho Varrela.

⁸ Também chamado de “maquinista”, conforme dito pela senhora Rubenita Adão, antiga cozinheira do engenho Salgado.

⁹ De acordo com Manuel Diégues Júnior, tratava-se da caldeira que recebia o caldo frio (JÚNIOR, 2006, p. 312).

O engenho moendo, o cheiro do mel subindo até a casa-grande. Na safra, o engenho era movimentadíssimo. Uma burra velha, chamada ‘Cassuleta’, com um couro de boi arrastando, dava intermináveis viagens levando o bagaço seco para a fornalha. Os cambiteiros enfileirados trazendo cana para dentro do engenho; as mulheres ‘tombando’ a cana para a moenda. A pobre ‘Cassuleta’ saía com o bagaço verde para a bagaceira e voltava com o bagaço seco para a fornalha. O Virgílio Basílio, de óculos escuros, empurrava com um varão o bagaço para alimentar a fornalha. De corpo quente, como ele dizia, só podia tomar banho dia de domingo... à tarde! O mestre de açúcar, Seu Paranhos, com aquelas conchas bem grandes, amarradas no teto a passar o caldo, depois o mel, de uma tacha para outra até dar o ponto e passar tudo para o tanque. João Preto, nu da cintura para cima, atlético e lustroso de suor, empurrando de um grande rodo, até o mel açucarar. Outros vinham com as formas, chamadas pão-de-açúcar para encher abrindo uma pequena comporta (ACCIOLY, 1992, p.50).

Quanto à sensação de ter estado em uma antiga fábrica de açúcar, a literatura continua a nos auxiliar no que tange à descrição dos engenhos com mais vivacidade, movimento e detalhes, como aponta José Lins do Rêgo, sobre uma visita a essa edificação.

Depois do café mandaram-me para o engenho, que estava nos fins de moagem. Eram uns restos de cana que aproveitavam. (...) Ficava a fábrica bem perto da casa-grande. Um enorme edifício de telhado baixo, com quatro biqueiras e um bueiro branco, a boca cortada em diagonal. Não sei por que os meninos gostam tanto de máquinas. Minha atenção inteira foi para o mecanismo do engenho. Não reparei mais em nada. Voltei-me inteiro para a máquina, para as duas bolas giratórias do regulador. Depois comecei a ver os picadeiros atulhados de feixes de cana, o pessoal da casa de caldeiras. O mestre Cândido com uma cuia de água de cal deitando nas tachas e as tachas fervendo, o cocho com o caldo frio e uma fumaça cheirosa entrando pela boca da gente.”

- É aqui onde se cozinha o açúcar. Vamos agora para a casa de purgar.

Dois homens levavam caçambas com mel batido para as formas estendidas em andaimes com furos. Ali mandava o purgador, um preto, com as mãos metidas na lama suja que cobria a boca das formas. Meu tio explicava como aquele barro preto fazia o açúcar branco. E os tanques de mel de furo, com sapos ressequidos por cima de uma borra amarela, me deixaram uma impressão de nojo.

Andamos depois pela boca da fornalha, pela bagaceira coberta de um bagaço ainda úmido. “Mas o que mais me interessava ali era o maquinismo, o movimento ronco da roda grande, e a agitação febril das duas bolas do regulador (RÊGO, 2010, p.34).

1.1.4 Senzala

Esses espaços foram organizados para abrigar a grande quantidade de escravos e trabalhadores desse complexo. É o assunto que pretende ser esquecido porque *“traz o gosto amargo de **fel**, tão distante da doçura de **mel** do dulcíssimo açúcar”* (QUINTAS, 2007, p.80).

Geraldo Gomes afirma que o registro das senzalas não foi uma incumbência dos quadros pintados por holandeses.

Pouco, ou quase nada, sobre a casa dos escravos. Aliás, os quadros dos pintores holandeses também não mostram a habitação dos escravos ou algo que pudesse admitir como tal. Evidentemente existia, mas não devia ser importante como um edifício do engenho ou não merecesse figurar nas belas paisagens pernambucanas (GOMES, 2006, p.105).

Porém, na imagem do exemplar abaixo, percebe-se anexa à casa-grande a existência de uma edificação horizontalizada e marcada apenas com portas, que pode se constituir como indício de uma senzala de engenho. A cobertura se apresenta em material parecido com sapé e a cor distinta das outras edificações, em um tom terroso, pode mostrar também uma diferença quanto aos materiais empregados na sua construção.



Figura 23: Gravura de um engenho representado por Frans Post.
Fonte: LAGO, 2007.

Já Vauthier nos detalha melhor esta edificação quando nos apresenta um desenho em planta e corte onde se vê que a senzala no século XIX se compunha de um conjunto de cômodos de dimensões iguais, unidos sob telhado único e com varanda curta, mostrando alguma semelhança com a gravura de Post.

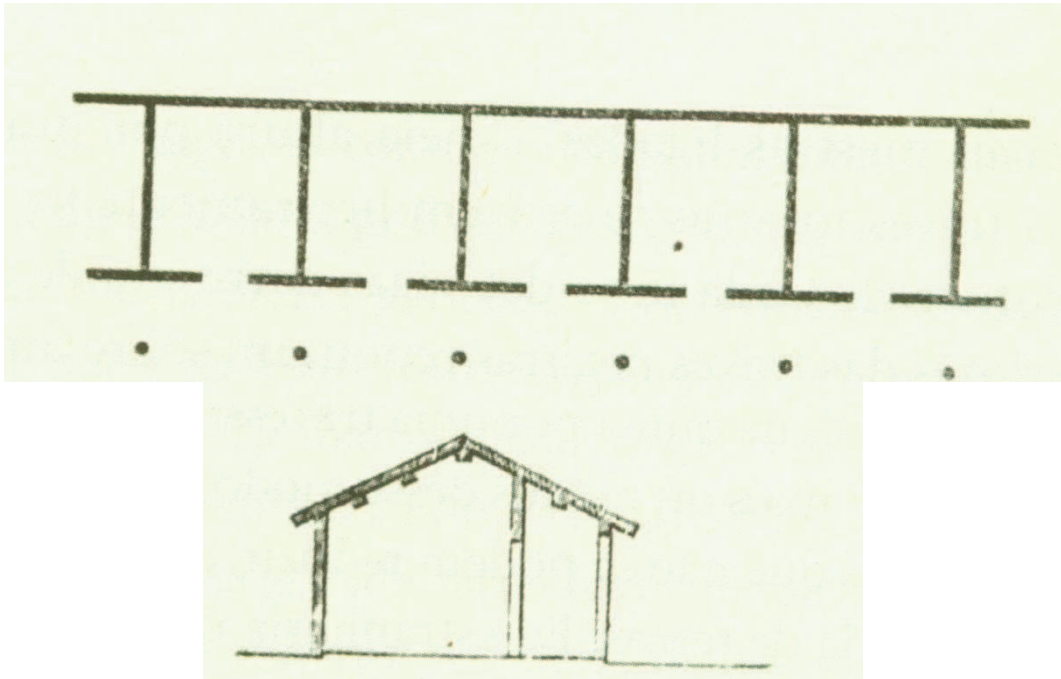


Figura 24: Esquema em Planta baixa e corte de um engenho.
Fonte: VAUTHIER, 1975, p.50.

Analisando a senzala desenhada por Cícero Dias, a mesma apresenta estrutura arquitetônica que expõe as casas compostas por porta e janela compondo um conjunto único, em formato de 'L'.¹⁰ Destaca a área externa, que a separa da casa-grande, como um espaço destinado às distintas ações desempenhadas pelas figuras humanas. Na leitura da reprodução de Cícero Dias e fazendo a análise das dimensões representadas no desenho de Vauthier, nota-se que o ambiente externo devia ser bastante utilizado pelos escravos, uma vez que os mesmos possuíam pouco espaço no interior das habitações. Com áreas reduzidas, sem maiores aberturas, os cômodos não apresentavam nenhum conforto. Constituíam-se, portanto, os terrenos frontais das senzalas, como espaço multiuso, onde se podia cozinhar, dormir, conversar, dançar e relaxar.

Essas ações podem ser observadas no desenho de Cícero Dias, onde são apresentados alguns escravos improvisando danças e divertindo-se com instrumentos musicais, e outros em situações de descanso e relaxamento. Podemos destacar ainda cenas compostas por moleques em brincadeiras infantis, inclusive com a presença de crianças brancas.

¹⁰ Semelhantes a alguns exemplares investigados em campo, como é o caso do engenho Massangana, em Pernambuco, e do engenho Salgado, em Alagoas, que serão mais bem apresentados posteriormente.



Figura 25: Senzala do Engenho Noruega representada por Cícero Dias.
Fonte: Freyre, 2006.

Contudo, o convívio representado na imagem apresenta ações atenuadas, já que são conhecidos os maus tratos recebidos pelos escravos. Porém, se olharmos com detalhe o desenho, vemos a cena que apresenta um menino negro, puxando um moleque branco segurando um artefato que sugere ser um chicote, o que denuncia a outra versão da escravidão.



Figura 26: Cena de criança negra puxando uma criança branca. Detalhe da Figura 25.
Fonte: Freyre, 2006.

Diégues Júnior, citando Tollenare, foi veemente sobre o tratamento adotado para os escravos:

O senhor de engenho armado de um chicote e visitando as dependências de sua fábrica, é um rei que só descobre em volta de si animais, que são os seus negros; escravos, que maltrata, e são seus moradores, e alguns vassalos inimigos, que são seus lavradores (DIÉGUES, 2006, p.26).

Ainda de acordo com o mesmo autor, apoiado em fonte do século XVII, para a fabricação do açúcar eram necessários em torno de sessenta escravos, os quais se prestavam ao corte da cana e ao seu carregamento, ao manuseio da lenha, à limpeza das caldeiras, aos cuidados com as tachas, para fazer o mel e outros. Além dos negros empregados para a produção do açúcar, também era grande a quantidade de escravos que serviam à casa-grande, caracterizada na figura da escrava, empregada em todos os serviços a que se prestava.

Mãe-preta, mucamas, conselheiras, artesãs e geralmente cozinheiras eram as ações desempenhadas pelas negras. Diz-se que a maioria dos brasileiros à época colonial e pós-colonial foram criados e educados por escravas, que substituíram a branca atuando como mães postiças.

Na culinária os africanos e seus descendentes tiveram participação ativa, influenciando a vida social, uma vez que quando se procuravam ou vendiam escravas no mercado, buscava-se a aptidão de cozinhar. Foram responsáveis por enriquecer o paladar do engenho na criação de novos sabores, tendo como principais contribuições o azeite-de-dendê e a pimenta-malagueta, além do preparo de pratos com o quiabo, a banana, novos temperos para a galinha e para o peixe, destacando a farofa, o quibebe e o vatapá (FREYRE, 2007, p.193).

A cozinha, porém, não esteve destinada apenas para o preparo dos pratos típicos do dia-a-dia, sobrecarregados de pimenta e temperos, mas também foi tida como o “*oráculo de confissões, de fuxicos, de troca de sigilos*”, como Quintas conclui a seguir:

Tanto quanto o confessionário, o suposto esconderijo do fabrico das guloseimas sumarizou o grosso caudal por onde escoaram conversações em tom introspectivo, sonhos recônditos, mistérios femininos. Debaixo do manto da solidão, a larga e tosca mesa da cozinha agasalhou os pudores de mulheres acanhadas – lugar de especial atrativo para o transbordamento de dizeres porventura perigosos ou pecaminosos. Com a devida reserva, a palavra ali soada e ressoada exerceu importante função libertadora. Pretas velhas, mucamas, sinhazinhas, sinhás-donas, nhonhês coabitaram os momentos de relaxamento que o forno e o fogão possibilitavam. Entre receitas, o rastro dos apetites, seja qual for a etiologia – palatal ou sexual –, deixou-se singrar em discursos reprimidos (QUINTAS, 2007, p.110).

O escravo, ao longo dos ofícios dedicados aos engenhos, tornou-se sinônimo do serviço exploratório, com exigência quanto à máxima eficiência de sua força física e mental. As tarefas pesadas, aliadas às péssimas condições de trabalho e das muitas horas empregadas à atividade rotineira, intitulou a manufatura do açúcar como tirânica e cruel.

1.1.5 Outras Instalações

Certas atividades sempre estiveram integradas na vida do engenho, como que ancilarmente ligadas à economia do açúcar. Atividades não somente complementares, mas igualmente indispensáveis, no ritmo de trabalho, às necessidades imperiosas daquele quase feudo autárquico que era o engenho. Ainda hoje muitas delas, ou quase todas elas, existem, incluídas na área do engenho, e participando, se não contribuindo, para o equilíbrio de vida do estabelecimento (DIÉGUES JÚNIOR, 2006, p.67).

É imaginável a diversidade de ações que estariam ligadas aos complexos dos engenhos além das produzidas pelo quarteto conhecido: casa-grande, capela, senzala e fábrica. Carpintaria, olaria, casa de farinha, caieiras, estrebarias e curral são algumas das instalações que eram ativas e necessárias ao funcionamento dessas estruturas, conforme demonstra o croqui de Cícero Dias.

Segundo Diégues Júnior, era comum a presença de carpinteiros e marceneiros para a confecção de peças imprescindíveis ao amparo da fábrica dos engenhos, na construção e manutenção de carros de boi, de equipamentos usados na moagem da cana, embarcações para usos diversos, móveis para a casa-grande, etc.

Nas olarias confeccionavam-se telhas para as cobertas da casa, fôrmas de barro, louças para venda em feiras, tijolos usados nas construções dos conjuntos, inclusive das chaminés e bueiros já nos tempos do engenho a vapor, e também às vezes fabricados para a venda em centros urbanos próximos. As caieiras produziam a cal usada na caiação das propriedades e também na produção do açúcar, na etapa da purga.

As caieiras fornecem a cal necessária às atividades do engenho. Não só para a caiação de casas de residência ou da casa do engenho, como também para utilização no reparo do açúcar, a atividade da caieira proporciona ao engenho a cal por este consumida (JÚNIOR, 2006, p.67).

Outra instalação necessária era a casa de farinha, onde era produzido o alimento fundamental para ser consumido pelos moradores do engenho. O produto resultante dessa produção era utilizado na confecção de comidas típicas para serem comercializadas nas feiras, como beijus, tapiocas e chapéus-de-couro, os quais tinham como principal ingrediente, além da farinha, o coco (DIÉGUES JUNIOR, 2006, p.68).

Gilberto Freyre comenta sobre o valor nutricional da farinha, inclusive sobre seus atributos proteicos:

A farinha – alimento hidrocarbonado, com proteína de segunda classe e pobre de vitaminas e de sais minerais – é considerada por vários especialistas em assuntos de nutrição alimento de fraco valor. Mesmo quando ingerida seca – observava pitorescamente em 1909 um estudioso do regime de alimentação na Bahia – “duplicando de volume, distende fortemente as paredes do estômago [...]” podendo dar lugar a “fermentação anormais”. Além do que pela “existência de fibras lenhosas da raiz da mandioca”, contribui para “a formação de bolos fecais endurecidos, constituindo verdadeiros fecalomas, capazes de resistirem às fortes lavagens e aos mais enérgicos purgativos...” (...) (FREYRE, 2006, p.148).

O autor revela ainda, como acontecia o processo de fabricação da farinha à época dos índios de 1500, testemunhado por Gabriel Soares:

(...) depois de lavadas, ralam-nas em uma pedra ou ralo que para isso tem, e depois de bem raladas, espremem essa maça em um engenho de palma a que chamam tipiti que lhe faz lançar a água que tem toda fora, e fica essa maça enxuta, da qual se faz a farinha que se come, que cozem em um alguidar para isso feito, em o qual deitam esta maça e a enxugam sobre o fogo onde uma índia a meche [sic] com um meio cabaço, como quem faz confeitos, até que fica enxuta, e sem nenhuma humidade, e fica como cuscuz; mas mais branca, e desta maneira se come, é muito doce e saborosa. (FREYRE, 2006, p.190).

Procedia do processo de produção dos engenhos, também a rapadura e a cachaça. Esta última, já mencionada, era resultante do aproveitamento do mel que sobra do escoamento dos pães de fôrma e passam por um processo de destilação em alambiques feitos de ferro ou barro. O produto é bastante consumido e usado como temática folclórica e aparece em versos de manifestações ligadas à cultura popular como a expressão dos cantadores nordestinos, conforme transcreve Diégues Júnior.

Ninguém sabe e avalia
 Aguardente como é,
 serve para qualquer misté,
 Pra sezão e marlizia
 Até mesmo hidropisia
 Ou a febre renitente
 Melhora logo de repente
 Quando não tem de morrê,
 Por isso vamos dizê:
 É bom bebê aguardente.
 (DIEGUES JUNIOR, 2006, p.78)

2. ENGENHOS PERNAMBUCANOS

A opção por visitar exemplares de engenhos no Estado de Pernambuco partiu da necessidade de conhecer unidades razoavelmente mantidas na sua integridade e, portanto, confrontar as descrições da literatura, sobre o processo de fabricação, com exemplares concretos. A seleção dos locais se deu por indicações da literatura e de pesquisadores¹¹, que buscou otimizar as idas a campo, e por isso optou-se por regiões que concentrassem um bom número de exemplares dessas unidades fabris conservados.

Foram visitados em Pernambuco nove engenhos, dos quais destacamos para aprofundar na presente dissertação cinco exemplares: um está situado no município de Cabo de Santo Agostinho (Massangana), dois na região de Vicência (Jundiá e Poço Comprido), e dois em Goiana (Uruaé, Várzea Grande). Esses estudos permitiram conhecer não apenas o espaço físico e suas edificações, mas também possibilitaram o relato de um antigo funcionário e dois proprietários. A seguir será apresentado o conjunto dos exemplares visitados destacando suas especificidades mais significativas em termos de dados contribuintes para a pesquisa.

O engenho **Massangana** recebeu o nome do rio Massangana¹², quando à época em que produzia açúcar servia como via de escoamento para o produto. É tombado em nível estadual como Parque Nacional da Abolição¹³. Este exemplar tem destaque dentro do ciclo açucareiro porque foi onde nasceu e morou Joaquim Nabuco, que lutou contra a escravidão e foi onde o próprio diz ter constituído as bases dos ideais abolicionistas definidos em sua trajetória de vida.

¹¹ Agradeço ao professor Augusto Aragão de Albuquerque pelas sugestões e informações acerca dos exemplares pernambucanos, que foram essenciais na investigação.

¹² A palavra Massangana tem origem africana e significa confluência, foz, lugar onde dois rios se encontram. As terras do engenho uniam dois riachos, o Massangana e o Algodoads. Disponível em <joseneidebarbosa.blogspot.com.br/2012/07/engenho-massangana.html>. Acesso em fev/2013.

¹³ Ver site do engenho, disponível em <<http://engenhomassangana.wordpress.com/about/>>. Acesso em fev/2013.



Figura 27: Vista aérea do conjunto e dos terrenos do engenho Massangana, localizado em Cabo de Santo Agostinho-PE. 1) Capela. 2) Casa-grande. 3) Casa de trabalhadores ou senzala.

Fonte: Adaptada pela autora, de <https://maps.google.com.br/maps?hl=pt-BR&tab=wl>.

Atualmente nas suas instalações existem espaços destinados a contar a história do açúcar e também sobre a vida do seu ilustre proprietário. Na rotina das funções que são realizadas neste local, incluem-se exposições, atividades educacionais, mostra iconográfica do século XIX, e visitas guiadas.

O engenho **Poço Comprido**, localizado em Vicência, constitui-se como um dos exemplares mais antigos da região e dos mais importantes de Pernambuco. A casa-grande e a capela foram tombadas, pelo IPHAN, em 1962, com inscrição no livro de Belas Artes. Passou por reformas sob a responsabilidade da FUNDARPE (Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco) em 2004. As características arquitetônicas da casa-grande datam do século XVIII, e de acordo com o mesmo site citado, pode ser o único exemplar que ainda conserva elementos edificadas dessa época.

Foram conservados a casa-grande, a capela, a fábrica e um galpão, próximo à casa principal cuja antiga função não foi conhecida. Estas edificações estão esparsas no terreno com níveis altos e baixos. De acordo com o depoimento de um funcionário, a cana é cultivada em terrenos próximos do conjunto que se conserva.

O engenho Poço Comprido é aberto à visitação com ajuda de guia. Esse exemplar, além de tombado como Patrimônio Cultural, como mencionado, se constitui como ponto de cultura¹⁴ e, portanto, recebe apoio do Ministério da Cultura que investe para a concretização de ações ligadas às temáticas culturais. O galpão, que se situa próximo à casa-grande, atualmente é utilizando para a efetivação dessas práticas, principalmente produtos artesanais, que utilizam como matéria-prima principal a fibra da bananeira.



Figura 28: Algumas edificações do conjunto do engenho Poço Comprido, localizado em Vicência - PE.
Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2011.

A opção por visitar o engenho **Jundiá** foi um apontamento do livro de Geraldo Gomes¹⁵, que ressalta a integridade física não apenas das suas edificações, mas também dos equipamentos da antiga fábrica. Está situado na região do vale Siriji, conhecido pelas atividades de voo livre no pico denominado Jundiá, que inspirou o nome da propriedade. Nossa visita foi guiada pelo proprietário, João Antônio Correia, que estuda a sociedade açucareira da região, inclusive depõe no documentário intitulado Cultura do Açúcar¹⁶, o qual é exibido nas instalações do engenho Massangana.

¹⁴ Trata-se da ação prioritária do Programa Cultura Viva do Ministério da Cultura, cujas ações relacionam-se com iniciativas culturais e tem como objetivo a articulação, recepção e disseminação. Para tanto contam com agentes com a função de articular essas atividades dentro da comunidade. (Disponível em <<http://www.cultura.gov.br/culturaviva/ponto-de-cultura>>. Acesso em 11.03.2013.

¹⁵(GOMES) Inclusive a edição consultada apresenta na capa a imagem da casa de purgar desse exemplar.

¹⁶Cultura do açúcar. Produção de Cristian Jerônimo, Fátima Accetti e Nilza Lisboa. Recife: Fundação Joaquim Nabuco. 1 CD-ROM



Figura 29: Conjunto das principais edificações do engenho Jundiá, localizado em Vicência - PE.
Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2011.

A propriedade do engenho **Uruaé**, com importante acervo arquitetônico que data do século XVIII, conserva capela, casa-grande, senzala, casa de trabalhadores, fábrica e usina.¹⁷. Até há pouco tempo, se constituía como hospedaria, porém, atualmente atende apenas a visitas. A parte fabril não está incluída no ciclo de visita, apesar de possuir elementos importantes para o entendimento do avanço das tecnologias empreendidas na indústria do açúcar, uma vez que passou de engenho à usina.



Figura 30: Vista aérea do conjunto do engenho Uruaé, Vicência - PE.
Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2012.

Sobre o engenho **Várzea Grande**, em Goiana, os elementos arquitetônicos que se mantêm são a fábrica de açúcar, as casas de trabalhadores, a capela, e partes da antiga casa-grande em ruínas. Nesse exemplar foi possível o contato com o atual proprietário, um antigo funcionário do engenho cujos serviços foram empregados na fábrica por volta da década de 1950. De acordo com o atual proprietário, que herdou as terras do engenho nos anos 1980, uma vez que a antiga casa-grande estava apresentando problemas estruturais; a opção foi

¹⁷ Ver informação disponível em <<http://www2.uol.com.br/JC/2001/0501/tu04014.html>>. Acesso em fev/2013.

abandoná-la. As ruínas estão localizadas quase ao mesmo nível que a localização da fábrica. Em meados do século XX, entretanto, foi erguida uma nova habitação implantada em cota mais elevada do terreno.



Figura 31: Parte do conjunto edificado do engenho Várzea Grande, localizado em Goiana - PE.
Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2012.

2.1 Sítio

Consideramos importante situar os engenhos visitados em Pernambuco com o seu entorno, ao passo que podemos confrontá-los aos estudos da iconografia, bem como da literatura. Os exemplares pernambucanos apresentaram características bastante semelhantes entre si. As edificações do engenho Massangana, Jundiá, Poço Comprido e Várzea Grande estão esparsas no terreno, caracterizando-se por razoável declividade. Já o engenho Uruaé expõe também as edificações remanescentes distribuídas pela extensão da área, porém apresenta declividade suave (ver figura 29).

No entorno do engenho Massangana observamos densa vegetação formada por alguns tipos arbóreos e frutíferos, como pitangueiras, bananeiras e mangueiras. Esse exemplar ainda conserva a antiga casa-grande, a capela e um conjunto de casas onde pode ter sido localizada a senzala do engenho.



Figura 32: Vista da capela para as outras edificações e vegetação do Engenho Massangana, localizado em Cabo de Santo Agostinho - PE.

Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2011.

Atrás desta linha de casas que constitui, atualmente, a administração do museu, existe um vale coberto por parte da densa vegetação do entorno, onde se encontrou um estreito córrego, que levantou suspeitas sobre a moagem da fábrica ter força motriz movida à água.

Sobre o engenho Poço Comprido, a principal característica apresentada em relação ao sítio, com maior significação do que nos outros exemplares, refere-se à sua implantação em terreno com declividade mais acentuada. Essa particularidade confirma as menções na bibliografia quando afirmam acerca da inserção das edificações em níveis de declividade diferenciados, situando a casa-grande no ponto mais alto do terreno e a fábrica em nível inferior (GOMES, 2006, p.72).



Figura 33: Vista da Casa-grande para algumas das edificações esparsas no terreno do engenho Poço Comprido, localizado em Vicência - PE.

Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2011.

Essa predominância, quanto à implantação das edificações em terrenos com declives e várzeas, já se confirmava desde o século XVII, como já foi visto anteriormente, quando se analisaram as pinturas de Post sobre essa temática.

Outro ponto que pode ser destacado sobre o sítio do engenho Poço Comprido, que também foi percebido nas gravuras de Post, são os caminhos de acesso que se abrem em meio ao verde do entorno. Por estes, atualmente, atravessam carros pesados carregados de cana ou gado, como foi possível verificar no momento da visita a este exemplar.

Para o engenho Várzea Grande, localizado em Goiana, o destaque fica por conta da visibilidade total das edificações ao primeiro contato com o conjunto. Esse primeiro contato, ao longe, consente ainda a visão da marcação do único caminho que conduz às edificações, da vegetação do entorno, composta por poucos tipos arbóreos e algumas palmeiras, bem como sobre a formação terrosa da paisagem constituída por vales acidentados.



Figura 34: Vista geral do engenho Várzea Grande, Goiana - PE.

Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2012.

Finalmente sobre o sítio do engenho Uruaé, assim como se percebe nos exemplares citados, uma visão geral permite a percepção da marcação dos principais caminhos de acesso. A conformidade das edificações parece formar um círculo central que se constitui como um grande espaço vazio, referenciado por Vauthier, que, como foi visto, se faziam auxiliares principalmente em algumas etapas da produção, como o descarregamento da colheita e o transporte dos sacos de açúcar.



Figura 35: Engenho Uruaé, Goiana - PE. Vista geral do engenho. A) Capela; B) Casa-grande; C) Fábrica e Usina (não podem ser vistas na foto), D) Casa de trabalhadores e Senzala; E) Casa do caseiro.

Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2012.

Seu entorno se constitui por alguns tipos arbóreos, composto por palmeiras e mangueiras que ajudam, junto com as edificações, a compor a paisagem, assim como podemos destacar a boa apresentação dos jardins que cercam a casa-grande.

2.2 Casa-grande

A casa-grande do engenho Massangana, apesar de ter sofrido algumas intervenções arquitetônicas, ainda conserva algumas características antigas, como o telhado em duas águas e um avarandado com telhado sustentado por colunas de ferro, estas já características do século XIX. A fachada se completa por aberturas principais e um jardim atualmente gramado.



Figura 36: Casa-grande do Engenho Massangana, Cabo de Santo Agostinho - PE.
 Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2011.

O seu interior conta um pouco da história do açúcar e da vida de Joaquim Nabuco, como já foi mencionado anteriormente. O abolicionista nasceu no engenho Massangana, onde residiu até os oito anos de idade. No seu livro *Minha formação* ele descreve esse exemplar no âmbito do cotidiano, demonstrando suas lembranças de infância

A terra era uma das mais vastas e pitorescas da zona do Cabo... Nunca se me retira da vista esse pano de fundo da minha primeira existência... A população do pequeno domínio, inteiramente fechado a qualquer ingerência de fora, como todos os outros feudos da escravidão, compunha-se de escravos, distribuídos pelos compartimentos da senzala, o grande pombal negro ao lado da casa de morada, e de reдеiros, ligados ao proprietário pelo benefício da casa de barro que os agasalhava ou da pequena cultura que ele lhes consentia em suas terras. No centro do pequeno cantão de escravos levantava-se a residência do senhor, olhando para os edifícios da moagem, e tendo por trás, em uma ondulação do terreno, a capela sob a invocação de S. Mateus (...) (NABUCO, 1900, p.134-135).

Através da sua explanação quanto à localização das edificações no terreno, podemos perceber que ainda existem semelhanças sobre a conformidade atual do conjunto do engenho, apesar de não conseguirmos encontrar vestígios da fábrica, que ficava posicionada à frente da casa principal, de acordo com o autor.



Figura 37: Engenho Massangana, Cabo de Santo Agostinho-PE. Imagem do interior da casa-grande.
Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2011.

A casa-grande do engenho Massangana apresenta, dessa forma, discrepâncias e semelhanças, se a compararmos à residência principal do engenho Poço Comprido. Esta última apresenta uma arquitetura bem conservada, com poucas intervenções de reforma e com características construtivas antigas.

Na imagem a seguir, a casa-grande centralizada apresenta arquitetura horizontal, apenas quebrada pela verticalidade da capela anexa. Destaca-se na paisagem pela cor branca contrastante com o entorno. A fachada é composta por dois pavimentos, e no primeiro destacam-se as aberturas em arco pleno, e escadaria de acesso lateral. O nível superior é marcado por um avarandado.



Figura 38: Engenho Poço Comprido, Vicência - PE. Conjunto capela e casa-grande do engenho.
Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2011.

Essa configuração de casa-grande assemelha-se às descrições de algumas bibliografias e a capela em destaque lembra também a planta da casa-grande encontrada no relato de Vauthier. Remete ainda às casas representadas por Post na maioria dos seus quadros sobre engenhos:

edificações de dois pavimentos, com telhados em quatro águas, implantadas no ponto mais alto do terreno, próximas à capela.

Assemelha-se à casa-grande do engenho Massangana, quanto ao uso do conjunto remanescente, já que também exhibe, na casa principal, um acervo iconográfico que conta a história do engenho e destaca as alterações arquitetônicas sofridas pela edificação.



Figura 39: Interior da casa-grande do engenho Poço Comprido, localizado em Vicência - PE.
Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2011.

A casa-grande do engenho Jundiá se constitui como modelo de pavimento único e está em bom estado de conservação, apesar de não apresentar detalhes arquitetônicos tão antigos quanto o modelo do Poço Comprido. Assim como já foi mencionado para diferentes exemplares, está situada em local mais elevado que as outras edificações. Apresenta telhado em duas águas e varanda com cobertura sustentada por pilares em ferro, características de uma intervenção realizada possivelmente por volta do final do século XIX.



Figura 40: Engenho Jundiá, Vicência - PE. Casa-grande do antigo engenho.
Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2011.

O seu interior é ambientado com mobília antiga, ornamentação e quadros com imagens de família. A propriedade tem certa importância no ciclo açucareiro, pois foi residência do pintor

Cícero Dias. Seu atual proprietário foi quem recebeu o Grupo e forneceu as informações sobre a história do engenho¹⁸.

Semelhante ao exemplar do engenho Poço Comprido, a casa-grande do engenho Uruaé também é composta por dois pavimentos. Possui telhado em duas águas e sua fachada apresenta pavimento inferior, com destaque pela presença de arcos e colunas trabalhadas, que formam a varanda frontal da propriedade, em disparidade com o pavimento superior, que apresenta aberturas simples de janelas.



Figura 41: Engenho Uruaé, Goiana - PE. Casa-grande do engenho.
Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2012.

O engenho Várzea Grande conserva a antiga casa-grande, que não serve como moradia devido ao arruinamento da construção. Porém, é possível perceber ainda algumas características comuns aos exemplares dos engenhos anteriores. Apresenta telhado em duas águas e sua fachada apresenta simples aberturas de porta e janelas. Destacamos ainda o curto alpendre com cobertura sustentada por colunas em madeira. Seu entorno está praticamente encoberto pela vegetação.

¹⁸ Viagem realizada junto ao Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem em 2012.



Figura 42: Casa-grande do engenho Várzea Grande, Vicência-PE.
Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2012.

No ponto mais elevado do terreno foi construída uma casa principal que data dos anos de 1950.

Percebemos que a casa-grande manteve-se conservada nos exemplares de engenhos pernambucanos estudados, apresentando certas similaridades entre si, e ainda preservando características de implantação e arquitetônicas com os conjuntos registrados por Post e mais tarde por Vauthier.

2.3 Capela

A capela do Massangana está localizada em nível acima da casa principal e caracteriza-se por piso elevado em relação ao terreno de implantação possuindo escadaria alta que direciona as duas portas frontais. Apresenta fachada simples formada por aberturas de portas, janelas e sineiras. Seu interior é formado por nave única, corredor lateral com a presença de duas campas evidenciando menções bibliográficas, como as de Manuel Diégues Júnior (2006, p.215), que diz que as capelas serviam como local de sepultamento.



Figura 43: Engenho Massangana, Cabo de Santo Agostinho - PE. Capela de São Mateus.
Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2011.

A festa do dia do padroeiro, São Mateus, tornou-se um evento tradicional que acontece na capela do engenho e envolvem tanto ações religiosas – procissão e missa – como atividades ligadas aos festejos – que englobam as barracas de comida, comercialização de artesanato, apresentação de orquestras filarmônicas, pastoris e leilão de objetos.



Figura 44: Altar da capela do engenho Massangana, localizada em Cabo de Santo Agostinho - PE.
Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2011.

A capela do Poço Comprido diferencia-se do exemplar do Massangana, pois se apresenta anexa e situada ao mesmo nível da casa principal. Estão separadas apenas por uma pequena área livre entre as laterais das duas edificações. Sua fachada é composta pelas aberturas de portas e janelas e marcação do frontão com volutas e cornijas. Possui uma escadaria alta e posiciona-se no ponto mais alto do terreno.



Figura 45: Capela do engenho Poço Comprido, localizado em Vicência - PE. Detalhe para a passagem de interligação entre as duas edificações: Capela e casa-grande.

Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2011

No interior da capela desse exemplar se destaca o altar com seus adornos bem conservados e imagens dos santos protetores do engenho. Apresentam retábulos nas laterais, em alvenaria, destacados, também por adornos. O altar principal apresenta certa profundidade com riqueza de detalhes no formato de entablamento e pilares. A nave possui bancos para fiéis, coro e algumas campas.



Figura 46: Engenho Poço Comprido, Vicência - PE. Interior da capela do engenho.

Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2011.

Muito simples e com características arquitetônicas recentes, a capela do engenho Jundiá é quase anexa à casa-grande, porém, estão separadas por um estreito pátio. Essa junção das duas edificações se faz por uma grade em ferro com função de cercar a propriedade. Sua fachada apresenta certa verticalidade evidenciada por uma torre sineira também de poucos adornos. Apresenta um corredor lateral e seu entorno é formado por árvores, plantadas ao redor do gradil, que bloqueiam a vista da fachada principal, quase a escondendo.



Figura 47: Engenho Jundiá, Vicência - PE. Fachada principal e interior da capela do antigo engenho.
Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2011.

O seu interior é composto por nave única e, assim como o exterior, apresenta altar simples em madeira, composto por nicho para imagem do santo protetor. Bancos para fiéis ambientam a nave.



Figura 48: Interior da capela do engenho Jundiá, localizado em Vicência - PE.
Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2011.

Assim como acontece nos exemplares do Poço Comprido e Jundiá, a capela do engenho Uruaé situa-se adjunta à casa grande, separadas por uma área externa. Apresenta-se em bom estado de conservação e aparentemente não sofreu grandes intervenções arquitetônicas. A fachada também se caracteriza pela simplicidade, com janelas protegidas por guarda corpo em ferro. Seu acesso se dá por uma pequena escada e seu interior, em nave única, acomoda riqueza de detalhes, composto por altar principal e altares laterais. O primeiro é separado por

uma grade baixa e apresenta-se bastante decorado com imagens religiosas e arranjos florais. Completa a cena a presença de alguns jazigos e coro.



Figura 49: Engenho Uruaé, Goiana - PE. A) Fachada da capela; B) Altar mor da capela do engenho Uruaé.

Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2012.

Quanto ao exemplar da capela do engenho Várzea Grande, um ponto que deve ser mencionado refere-se ao distanciamento da capela das outras edificações do conjunto. De acordo com um antigo funcionário, a capela com o tempo passou a ser frequentada pelas pessoas da redondeza, e não somente pelos moradores do engenho. O fato que pode ter sido determinante para essa situação é que uma rodovia separa os terrenos da capela dos outros elementos do engenho.

Como atualmente não pertence ao conjunto Várzea Grande, seu acesso não foi possível. Analisando a imagem, podemos perceber que a capela apresenta pouca dimensão e é cercada por uma murada de pouca altura. Possui uma entrada principal e uma torre vazada na parte superior, finalizado por pequenos torreões encimados por cruces.



Figura 50: Engenho Várzea Grande. Capela do antigo engenho.
Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2012.

A partir do que foi visto, podemos dizer que as capelas dos engenhos pernambucanos visitados apresentam aspectos arquitetônicos simples, guardando algumas similaridades com os modelos seiscentistas, ao passo que o interior de algumas delas apresenta-se muito bem conservado e decorado, em virtude dos frequentes usos atuais.

2.4 Senzala

Em visita ao engenho Massangana foi possível reconhecer um conjunto de casas, alinhadas e unidas por telhado em duas águas, fachadas composta por portas e janelas. Imagina-se que esse conjugado possa ter se constituído como antigas casas de trabalhadores do engenho ou mesmo, em passado mais remoto, a senzala. Essas edificações foram totalmente reformadas e estão posicionadas a certa distância da casa-grande. Porém percebemos características semelhantes à planta baixa da senzala desenhada por Vauthier. Aqui o conjunto parece formar pequenos cômodos, com telhado avançado e sustentado por estreitas colunas que formam a varanda.



Figura 51: Engenho Massangana, Cabo de Santo Agostinho - PE. Conjunto antigo de casas de trabalhadores.
Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2011.

Um conjunto semelhante foi observado no engenho Uruaé. Formado por um conjugado arquitetônico alongado de telhado único, em quatro águas, porém, aqui a fachada compõe-se por nove portas e apenas uma janela. Cada porta define um cômodo, que caracteriza a pouca dimensão dos ambientes, sendo um deles aberto para visitação.



Figura 52: Engenho Uruaé, Goiana - PE. Provável senzala do engenho.
Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2012.

Este apresenta um cenário montado e idealizado pelo proprietário, segundo seu depoimento, sugerindo como se constituía o interior de uma senzala, onde expõe alguns objetos decorativos, como uma rede, esteira, ferramentas de castigo e de aprisionamento, além de um pequeno oratório.



Figura 53: Interior de dois cômodos da provável senzala do engenho Uruaé, Goiana - PE.
Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2012.

Assim como o interior foi adornado por uma decoração idealizada, um tronco, simulando o local de punições dos escravos, foi montado pelo proprietário e exposto na área central do terreno, no pátio que envolve e se volta para as construções do conjunto.

As casas de trabalhadores encontradas no engenho Várzea Grande ficam localizadas em nível pouco acima ao da fábrica e da ruína da antiga casa-grande e constitui-se num conjunto de sete unidades. Semelhante aos outros dois exemplares, elas são unidas por telhado único, em duas águas, e apresentam nível mais elevado que o terreno. Suas fachadas são compostas também por aberturas e uma das casas apresenta um avarandado com pilares e guarda-corpo em madeira.



Figura 54: Casa de moradores do engenho Várzea Grande, Goiana - PE.
Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2012.

Esse exemplar difere dos outros porque os atuais trabalhadores, que prestam serviços nas tarefas rurais e domésticas da fazenda, residem nessas unidades, ou seja, essas edificações permaneceram com a antiga função de moradia.

O engenho Poço Comprido não apresenta senzala nos seus terrenos, e sim algumas casas de trabalhadores, distribuídas no terreno em nível inferior do terreno. Estas, como no engenho

Várzea Grande, estão voltadas para a moradia dos atuais trabalhadores da fazenda, e apresentam características arquitetônicas mais recentes, por isso acredita-se não se constituírem como as mesmas moradias da época em que o engenho moía.



Figura 55: Casas de trabalhadores do engenho Poço Comprido, Vicência - PE.
Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2011.

Sobre as casas de trabalhadores e senzalas encontradas nos exemplares de Pernambuco estudados, podemos dizer que apresentam similaridade entre si, com algumas características arquitetônicas dimensionais e de implantação que nos remetem aos estudos e análises imagéticas. Por isso podemos reconhecê-las como residências de trabalhadores.

2.5 Fábrica

Não foram encontrados vestígios da edificação da fábrica no Engenho Massangana. Apesar disso, uma roda de trapiche, usada na filmagem do longa-metragem “Abril despedaçado”, dirigido por Walter Salles, fica exposta no pátio frontal à casa-grande. De acordo com o guia que recebeu o Grupo, a mesma não pertence às instalações do engenho.



Figura 56: Engenho Massangana, Cabo de Santo Agostinho - PE. Roda de trapiche posicionada no terreno.
Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2011.

Existe indício de que esse engenho era movido à água, porque foram encontrados vestígios construtivos próximos a um córrego, mencionado anteriormente, onde pode ter sido posicionada a roda d'água do antigo engenho¹⁹.



Figura 57: Vestígios construtivos de uma roda d'água no engenho Massangana, Cabo de Santo Agostinho - PE.
Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2011.

A disposição da fábrica do engenho Poço Comprido é formada por dois cômodos retangulares e situa-se em nível abaixo da casa-grande, com distância razoável da mesma. Conserva boa parte da estrutura de alvenaria, com grossas paredes e pilares, diferentes níveis de piso entre os cômodos e de telhados. Os indícios encontrados em cada ambiente possibilitam perceber o posicionamento das etapas da produção do açúcar a partir dos indícios encontrados nos cômodos mais íntegros.



Figura 58: Engenho Poço Comprido, Vicência - PE. Fábrica do antigo engenho.
Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2011.

O primeiro galpão era onde provavelmente estava instalada a moenda, pois o seu piso apresenta rasgos que indicam o posicionamento da roda. No segundo ambiente dar-se-ia a etapa do cozimento seguido da etapa de purgar, pois ainda se conservam as muretas de sustentação do tablado, que, como vimos, apoiavam as fôrmas do pão-de-açúcar.

¹⁹ Essa constatação ocorreu no contexto dos trabalhos de visita de campo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem em 2011.



Figura 59: Dois ambientes internos, da fábrica do engenho Poço Comprido, localizado em Vicência - PE.
Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2011.

A constatação física dos cômodos de uma fábrica de engenho mais íntegra garantiu uma percepção inicial sobre a conformidade e o processo da produção do açúcar. Notou-se que os rasgos se faziam necessários para o encaixe da roda d'água, o que levou à próxima constatação: a de que a fábrica do Poço Comprido provavelmente moía à água. O acesso à casa de purgar levou a compreensão de como se instalavam os tablados que sustentavam as fôrmas de açúcar, assim como se entendeu como acontecia a coleta do mel resultante nessa etapa.

Essa compreensão tornou-se completa com a visita à fábrica do engenho Jundiá. A mesma foi implantada em nível mais baixo do terreno, como já visto, e apresenta cômodo com grandes dimensões e com diferenciações de nível do piso²⁰.



Figura 60: Engenho Jundiá, Vicência – PE. Fábrica com destaque para as diferenças de piso.
Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2011.

²⁰ É uma característica que pode ser percebida mesmo para visualização externa da construção.

O levantamento realizado por Gomes nesse exemplar favoreceu a compreensão espacial dos ambientes e possibilitou confrontar a análise do desenho com o que foi encontrado no local, ao passo que as informações ainda foram auxiliadas pelo relato do proprietário.

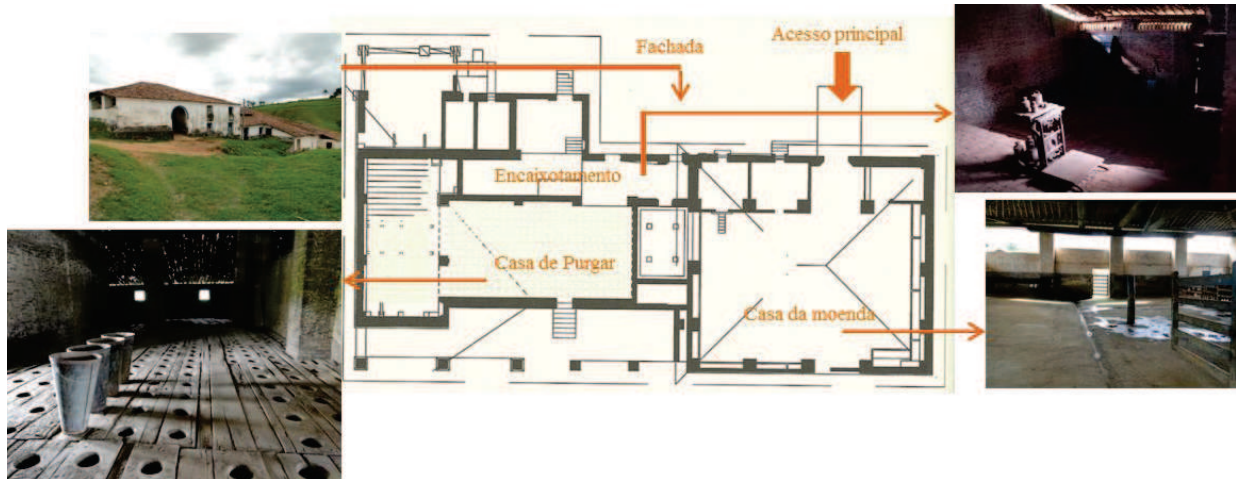


Figura 61: Planta baixa da fábrica do engenho Jundiá em Vicência - PE.
Fonte: Gomes, 2006, p.104, adaptada pela autora.

O primeiro cômodo visitado era destinado à moenda. Conservaram-se, apesar de ter sofrido alterações, grossas colunas que sustentam o telhado em quatro águas. Não existem vestígios da casa de caldeira, porém o proprietário mencionou que nos últimos anos de moagem o engenho funcionava a vapor.

A visualização da casa de purgar permitiu o contato com os equipamentos utilizados nessa etapa, que ainda permanecem no mesmo lugar. Estão expostas algumas fôrmas encaixadas nas aberturas do extenso tablado. O depoente confirmou que o nome dado ao mel resultante da purga era chamado “cabucho”, como visto na literatura.



Figura 62: Engenho Jundiá, Vicência – PE. Casa de purgar com detalhe do ‘pão de açúcar’.
Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2011.

A informação esclareceu sobre como do caldo surge o açúcar. Os furos no fundo dos recipientes, que continham o caldo, permitiam que o mesmo escorresse, por diversos dias. O

acesso ao local para onde este mel escoava apresentava-se bastante úmido e escuro, e foi possível perceber, por baixo do estrado, as muretas de sustentação. As mesmas já haviam sido notadas no exemplar anterior, o Poço Comprido, e pôde ser comprovada em alguns exemplares alagoanos, como se verá adiante.

O exemplar do engenho Uruaé permitiu o contato com dois tipos de produção do açúcar: o engenho e a usina. A propriedade manteve as duas edificações cujas funções eram distintas.



Figura 63: Engenho Uruaé, Goiana - PE. A) Usina Uruaé desativada. B) Antiga fábrica do engenho.

Fonte: Grupo Estudos da Paisagem, 2012.

A edificação onde funcionava a fábrica de açúcar do engenho, semelhante aos outros exemplares de Pernambuco, apresenta dois ambientes com níveis de piso diferente. Trata-se de uma edificação com grandes dimensões que apresenta péssimo estado de conservação.



Figura 64: Engenho Uruaé, Goiana - PE. Antiga fábrica do engenho, com destaque para o mal estado de conservação.

Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2012.

O galpão ocupado pela usina Uruaé também apresenta diferentes níveis de piso que separam o espaço destinado à moagem da cana, cujo caldo escorria por uma calha, ainda conservada, para depois passar à caldeira. Esta, diferente de como acontecia no engenho, era aquecida pela

fornalha tipo trem jamaicano, o que pode ser constatado porque a construção ainda conserva o bueiro.



Figura 65: Edificação que compreendia a antiga usina Uruaé, localizada no engenho Uruaé em Vicência - PE.
Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2012.

Quanto ao exemplar do engenho Várzea Grande, semelhante ao que aconteceu no engenho Jundiá, houve a possibilidade de conversar sobre a mesma com um antigo funcionário. O mesmo explicou a disposição do maquinário necessário para cada etapa e mencionou que nos anos 50 a fábrica desse exemplar moía a vapor e o cozimento do caldo passava por cinco tachas com os respectivos nomes: caldo frio, caldeirote, caldeira, cruzeta e boca²¹.



Figura 66: Fábrica do engenho Várzea Grande, localizado em Goiana - PE.
Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2012.

Finalizando esta etapa, cabe colocar que foi importante o estudo de campo nos complexos pernambucanos porque possibilitou uma melhor aproximação com o contexto dos engenhos, uma vez que muitos elementos construtivos foram mantidos, permitindo a constatação material de dados encontrados na literatura.

²¹ Nomenclatura semelhante à mencionada por Silva em 1990 e exposta aqui anteriormente.

A integridade dos conjuntos ajudou a complementar as informações coletadas sobre os aspectos técnicos e de utilização dos espaços, e a reconhecer as características da implantação, da arquitetura e de localização, que foram adotadas na instalação dos engenhos, como foi estudado através da memória material e iconográfica de artistas e autores seiscentistas.

As visitas aos exemplares de Pernambuco permitiram ainda a percepção acerca de usos para esses complexos patrimoniais na atualidade. Constatou-se que os remanescentes estão sendo conservados, sejam por ações individuais ou públicas. As propriedades adotam atividades que possam contribuir com o conhecimento sobre a cultura da cana e a produção do açúcar. Foi interessante visitar um museu que conta a história dos mesmos e também foi importante saber que existem projetos culturais que podem colaborar para a manutenção desse legado.

Também foi possível perceber que a memória pode ter diversas interfaces, inclusive aquela que se reflete sob as questões dos estereótipos. Em alguns dos exemplares, foram idealizados cenários completos como quando a casa-grande foi ambientada com mobília antiga, ou mesmo quando a senzala foi decorada para que o visitante reconhecesse os aspectos da escravidão. Podemos considerar que a memória pode ser inventada ou esquecida, exposta ou induzida. Mesmo que ofereça parte ou uma versão para a história, é tida como memória produzida e continuada.

3. A HERANÇA CULTURAL DOS ENGENHOS EM ALAGOAS

Desde os fins do século XVI, o desenvolvimento econômico da colônia portuguesa acompanhava o aumento do número de engenhos que se construía no Brasil, fato que ressalta a importância da economia açucareira (2011, p.229-230). Em termos quantitativos, de acordo com o mesmo autor citando um relatório holandês de 1639, existiam 16 engenhos no território do atual Estado de Alagoas, os quais apenas nove deles eram moentes. Em 1730 o número subiu para 47, de acordo com Duarte Sodré Pereira, e em 1897 chegavam a 993 engenhos, incluindo as engenhocas de fabricar rapadura.

O plantio da cana prosperou, no Brasil colonial, em dois núcleos principais: Pernambuco e São Vicente. Porém, em poucos anos, Pernambuco avançou, com preços mais baratos, favorecidos pela proximidade dos centros importadores e por proprietários que detinham maior quantidade de navios, diminuindo os preços para fretes. O açúcar sanvicentino caiu em decadência e em meados do século XVI o pernambucano foi considerado o melhor da colônia. No final do século, a hegemonia econômica estava na Bahia e em Pernambuco, constituindo-se nestas capitâneas como o principal produto de exportação (DIÉGUES JÚNIOR, 2006, p.15-16).

No início do século seguinte, o engenho bangüê estava em pleno progresso: cresceu em números e em produção, exportada para quase toda a Europa. Além de que, responsáveis pela produção econômica, se constituía como núcleos econômicos e sociais na vida da colônia. A expansão política e territorial que acontece a essa época avança de Olinda para o Norte, sempre se deparando com o plantio da cana e a fixação de mais engenhos. É fase de progresso e de grandes melhoramentos na indústria do açúcar.

As lutas que se seguem à invasão holandesa (1624-1654) são responsáveis pela destruição do sistema econômico na sua fase áurea, através de incêndios que resultaram no abandono dos engenhos e das terras cultivadas. Consequentemente, ocorre a queda da produção ou mesmo o aniquilamento de alguns exemplares. A economia consegue se reerguer com a Restauração, porém, somente e paralelamente à época de expansão da produção originária nas Antilhas, que invade os centros consumidores, constituindo como um movimento fatal à economia brasileira, que ao final do século XVII contribui para a crise do açúcar na colônia (DIÉGUES JÚNIOR, 2006, p.17-19).

Essa crise se agravou com a Guerra dos Mascates, que resultou no endividamento dos senhores de engenho e somou-se ao fato de que o produto entrava em crise. Outro ponto foi a concorrência com a exploração do ouro, que data do mesmo período (JÚNIOR, 2006, p.19).

Nas primeiras décadas do século XIX, o açúcar desfruta de nova prosperidade decorrente dos progressos da tecnologia, com destaque para a introdução da cana caiana e de uma nova técnica que origina o engenho a vapor. A sua inserção na economia açucareira pernambucana, data do ano de 1815, porém não teve a disseminação esperada e em Alagoas surgiram apenas nos meados do século XIX. De acordo com Diégues Júnior, citando o depoimento de Tollenare, o engenho a vapor demandava maior consumo de lenha e os custos com a manutenção do maquinismo eram mais altos porque as peças eram importadas.

O século XIX assinalou grandes progressos e realizações na economia açucareira. Podem destacar-se, principalmente, a introdução da cana caiana e da máquina a vapor, o uso de bagaço como combustível, a adoção de novas máquinas de moagem e de novo sistema de caldeiras e, por fim, o aparecimento dos engenhos centrais. Com estes, abre-se o período de grande industrialização do açúcar com a usina; e a decadência do engenho começa (DIÉGUES, 2006, p.19).

A decadência do bangüê em Alagoas acarretou no abandono das indústrias de açúcar e ocasionou o declínio das estruturas desses complexos, agravada ainda pela abolição da escravatura, que afastou o trabalho escravo empregado na agricultura e na produção do açúcar.

Além disso, a linha de ferro inaugurada no Estado por volta de 1884 também teve influência sobre a decadência dos bangüês, uma vez que refletiu intensivamente na vida comercial da província. Sua inserção beneficiava as regiões em torno da área da ferrovia e ocasionou o declínio do comércio nas áreas não favorecidas por sua passagem. Mesmo a região de bangüês que tinham cobertura com o novo transporte aos poucos sofreu os efeitos dos preços de impostos, o que possibilitou vantagens para o alargamento das usinas.

Assim o progresso técnico – o do transporte aliado ao do fabrico – contribuiu para a decadência do bangüês. Este se servia de estrada de ferro no transporte de seu produto, mas no fundo se prejudicava. Pouco a pouco se sentiu esse prejuízo com a utilização da ferrovia (DIÉGUES, 2006, p.131).

O novo transporte favoreceu a expansão da cultura da cana e foi decisivo na interiorização da indústria do açúcar. As áreas produtoras, em Pernambuco, por exemplo, em sua maioria, estavam localizadas em zonas rurais e eram obrigadas a encaminhar o produto manufaturado para Recife, de onde devia ser exportado. Sendo assim, os trens saíam carregados com

mercadorias, mas no retorno os vagões voltavam vazios provocando um desequilíbrio e encarecimento dos custos com cobrança de impostos pelo transporte (GOMES, 2006, p.44). Com o surgimento do novo traslado, os engenhos do litoral perderam mercado, em decorrência do maior tempo para o trajeto.

O enfraquecimento da economia era evidente e a decadência das antigas indústrias do açúcar era certa. Os remanescentes em Alagoas foram poucos em comparação com o elevado número de unidades que povoaram suas terras anteriormente. De acordo com Diégues Júnior, em 1859 existiam 479 engenhos bangüês em solo alagoano (DIÉGUES JÚNIOR, 2006, p.120).

[...] Já o conheci de fogo morto. E nada é mais triste do que um engenho de fogo morto. Uma desolação de fim de vida, de ruína, que dá à paisagem rural uma melancolia de cemitério abandonado. Na bagaceira, crescendo o mato-pasto de cobrir gente, o melão entrando pelas fornalhas, os moradores fugindo para outros engenhos, tudo deixado para um canto, e até os bois de carro vendidos para dar de comer aos seus donos. Ao lado da prosperidade e da riqueza do meu avô, eu vira ruir, até no prestígio de sua autoridade, aquele simpático velhinho que era o coronel Lula de Holanda, com o seu Santa Fé caindo aos pedaços. Todo barbado, como aqueles velhos dos álbuns de retratos antigos, sempre que saía de casa era de cabriolé e de casimira preta. A sua vida parecia um mistério. Não plantava um pé de cana e não pedia um tostão emprestado ninguém (RÊGO, 2010, p.96).

3.1 O atual cenário e suas transformações

As usinas constituem-se nas atuais fábricas de açúcar nas quais as etapas manuais da produção foram substituídas por processos mecanizados. De acordo com Andrade (1980), a usina tornou-se a moderna indústria do açúcar em “terras de antigos bangüês e às custas de seu proprietário mais rico”. Ainda segundo ele, no passado, a instalação dessas estruturas não se fazia com estudos prévios de condições, por exemplo, sobre o impacto e influência sob a área que dispunha para cada usina; geralmente eram realizadas por firmas ou pessoas que não possuíam o capital necessário para a concretização de uma grande indústria (ANDRADE, 1980, p.94).

O seu surgimento provocou profundas mudanças no que diz respeito à manufatura do açúcar, principalmente quanto à quantidade e qualidade alcançada através de um processo quase que completamente executado por máquinas. De acordo com Beatriz Maria Alásia de Heredia, a primeira usina de açúcar em Alagoas foi a Brasileiro, que iniciou suas funções em 1892, seguida pela usina Sinimbu, instalada em 1893 no município de São Miguel de Campos (HEREDIA, 1988, p.50).



Figura 67: Ruínas da Usina Brasileiro, Rio Largo, Alagoas.
Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem.

Para entender o que mudou no processo de produção de açúcar na usina, foi necessário o estudo no local. Para tanto, realizou-se uma visita à Usina Santa Clotilde, localizada em Rio Largo, município a poucos quilômetros de Maceió. De acordo com o funcionário responsável por receber o Grupo, a usina, moendo por vinte e quatro horas, utiliza aproximadamente 7200 toneladas de cana adquiridas das plantações da própria usina e também de alguns fornecedores.

A tendência, indicada acima, onde a própria usina é responsável pelo cultivo da cana, de acordo com Andrade, foi adotada por essas indústrias já nos anos de 1980, porque além do lucro comercial, proveniente da comercialização do açúcar, as mesmas almejavam os lucros agrícolas.

Querem, além do lucro industrial, o agrícola, por isto adquirem grande número de engenhos, ligam-nos por estradas de ferro e de rodagem à usina, dividem o total das terras que possuem em zonas e estas em capitâneas que por sua vez se dividem em administrações que correspondem quase sempre a um primitivo engenho de 400 ou 500 hectares. Têm, então, os fiscais de zona, os capitães de campo e os administradores a dirigirem cada uma destas circunscrições. E como um todo monolítico, a área é cultivada em moldes modernos, com mecanização, adubo e, aquelas localizadas em áreas mais secas, com irrigação (ANDRADE, 1980, p.103).

Ainda sobre a Santa Clotilde, segundo o funcionário que nos acompanhou, a usina domina, através de computadores, todo o processo da produção, desde o plantio da cana até o produto final, fato que pode garantir, diferente de uma produção em engenho que dependia de diversos

fatores, o controle sobre as etapas, evitando a ocorrência de uma parada na moagem que pode resultar na perda da qualidade do açúcar.



Figura 68: Usina Santa Clotilde, Rio Largo – AL,
Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2011.

Sobre o mesmo assunto, Beatriz Maria Alásia de Heredia afirma que a instalação das primeiras usinas, entre os fins do século XIX e as primeiras décadas do século XX, agregaram engenhos antigos a seus terrenos e depois um deles era escolhido como sede da nova indústria (HEREDIA, 1988, p.56).

Ainda segundo a autora, a quantidade de sacos de açúcar produzidos pelas novas indústrias podia interferir na continuidade do seu funcionamento.

As usinas que produziram menos de 400.000 sacos de açúcar por ano foram chamadas a incorporar quotas de outras usinas, ou fundir-se com outras de maior produção, processo mais frequente (HEREDIA, 1988, p.70).

Segundo a depoente Vera Dubeux²², antiga moradora de usina, alguns exemplares surgiram a partir de engenhos, e adotaram os próprios terrenos para seu uso, como também aconteceu de outros exemplares continuarem com a antiga nomenclatura, porém realizando novas funções como a de fornecedores de cana para as novas indústrias de açúcar. Ainda segundo a depoente, a própria usina Santa Clotilde, mencionada acima, teve sua origem em um engenho.

Outro ponto ocasionado pelo surgimento das usinas e que tem ligação direta com esta dissertação diz-se da demolição das áreas de moradia dos antigos conjuntos bangüês, principalmente porque, em alguns casos, houve a construção de novas estruturas industriais, que demandavam um número mais reduzido de mão de obra, e conseqüentemente, tornou desnecessária a manutenção das antigas casas de morador.

Sobre o assunto, de acordo com Vera Dubeux, contribuíram para essa situação as despesas na manutenção dos direitos trabalhistas. Uma vez que o trabalhador vinha a ser demitido, nos

²² Entrevista concedida em abril de 2013.

encargos sociais eram contabilizadas aquisições como a casa, que lhes era cedida como moradia, assim como animais e um pedaço de terra que chamavam roçado²³, no qual o morador domiciliado podia plantar o que pretendesse. Essas obtenções constavam, segundo Vera Dubeux, como ‘salário indireto’ que determinavam um alto valor na indenização desses trabalhadores no momento da demissão. Os empresários perceberam que o custo com essas moradias encareciam o orçamento final e optaram por soluções mais baratas, como disponibilizar o transporte para o trabalho. “*A nossa obrigação começa quando eles chegam e acaba quando eles saem. Era esse mais ou menos o raciocínio que passou a ser seguido pelo pessoal dos setores*” (Vera Dubeux, depoente em 2013).

Ainda de acordo com a depoente, na própria usina Utinga Leão, onde morou até aproximadamente seus 17 e 18 anos, todos os trabalhadores moravam nos terrenos da usina ou nas proximidades. Este exemplar surgiu de três engenhos: o Malhado, o Conceição e o Ligação e se constituía pelos arruados, ou seja, conjuntos de casas paralelas, uma escola, o barracão onde se adquiriam as mercadorias, campo de futebol e uma capela. A partir de 1970 a estrutura das usinas passou a se transformar, extinguindo quase completamente as moradias dos seus terrenos.

No caso da usina Santa Clotilde, ainda de acordo com o funcionário, em suas proximidades existe uma vila de operários destinada à moradia dos seus empregados, porém, hoje há trabalhadores que residem em outras cidades do entorno. Geralmente estes trabalhadores são recrutados em maior número na época da safra da usina, pois se trata de um trabalho temporário. Assim, ocorre o processo que separa definitivamente os trabalhadores das áreas que residiam no passado.

Esses relatos levam à compreensão do quão significativo foi a constituição social e territorial dos núcleos dos antigos engenhos, considerando as relações as quais se submetiam sua gente. Com a instalação das usinas o cheiro do ar ainda é doce, mas aos poucos a máquina torna-se o elemento fundamental.

Esta é uma constatação que se aplica também ao espaço físico dos antigos engenhos de Alagoas visitados, os quais se apresentam atualmente voltados para diversas funções, abrigando fazendas para criação de gado, servindo de área para o plantio da cana ou mesmo se

²³ “*Fazia parte dos fundos da casa, ainda, um espaço destinado aos cuidados dos trabalhadores, onde realizavam seu cultivos, chamado de roçado no período posterior à escravidão*” (HEREDIA, 1988, p.54).

constituindo como propriedade dessas modernas fábricas. Porém, por vezes conservavam fragmentos dos antigos engenhos. Muitas vezes as funções já foram bastante alteradas e a remota lembrança dos bangüês resiste somente no nome que carregam.

Com o declínio dos engenhos, mudam também os títulos dos seus atuantes. Os senhores dos antigos engenhos atualmente são denominados usineiros ou empresários do açúcar e os antigos homens de campo e do eito dos bangüês são conhecidos por fornecedores de cana, com função de abastecimento das atuais indústrias de açúcar, como foi citado pelo funcionário da Santa Clotilde.

Além disso, surgem outras funções com a usina, os administradores das antigas terras de engenho contratados pelas atuais fábricas de açúcar, aparecem com a finalidade de dirigir as culturas empreendidas pela mesma em suas regiões, cuja atividade não concede retorno financeiro nem autonomia como a permitida para os fornecedores de cana (ANDRADE, 1980, p.104).

O contato entre patrão e empregado vai se esvaindo e favorece as relações por intermeios na *“usina, organizada quase em sociedade anônima; nela os contatos entre patrões e trabalhadores se fazem por intermediários: os gerentes, os administradores, os superintendentes”* (DIÉGUES JÚNIOR, 2006, p.30).

Em campo foi difícil encontrar os proprietários dos antigos engenhos e foi averiguado que as terras, nos dias atuais, ficam aos cuidados geralmente de funcionários, que obviamente pouco sabem sobre a história dos bangüês. Nas casas de trabalhadores remanescentes foi difícil encontrá-los, uma vez que extintas as funções da manufatura de açúcar estes se deslocaram para as cidades e alguns foram reaproveitados e empregados nas atuais usinas.

Ainda são poucos os trabalhos acadêmicos voltados para a investigação dos engenhos remanescentes, seja para a pesquisa de relevância quanto à sua arquitetura, aspectos sociais e culturais, ou por iniciativas que buscam a sua conservação e valorização. O Estado de Alagoas ainda hoje se apoia na economia açucareira, uma vez que boa parte do território é assumida por plantações de cana destinadas ao fornecimento para as usinas ou cultivadas pelas mesmas. Portanto, a sua história deveria ser considerada como estudo relevante.

3.2 O cenário material na região da Lagoa Manguaba

O próximo passo concernente aos estudos do patrimônio material vinculado ao engenho foram as visitas aos exemplares de Alagoas, de forma a nos aproximarmos do contexto que enquadrava as antigas relações pessoais, sociais e culturais que serão trabalhadas no correr da dissertação. A seleção dos engenhos partiu de um conjunto de 28 exemplares, identificados através de visitas realizadas em projetos anteriores pelo Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, desde 2009.

Grupo dos 28 engenhos alagoanos apresentados em projeto anterior			
Coité	Oiteiro	Grajaú ou Gorjaú de Cima	Rosário
Boca da Caixa	Lamarão ou Lameirão	Pau Brasil	Mundaú
Campina	Ilha	Hortelã	Salgado
Gravatá	Galhofa	Grajaú ou Gorjaú de Baixo	Varrela
Cumbe	Camurupim	Prata	Flor do Paraíba
Maria Senhora da Encarnação ou Garça Torta	Jequiá do Fogo	Boacica	Brejo
Furado	Lama	Gurgarema ou Gurganema de Baixo	Novo

Tabela 1: Grupo de 28 engenhos alagoanos identificados em pesquisa realizada pelo Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem em 2009.

Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2009.

Depois de uma segunda seleção, considerando a integridade física e antigas instalações, o Grupo escolheu 13 engenhos para um trabalho mais detalhado. Os mesmos se localizam próximos à capital, Maceió, e das duas lagoas mais conhecidas no Estado: a Mundaú e a Manguaba. Estas se estabelecem como parte do complexo estuarino-lagunar e se constituem a partir dos rios Mundaú – que forma a lagoa Mundaú – e pelo rio Paraíba do Meio – que forma a lagoa Manguaba. A vegetação do entorno das lagoas se caracteriza pela presença de

restingas e manguezais, apresentando-se como um dos mais importantes ecossistemas de Alagoas.

Grupo dos 13 Engenhos pré-selecionados para o segundo estudo			
Grajaú de Baixo	Boca da Caixa	Grajaú de Cima	Hortelã
Lama	Pau-Brasil	Prata	Mundaú
Novo	Varrela	Lamarão	Furado
Salgado			

Tabela 2: Grupo de 13 engenhos alagoanos investigados em pesquisa realizada pelo Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem em 2010.

Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2010.

O número de engenhos considerados íntegros para os estudos nessa região indica a importância da mesma para a cultura da cana e para a produção do açúcar. Tendo se estabelecido como um dos polos colonizadores do território alagoano, junto a Porto Calvo e Penedo, a de Alagoas do Sul abarcava a região das lagoas e se apresentava como favorável para a implantação dos engenhos.

Grupo dos 6 Engenhos selecionados para investigação neste trabalho		
Grajaú de Cima	Novo	Salgado
Mundaú	Varrela	Lamarão

Tabela 3: Grupo dos 6 exemplares selecionados para o estudo deste trabalho.

Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2013.

Dos treze exemplares selecionados previamente, foram aprofundados nesta dissertação os estudos de seis²⁴ que se constituíram como mais interessantes do ponto de vista investigativo. Estes se encontram nas proximidades da lagoa Manguaba, e estão implantados em terrenos que pertencem às cidades de Pilar, Satuba²⁵ e São Miguel dos Campos. A partir da análise de dados apresentados por Sant'ana, em 1859, as três municipalidades somavam um total de noventa engenhos.

²⁴ As viagens foram realizadas dentro do projeto 'Os engenhos na construção territorial de Alagoas', já mencionado, do qual a mestrandia participou como pesquisadora.

²⁵ À época do escrito de Moacir de Sant'ana, talvez a região de Satuba fosse conhecida como Vila do Norte, uma vez que esse nome é utilizado pelo autor e engloba os exemplares de engenhos dessa região.

Serão elencadas nessa etapa do trabalho as informações contrapostas às bibliografias, percepções das visitas a campo e depoimentos, buscando elaborar uma espécie de mapeamento sobre cada um dos seis exemplares. Quatro deles situam-se em Pilar: o engenho Novo, o Salgado, o Grajaú de Cima e o Lamarão; um em São Miguel dos Campos e um em Satuba.



Figura 69: Localização no mapa de Alagoas, dos engenhos alagoanos selecionados para o estudo desta dissertação.
Fonte: Acervo da autora, 2013.

A partir dos dados de Sant’ana sobre os exemplares listados, podemos confirmar a existência dos engenhos localizados em Pilar²⁶, segundo o “*Mapa dos engenhos de Pilar em 1854*” no qual foram apresentadas informações sobre a quantidade de escravos, de animais, a força motriz e sua produção. Dessa forma, o autor expõe como maiores produtores de açúcar e mel, o engenho Lameirão, que se constitui como o atual engenho Lamarão, e o Novo. Conseqüentemente, apresentam-se também como os maiores detentores de escravos e trabalhadores livres²⁷. Esse fator determina os dois exemplares como engenhos que se destacavam à época, em comparação com outros da região.

²⁶ Ainda de acordo com o mesmo autor, Pilar se apresentava, à época, como distrito do município das Alagoas (SANT’ANA, 2011, p.150).

²⁷ Segundo Sant’ana, citando Bastos (1863, p.384), tratava-se de “*homens livres que eram admitidos por salários, ao trabalho dos próprios engenhos e plantações de açúcar*”.

MAPA DOS ENGENHOS DO PILAR EM 1854

ENGENHOS	Escre- vos	Li- vres	Bois	Cava- los	Açúcar (Arro- bas)	Mel (Cana- das)	Fôrça Motriz
1. Lameirão	63	—	45	10	6.000	12.000	Água
2. N ô v o	59	2	50	40	5.000	10.000	Animal
3. Grujáú de Baixo	55	1	98	8	6.000	20.000	Água
4. Grujáú de Cima ..	50	2	60	5	4.000	10.000	"
5. Boacica	50	2	40	60	3.000	4.000	Animal
6. Terra Nova	30	—	30	35	4.000	8.000	"
7. Flor do Paraíba ..	20	4	26	38	5.000	6.000	"
8. Pilarzinho	20	8	30	24	3.500	5.000	"
9. Brejo	20	2	20	26	3.200	4.000	"
10. Camurupim	20	—	28	2	2.000	3.000	Água
11. Salgado	16	2	21	5	2.000	3.500	"
12. Pilar	16	2	12	2	1.500	3.000	"
13. Volta	10	2	6	6	1.500	2.000	"
14. Quebra Carro ...	10	4	6	6	1.500	2.000	"
15. Chã de Terra Nova	10	2	12	28	900	1.200	Animal
16. Subáúma Mirim ..	9	6	30	30	800	1.000	"
	458	39	494	315	49.900	94.700	

Figura 70: Descrição sobre os engenhos do município de Pilar em 1854.
Fonte: Sant'ana, 2011.

Podemos ainda destacar, de acordo com a tabela acima apresentada, a quantidade de engenhos que compunham, na época, o município de Pilar. Estavam em funcionamento, no ano de 1854, 16 exemplares, cuja produção de açúcar totalizava o número de 49.900 arrobas, ou seja, em torno de 748 sacos, com 60 kg cada um. Esses números os determinavam como grandes produtores.

Os dados apontados por Sant'ana informam ainda sobre a força motriz dos engenhos, dentre os quais podemos mencionar os cinco exemplos selecionados para o presente estudo. Dessa forma, constituíram-se com moenda movida a animal apenas o engenho **Novo**, e com moagem a água os engenhos **Lamarão**, **Grujáú de Cima**, **Salgado** e o **Varrela**. Este último é apresentado no mapa que se refere aos engenhos existentes em São Miguel dos Campos, para o mesmo ano de 1854, a partir da tabela abaixo.

MAPA DEMONSTRATIVO DO ESTADO, EXTENSÃO, QUALIDADE, SITUAÇÃO TERRITORIAL, FORÇA E PRODUÇÃO ANUAL DOS ENGENHOS EXISTENTES NO MUN.S. MIGUEL DOS CAMPOS... EM JAN. 1854

ENGENHOS	Território (braças quadradas)	Território ocupado (braças quadradas)	Qualidade terras	Força motriz	TRABALHADORES		ANIMAIS		PRODUÇÃO ANUAL		
					Livres	Escravos	Vacum	Cavalas	Açúcar (arrobas)	Mel (canadas)	Aguardente (canadas)
1. Jequiá do Fogo ..	11.520.000	100.000	M	A	10	96	120	15	10.000	12.000	—
2. Ilha	8.640.000	100.000	M	A	5	100	100	10	10.000	12.000	500
3. Prata	8.640.000	100.000	M	A	20	80	90	10	2.000	2.200	—
4. Pindoba	1.440.000	20.000	M-S	A	—	40	38	9	900	1.200	—
5. Brejo	7.200.000	9.000	M-S	A	10	20	35	4	1.600	2.000	—
6. Preperi	5.760.000	16.000	M-S	C	6	15	40	8	5.000	6.000	2.000
7. Góes	5.760.000	50.000	M	A	8	40	85	8	6.000	7.500	6.000
8. Furado	5.760.000	60.000	M-S	A	8	46	85	8	2.000	2.500	800
9. Caxacumba	4.320.000	20.000	M	C	10	22	22	26	2.500	4.000	3.000
10. Canabrava	2.880.000	25.000	M	C	10	21	25	25	4.000	5.000	4.000
11. Retiro	1.440.000	45.000	M	A	2	50	36	3	5.000	6.000	—
12. Simmbu	5.760.000	50.000	M	A	2	73	30	4	1.500	1.800	—
13. Saudade	34.560.000	15.000	M	A	15	3	8	—	2.800	3.200	—
14. Coité	1.440.000	28.000	M	A	8	30	50	4	2.500	3.000	—
15. Estiva	480.000	25.000	M-S	A	10	20	20	3	5.000	6.000	—
16. Rosário	2.880.000	50.000	M-S	A	6	41	40	20	5.000	6.000	—
17. Varrela	2.880.000	50.000	M-S	A	16	32	54	16	5.000	6.000	—
18. Laranjeira	5.760.000	50.000	M-S	A	10	50	60	20	2.500	6.000	—
19. Subáuma Grande	1.080.000	25.000	M	A	4	51	40	10	2.000	2.800	—
20. Carhoeira	1.080.000	20.000	M-S	A	10	10	14	8	2.500	2.400	—
21. São Bento	2.880.000	25.000	M-S	A	16	26	10	10	1.200	1.500	—
22. Riachão	8.640.000	12.000	M-S	C	10	10	18	25	—	—	—
23. Marcação	4.320.000		Fogo morto								
24. Mineiro	5.760.000		"								
25. Conceição	2.160.000		"								
26. São Sebastião	8.640.000		"								
					186	876	1.020	238	89.000	107.900	16.300

CONVENÇÕES: Qualidade das terras: M = massapê; S = salão
Força motriz: A = água; C = cavalo

Figura 71: Demonstrativo do engenho da região de São Miguel dos Campos em 1854.

Fonte: Sant'ana, 2011.

O engenho **Mundaú** não foi apontado pelo autor.

As visitas em campo concentraram-se na busca de dados que pudessem complementar o conhecimento sobre vários aspectos do engenho, principalmente sobre sua abordagem enquanto patrimônio. Dessa forma, os estudos se aprofundaram para os exemplares eleitos, nos quais se buscou a observação sob um olhar de maior abrangência abarcando questões materiais, tecnológicas e culturais, como veremos adiante.

A escolha para o engenho **Novo** deveu-se à conservação de elementos construtivos, que auxiliaram na averiguação quanto à conformidade do conjunto, ao passo que possibilitou a geração de dados através de dois depoimentos: de um antigo proprietário e do atual.²⁸ Conserva a casa-grande, a capela, a casa dos trabalhadores, a fábrica e o galpão onde funcionava um alambique. Não foi possível realizar vistas panorâmicas do conjunto, porém podemos destacar as construções nesta imagem retiradas do Google Maps.

²⁸ Afrânio Lages e Celso Pontes de Miranda, respectivamente. Mais sobre os depoimentos posteriormente.



Figura 72: Vista aérea do conjunto do engenho Novo, Pilar - AL. 1) Antiga fábrica. 2) Casa-grande. 3) Capela. 4) Casa de trabalhadores. Destaque para o único caminho de acesso à cidade de Pilar.

Fonte: Adaptada de <https://maps.google.com/maps?hl=pt-BR&tab=ml>

O acesso principal, em ênfase na foto, marca a única passagem que conduz da cidade ao engenho. Esta propriedade pertenceu à família de Afrânio Lages há aproximadamente 70 anos e foi adquirida por seu pai, José Lages. De acordo com o depoente, ele testemunhou o engenho moendo durante alguns anos, mas não sabe ao certo quando parou de moer. Moía a vapor, pois se lembra das caldeiras e do bueiro em funcionamento. Recorda que o açúcar que era produzido no engenho tinha uma consistência melada, úmida, e perdeu valor para o produto manufaturado da usina.

Reforça que o prédio nunca sofreu intervenção, mesmo com o fechamento do engenho, e que houve a substituição da produção do açúcar por criação de gado. Ainda segundo o depoente, o mesmo tentou, em certo momento, plantar cana para fornecimento à usina, porém não houve sucesso e ele desistiu da atividade. Contudo, menciona sobre o potencial das terras do engenho Novo para a agricultura: “*Poucas fazendas em Alagoas são iguais aquela*” (Afrânio Lages, em 2013).

Celso Pontes de Miranda é o atual proprietário do engenho Novo, tendo adquirido-o em maio de 2008. Atualmente, assim como acontece há anos, a dedicação da propriedade é a criação de gado.

Semelhante ao Novo, a visita ao engenho **Salgado** permitiu o depoimento do atual proprietário, e possibilitou o cruzamento de informações entre a literatura e as memórias de Marcelo Pontes de Miranda. O mesmo recebeu de herança as terras da propriedade com o falecimento da sua mãe, em 1980.



Figura 73: Marcelo Almeida Pontes de Miranda, atual proprietário do Engenho Salgado em Pilar - AL.
Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2012.

A implantação desse exemplar ocorre em terreno com a recorrente presença de vales, cuja vegetação é marcada por árvores de grande e médio porte, como pode ser visualizado na imagem abaixo. Conserva a casa-grande com capela anexa, a fábrica em arruinamento e algumas casas de trabalhadores. Atualmente a propriedade é voltada para a criação de animais e o cultivo de flores tropicais.



Figura 74: Vista dos terrenos do engenho Salgado, em Pilar - AL.
Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2011.

Recentemente foi possível localizar um registro antigo, que pertence ao acervo do proprietário, e contempla o entorno do conjunto do engenho Salgado. Apesar da pouca qualidade da imagem, podemos notar que a região se caracteriza pela declividade do terreno. As construções estão esparsas em cota inferior, apresentando-se como uma área formada por vales, como mencionado. Aparece a casa-grande quase anexa à fábrica e outras duas edificações, em primeiro plano que, atualmente, não existem mais no local. Na extremidade

direita pode-se notar o início de um conjugado arquitetônico que se acredita tratar da senzala, ou pelo menos de antigas casas de trabalhadores, que será mais detalhada posteriormente.

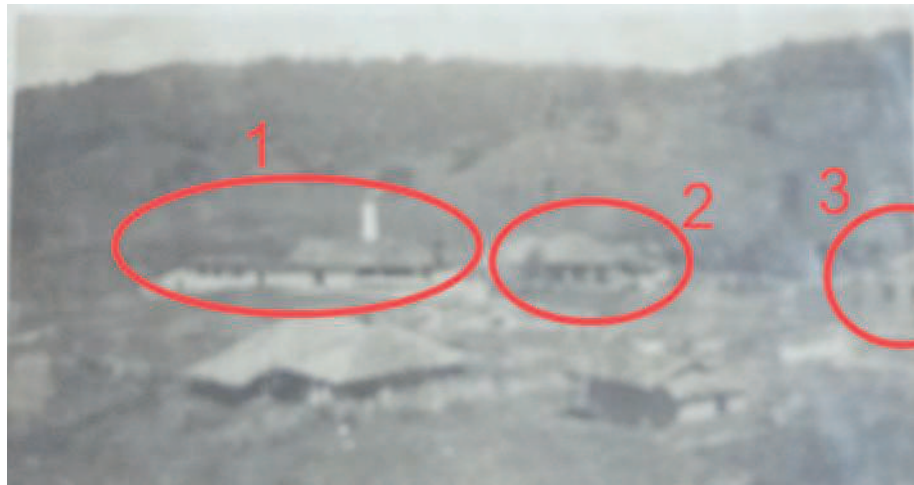


Figura 75: Engenho Salgado, Pilar - AL. 1) Antiga fábrica. 2) Casa-grande. 3) Parte da casa de trabalhadores ou senzala.

Fonte: Adaptada do acervo de Marcelo Almeida Pontes de Miranda, 2011.

Segundo o Sr. Marcelo Almeida, depois que deixou de moer, a cana plantada nos terrenos do engenho era fornecida à Usina Terra Nova, antigo engenho Terra Nova. Porém, com o fechamento dessa usina o proprietário passou a fornecer a cana para a Usina Uruba e depois para a Usina Utinga. Nesta, o gasto com o combustível cresceu muito para o transporte da cana. Além disto, o receio de acidentes com os funcionários na estrada levou o Sr. Marcelo a parar de adubar os terrenos, mudar o plantio e a atividade para a criação de gado.

O engenho **Mundaú** fica na proximidade do rio de mesmo nome, localizado no município de Satuba, também próximo à Maceió. A opção por investigar esse exemplar deveu-se à integridade da antiga fábrica e da capela, bem como a presença de uma olaria, estabelecendo relação com as informações coletadas através da bibliografia de Diéguas Júnior, que menciona a necessidade da existência de olarias para o conjunto dos engenhos. (DIÉGUES JÚNIOR, 2006, p.99).



Figura 76: Vista dos terrenos do engenho Mundaú, localizado em Satuba - AL.
Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2010.

Apesar de constituir-se como um elemento necessário ao funcionamento das antigas fábricas de açúcar, a olaria parece tratar-se de uma construção mais recente, se considerarmos que a placa existente no local diz *“obra construída a cargo da firma Ferreira Fernandes S/A, técnico Marcílio Dias, Ricardo Barburim, 20/07/79”*.



Figura 77: Placa da olaria
Fonte: Grupo de Pesquisa estudos da Paisagem, 2010.

A averiguação no engenho **Lamarão**, localizado nas proximidades da lagoa Manguaba, ocorreu em virtude de apresentar-se em bom estado de conservação, relativamente íntegro; atualmente se constitui como local para eventos de cunho principalmente religioso. Voltou-se a utilizar imagem do Google Maps por falta de uma visão panorâmica do conjunto. Dessa forma podemos visualizar os elementos construtivos e sua implantação no terreno. Conserva a casa-grande, a capela, e a casa de trabalhadores.

Como vemos na imagem abaixo, seus elementos construídos localizam-se nas extremidades dos terrenos do engenho, criando um espaço livre no centro do conjunto, semelhante ao visto no exemplar do engenho Uruaé.



Figura 78: Vista do conjunto edificado do engenho Lamarão localizado em Pilar - AL. 1) Casa-grande. 2) Casa de trabalhadores ou senzala. 3) Capela

Fonte: Adaptada de <https://maps.google.com/maps?hl=pt-BR&tab=ml>.

Pela conservação dos seus elementos edificados, assim como de alguns equipamentos de caráter fabril, é que se optou pelo estudo do engenho **Grajaú de Cima**. Mantém, portanto, a casa-grande, capela, fábrica, casa de trabalhadores, alambique, casa de farinha e açude. Como se pode notar, esse exemplar, assim como acontece com o engenho Mundaú, apresenta os remanescentes de outras edificações, além do quarteto tido como principal: casa-grande, capela, casa de trabalhadores e fábrica.

Sua implantação ocorreu em área de grande extensão, com pouca declividade, onde se destacam os caminhos de acesso que direcionam aos elementos edificados, localizados razoavelmente distantes uns dos outros. Na imagem, entre os elementos que formam o engenho Grajaú de Cima, podemos destacar o açude.



Figura 79: Vista aérea do conjunto do engenho Grajaú de Cima, localizado em Pilar - AL. 1) Casa de trabalhadores. 2) Capela. 3) Casa-grande. 4) Alambique. 5) Casa de farinha. 6) Antiga fábrica. Em destaque o açude.

Fonte: Adaptado de <https://maps.google.com/maps?hl=pt-BR&tab=ml>.

O engenho **Varrela**, está localizado no município de São Miguel no vale de mesmo nome. Ele foi escolhido para o estudo porque além de apresentar edificações íntegras, possibilitou a compilação de dados das bibliografias referidas ao mesmo, com destaque para uma que trata sobre as memórias desse exemplar (Accioly, 1992). As edificações do seu conjunto estão esparsas no terreno e constituem-se pela casa-grande, capela e fábrica, como veremos adiante.



Figura 80: Engenho Varrela, São Miguel dos Campos. 1. Localização da antiga fábrica; 2. Casa-grande e 3. Capela

Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2010.

Esse engenho é mencionado por Sant'ana em narrativa acerca da época da construção da estrada de Penedo.

Começando o traçado a estrada em Penedo, achava que deste ponto “para o Norte podia se seguir a costa do mar até a Barra do Rio S. Miguel”, mas como o mencionado rio em sua foz tinha uma largura quase idêntica à do S. Francisco, o que impedia a construção de ponte no local, além de encontrar adiante, nas barras das lagoas, próximas a Maceió, empecilho igual, parecia-lhe melhor o trajeto que, partindo de Penedo, “passando Manimbu, Pescoço, Lagoa Nova; atravessando o Rio Coruripe entre Mocambo e o Jenipapo e daí passando entre a Lagoa de Santa Luzia e as cabeceiras do rio Poxim, que é tabuleiro enxuto em todo o tempo; atravessando o rio Jequiá perto do engenho Santa Luzia e seguindo pelos (engenhos) Sinimbu, Rosário, **Varrela**, Subaúma-Mirim e Lama até Pilar e daí seguindo pelo Mundaú, Pinto ou vila do Norte, Pedreiras, Fernão-Velho e Bebedouro até Maceió” (SANT'ANA, 2011, p.360).

O engenho Varrela adotou esse nome em 1923, tendo sido conhecido anteriormente como engenho Subaúma Grande de Baixo “*O Varrela, ‘ouro em pó’, representa tudo para os demais engenhos*” (ACCIOLY, 1992, p.44). A mesma autora afirma que no censo de 1940 o mesmo possuía 800 moradores, contando com uma escola.

O medo não permeava entre os moradores do engenho, que podiam circular, segundo a autora, pela casa de farinha, tenda do ferreiro, curral de ovelhas, pocilgas de porcos galegos e pela horta e pomar. “*As bananeiras eram plantadas nas grotas, longe da casa; as jaqueiras eram plantadas no campo para o povo comer. Havia uma, muito grande...*” (ACCIOLY, 1992, p.49).

Um fato histórico que afetou o engenho Varrela foi a guerra de 1942. Segundo Accioly, o pasto do engenho Varrela, que costumava ser bem iluminado devido à boa luz elétrica, foi totalmente apagado porque houve um blackout, temendo-se que o foco de luz atraísse perigo nas proximidades da lagoa Azeda, onde o Itapajé foi torpedeado²⁹. (ACCIOLY, 1992, p.49).

3.2.1 Sítio

Podemos perceber semelhanças quanto à localização entre alguns dos exemplares alagoanos aqui estudados. O **Novo**, o **Salgado** e o **Grajaú de Cima** possuem acessos distantes das rodovias e são acessadas por estradas de terra que terminam nos próprios engenhos.

²⁹ De acordo com o Wikipédia “*O Itapagé foi um navio brasileiro, utilizado no transporte de carga e de passageiros, torpedeado pelo submarino alemão U-161, em 26 de setembro de 1943, no litoral do estado de Alagoas.* ([http://pt.wikipedia.org/wiki/Itapag%C3%A9_\(navio\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Itapag%C3%A9_(navio)))



Figura 81: Vista dos acessos dos engenhos Novo, Salgado e Grajaú de Cima, respectivamente.
Fonte: Acervo da autora, 2011.

Com localizações próximas às rodovias, os exemplares do **Varrela** e do **Mundaú** oferecem fácil acesso, inclusive com os caminhos internos pavimentados. Essa facilidade é ainda maior no caso do engenho Varrela, que apresenta, mesmo entre as edificações, atalhos calçados.



Figura 82: Vistas dos caminhos calçados que caracterizam hoje, os engenhos Mundaú e Varrela, respectivamente.

Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2010.

No caso do **Lamarão** e, ainda, do Grajaú de Cima, podemos destacar os grandes vazios que se estabelecem na parte frontal das edificações, em destaque nas imagens. Essa ocorrência é aproveitada, no primeiro engenho, para a organização dos eventos, como citado anteriormente.



Figura 83: Vista do pátio dos engenhos Lamarão e Grajaú de Cima.
Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2010.

Um ponto que merece ser comentado sobre o engenho Grajaú de Cima é que o mesmo constitui-se como o exemplar que apresenta maior número de edificações específicas da época mais remota do conjunto, comparando-se aos outros. Podemos destacar entre estas a presença de um açude, similar ao apresentado na gravura de Cícero Dias para a representação do engenho Noruega em Pernambuco (ver figura 79).

3.2.2 Casa-grande

Dos seis modelos estudados, somente o engenho **Mundaú** não apresenta a casa-grande, nem indícios quanto à sua localização nas proximidades do conjunto. Entre os cinco que a conservaram, podemos destacar a residência principal do engenho **Varrela**. Esta se apresenta com implantação em nível mais elevado, com cobertura em quatro águas e alpendre em todo seu entorno. Essas características confirmaram, para este exemplar, semelhanças observadas entre alguns dos exemplares representados por Frans Post, no século XVII.

Em função das dimensões e da posição no terreno, constitui-se como uma propriedade imponente, bem conservada com jardins bem cuidados. Suas fachadas apresentam grossas colunas que sustentam o telhado, aberturas de portas e janelas, que se mostram nos quatro lados. A face frontal exhibe um guarda-corpo e madeira e escadaria com acesso lateral.



Figura 84: Casa-grande do Engenho Varrela, São Miguel - AL. Detalhe da escada e aberturas da varanda.
Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2010.

Também semelhantes são os exemplares do **Novo** e do **Salgado**. No engenho Novo a casa apresenta coberta em quatro águas, escada de acesso, envolve-se por varanda nos seus três lados, sustentados por pilares finos em madeira. Esse detalhe das colunas também é uma característica adotada no exemplar da casa-grande do engenho Jundiá, em Vicência, mas no caso em estrutura metálica. Completam a composição da fachada deste exemplar as aberturas de portas e janelas, em madeira e vidro, e algumas luminárias dispostas no entorno da varanda.



Figura 85: Casa-grande do engenho Novo, Pilar - AL. Fachada principal da casa-grande e detalhe da escada.
Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2010.

Segundo o depoente e antigo proprietário, Afrânio Lages, a casa-grande é muito significativa porque, de acordo com o mesmo, sua existência data da época da invasão holandesa, quando foi incinerada e depois reconstruída. Desde então conserva as mesmas características arquitetônicas. Sobre o incêndio, a informação não foi confirmada em fontes escritas.

Já a casa-grande do engenho Salgado foi modificada, mas encontra-se em razoável estado de conservação, com possibilidade de ter-se mantido o mesmo modelo, embora reconstruído, da

casa seiscentista. Sua fachada se compõe pelo mesmo tipo de telhado, em quatro águas, colunas que apresentam simples adornos e por aberturas de porta e janela.



Figura 86: Casa-grande do Engenho Salgado, Pilar - AL.
Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2011.

Hoje seu interior é composto por quatro quartos, corredor, sala de jantar, duas cozinhas e dois cômodos ao fundo que funcionam como depósito. Todos os ambientes foram decorados com mobiliário antigo, com destaque para a cozinha que será mais bem apresentada posteriormente.



Figura 87: Interior da casa-grande do engenho Salgado, Pilar - AL.
Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2012.

A atual casa-grande do engenho **Lamarão** exibe distinções em comparação com os modelos apresentados. Telhado em duas águas, alpendres lateral e frontal, sustentados por colunas que marcam a extensão da varanda. A edificação sofreu reforma para ampliação de andar superior que aproveitou a altura do pé direito estabelecido pela edificação original. Assim como acontece com o exemplar do engenho Salgado, o interior foi decorado com mobiliário antigo.



Figura 88:Engenho Lamarão, Pilar – AL. Fachada principal da casa-grande do engenho e área posterior.
Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2011.

O exemplar do engenho Grajaú de Cima apresenta características arquitetônicas recentes e constitui-se como o único entre os conjuntos alagoanos aqui estudados a apresentar-se com dois andares. Neste aspecto, assemelha-se a alguns exemplares seiscentistas. Compõem a fachada principal colunas que sustentam o telhado em duas águas, elementos vazados na varanda do pavimento inferior e um guarda-corpo no segundo pavimento.

Do ponto onde a casa-grande está localizada se tem uma boa visualização do terreno do engenho. Próxima a ela, existe uma casa de trabalhador, em sua extremidade esquerda, a qual devia se destinar aos funcionários mais relacionados com a casa.



Figura 89: Fachada principal da casa-grande do engenho Grajaú de Cima, Pilar - AL. Vista geral da propriedade.

Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2010.

3.2.3 Capela

Os seis exemplares aprofundados neste estudo apresentam o exemplar da capela. Porém podemos classificá-las, quanto à imponência arquitetônica, como construções com maior ou menor destaque. Dois modelos em Alagoas assemelham-se aos encontrados nos engenhos Poço Comprido, Jundiá e Uruaé, em Pernambuco, uma vez que nos engenhos Salgado e Novo as capelas são anexas à casa-grande.

Dentre estas, o exemplar do **Salgado** mostra-se mais simples, como se um cômodo da casa-grande tivesse sido transformado para agregar a função de capela. Esta apresenta pequenas dimensões e é formada por nave única. Ela foi parcialmente modificada e seu interior apresenta-se simples, com piso em ladrilho e altar com imagens religiosas destacando a figura

do santo protetor do engenho Salgado, São José. Os eventos religiosos eram comemorados, de acordo com o proprietário, até pouco tempo atrás, na capela do engenho.



Figura 90: Capela do engenho Salgado, Pilar - AL. As duas entradas da capela e seu interior, com destaque para o altar com pequenas imagens.

Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2010.

Já a capela do engenho **Novo** apresenta-se pouco mais detalhada que o exemplar do Salgado. Com cobertura em duas águas, a fachada é composta por porta, escada curta e simples adornos que marcam o frontão. Não foi possível o acesso ao seu interior, mas percebeu-se que é pequena e formada por nave única.



Figura 91: Capela do engenho Novo, Pilar - AL. Fachada principal da capela.
Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2010.

De acordo com o Sr. Afrânio Lages, antigo proprietário, a capela do engenho possui no seu interior lápides que datam de 1700 e 1800, acentuando a sua antiguidade arquitetônica, evidência confirmada pelo atual proprietário, o Sr. Celso Pontes de Miranda.

O exemplar da capela do engenho **Mundaú** também se apresenta como um modelo singular. Possui volume simples, semelhante a outros modelos visto em campo. Foi possível realizar duas visitas a esse exemplar, o que possibilitou ver que entre os períodos desta a edificação recebeu nova pintura na fachada principal. Quanto ao interior não podemos afirmar porque não houve acesso.



Figura 92: Capela do engenho Mundaú, Satuba - AL.
Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2010.

A localização da capela do **Grajaú de Cima** é próxima ao acesso principal do engenho e à época da visita passava por uma reforma. A fachada é composta por aberturas, de porta e janelas em madeira, com frontão trabalhado com detalhes de volutas. Seu interior se encontra bastante deteriorado e se apresenta em nave única com altar em madeira composta por nichos

destinados às imagens. Ao lado existe uma sala, possivelmente a sacristia, com certa semelhança ao modelo desenhado por Cícero Dias para a capela do engenho Noruega.



Figura 93: Capela do engenho Grajaú de Cima, Pilar - AL. A) Fachada da capela. B) Interior da capela com detalhe para o altar em madeira.
Fonte: Acervo da autora, 2011.

Podemos destacar, pela imponência, as capelas dos engenhos **Lamarão** e **Varrela**. O modelo do Lamarão é distinto do das capelas visitadas em Pernambuco e dos exemplares alagoanos mencionados e destaca-se pelo bom posicionamento na paisagem e pela riqueza de detalhes da fachada.



Figura 94: Engenho Lamarão, Pilar - AL. Destaque para a capela do engenho e para a paisagem.
Fonte: <http://www.flickr.com/photos/lulacastellobranco/7518327266/lightbox/>, 2013

Esta é formada por aberturas de portas e janelas, com arcos ogivais, decorando as aberturas frontais. Nota-se também a presença de frontão, também adornado, com a existência de pináculos. Complementam a fachada principal a presença de duas sineiras, uma delas falsa.



Figura 95: Engenho Lamarão, Pilar - AL. Fachada da Capela do engenho, com destaque para sineiras falsas.
Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2010.

Seu interior constitui-se de nave única, apresentando coro elevado com piso em madeira, cujas escadas apresentam-se externamente, nas laterais, que levam às sineiras, uma em cada lado da construção. Expõe um sino somente na torre da lateral esquerda.

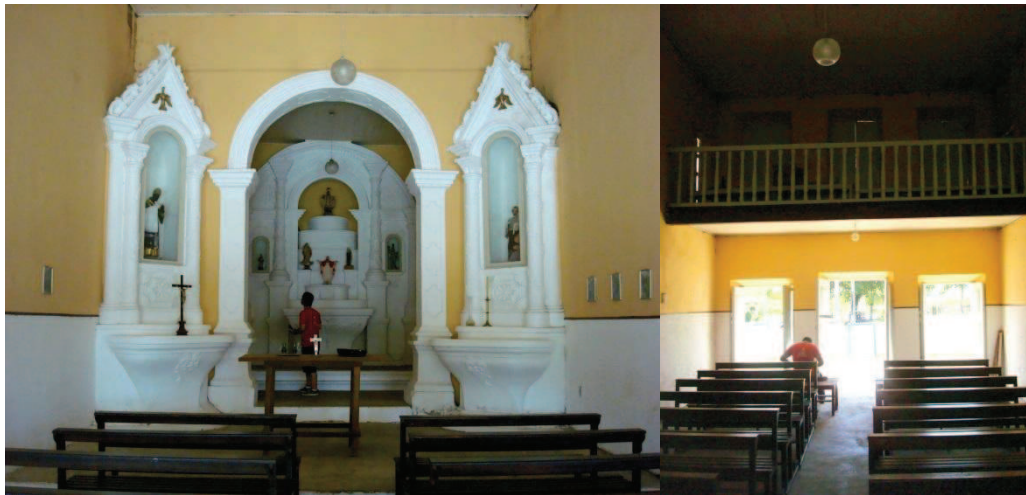


Figura 96: Interior da capela do engenho Lamarão, Pilar - AL.
Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2011.

Apresenta ainda, assim como foi visto em alguns exemplares pernambucanos, dois altares, principal e lateral, bastantes adornados, decorados com a presença de imagens de santos. Atualmente a edificação ainda é utilizada na realização de eventos de cunho religioso, principalmente casamentos. Dessa forma, encontra-se em bom estado de conservação.

Finalmente apresentamos a capela do engenho **Varrela** como o exemplar de maior destaque entre as estudadas, pois se mostra como um dos mais antigos entre os vistos em Alagoas. É afastada da casa principal e distante também de onde estava localizada a fábrica, semelhante à disposição encontrada no engenho Várzea Grande, em Pernambuco.



Figura 97: Destaque para a capela do engenho Varrela, e seu distanciamento das outras construções do conjunto.

Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2011.

É possível que tivesse cemitério anexo, pois na parte posterior existem seis túmulos. Com pouca dimensão apresenta alpendre na face principal, estrutura comum às capelas de engenhos dos séculos XVI e XVII, encontradas nas gravuras de Post. Não foi possível a visualização do interior, porém, percebe-se que se apresenta em nave única, comum aos outros exemplares alagoanos, com telhado em duas águas.



Figura 98: Engenho Varrela, São Miguel dos Campos - AL. Capela com cemitério na parte posterior da edificação.

Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2010.

As fachadas mostram-se sem muitos adornos, com as posteriores e frontais com frontões que apresentam recortes sinuosos. É cercada por muretas e grade.



Figura 99: Fachadas Ca capela do engenho Varrela.
Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2010.

3.2.4 Senzala e casa de trabalhadores

Em campo não foi encontrada nenhuma evidência de senzalas. Contudo, foram localizados conjuntos de casas de trabalhadores, nos engenhos, Novo, Lamarão, Grajaú de Cima e Salgado, que provavelmente mantiveram, ao que parece, a possível localização das antigas senzalas. Os exemplares do engenho Novo e do Grajaú de Cima apresentam algumas características distintas dos modelos encontrados em Pernambuco, que se constituíam como edificações alongadas, unidas por telhados únicos.

As casas do engenho **Novo**, por exemplo, se constituem por um conjunto edificado formado por sete unidades apresentando cota de piso variante entre elas. Cada casa constitui-se por um telhado em duas águas e suas fachadas apresentam porta e janela. Internamente dividem-se em sala, dois quartos, cozinha e banheiro, com uma pequena área de quintal na parte posterior.



Figura 100: Engenho Novo, Pilar - AL. Casas de trabalhadores localizadas na entrada do engenho.
Fonte: Acervo da autora, 2011.

Segundo Celso Pontes de Miranda, atual proprietário do engenho, apesar de existir alguns funcionários da fazenda que moram na cidade, dentre as casas conservadas três delas são moradias de atuais trabalhadores que prestam os mais distintos serviços para a fazenda.

Já os exemplares do engenho **Grajaú de Cima** apresentam algumas casas de trabalhadores, que estão localizadas a distâncias razoáveis entre elas e distribuídas no terreno, entre o acesso principal e a capela do engenho. As edificações possuem telhado em duas águas, com um avanço frontal originando uma estreita varanda, como o tipo registrado na planta da senzala do século XIX, desenhada por Vauthier.



Figura 101: Casa de trabalhadores do engenho Grajaú de Cima localizado em Pilar - AL.
Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2011.

Percebemos ainda o vasto pátio que se mostra na parte frontal das casas de trabalhadores desse engenho. Essa característica assemelha-se ao espaço destinado à senzala, representado em desenho de Cícero Dias. Esse pátio, como foi visto, devia ser utilizado pelos antigos moradores do engenho em distintas atividades do cotidiano.

Similares entre si também são os dois modelos de casas de trabalhadores encontrados nos engenhos Lamarão e no Salgado, com cobertura unificada. A casa encontrada no engenho **Lamarão** é parecida com a senzala visitada no engenho Uruaé, em Pernambuco. Constitui-se por uma edificação longilínea, em telhado único de duas águas. Porém, apresenta-se como uma edificação recente, que não permite identificá-la como uma senzala. Seus moradores não foram encontrados na ocasião, para melhor detalhar sobre o conjunto.



Figura 102: Engenho Lamarão, Pilar - AL. Fachada da casa de trabalhadores.
Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2011.

Já quanto a morada de trabalhadores do engenho **Salgado**, através de um registro antigo, percebemos que a mesma apresentava uma disposição semelhante às senzalas estudadas em Pernambuco, formadas por duas linhas de casas que somavam aproximadamente dezoito unidades. Conectadas, cada edificação, por telhado único, o bloco da direita da imagem se prolongava pouco à frente da fachada frontal e era sustentado por estreitos pilares, lembrando o tipo esboçado por Vauthier, e as casas encontradas no engenho Grajaú de Cima. De acordo com Marcelo Almeida, o proprietário do Salgado, ainda se conservam quatro destes exemplares, porém seu acesso não foi disponibilizado.



Figura 103: Engenho Salgado, Pilar - AL. Casas antigas de escravos e trabalhadores do engenho.
Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2012.

A quantidade de casas é determinante sobre o número de trabalhadores e famílias que habitaram esse conjunto. Ainda segundo Marcelo Almeida, à época em que moía, o engenho devia abrigar cerca de oitenta moradores, entre trabalhadores em geral e suas famílias, empregados em atividades de plantação, transporte da cana, e cargos da fábrica. Para as

mulheres, as principais incumbências estavam na casa-grande, com ênfase na cozinha. Atualmente o número de trabalhadores do engenho Salgado é no máximo de 15 funcionários empregados em ofícios agrícolas, de pecuária e domésticos.

3.2.5 Fábrica

Dos seis engenhos selecionados para o presente estudo, apenas o engenho Lamarão não apresenta remanescentes da fábrica. Entre os cinco, podemos destacar características semelhantes quanto à implantação, nos engenhos Novo e Salgado. As fábricas apresentam cômodos situados em níveis diferentes de piso, que determinam as funções desempenhadas em cada ambiente, semelhante a alguns exemplares de Pernambuco.



Figura 104: Antigas fábricas dos engenhos, Novo e Salgado, respectivamente.
Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2010.

O galpão onde funcionou a fábrica de açúcar do engenho **Novo** é formado por dois cômodos retangulares. A presença de muretas internas indica apoio do tablado da casa de purgar, como visto nos exemplares dos engenhos Poço Comprido e Jundiá, em Vicência. Atualmente

funciona como curral, já que a atual função da propriedade está voltada para a criação do gado Nelore³⁰.

Em campo não se encontraram vestígios que comprovassem a força motriz da moenda, porém, em Sant'ana (2011), como já foi visto, o engenho Novo era o único, entre os seis exemplares, que moía a tração animal.

A fábrica do engenho **Salgado** mostra-se em dois ambientes que podem ser visitados, porém sem vestígio dos equipamentos de produção, e apresentam mal estado de conservação, com áreas destelhadas e paredes em ruínas. De acordo com o proprietário, ele tem pensado em demolir a edificação, em virtude do perigo que a mesma oferece de desabamento.



Figura 105:Fábrica do engenho Salgado, Pilar - AL.
Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2012.

Através do depoimento do proprietário do Salgado, podemos entender a disposição e funções de cada cômodo da fábrica, assim sobre a disposição dos equipamentos necessários para a produção do açúcar. Segundo o Sr. Marcelo Almeida, o mesmo conheceu o engenho Salgado quando movia a vapor.

O bagaço, que resultava da moenda, era transportado ao seu destino através de um extenso pedaço de couro de boi, puxado por um animal, e ao chegar ao seu destino era espalhado em área externa e exposto ao sol, para perder a umidade. Ficava então retido na bagaceira e depois serviria como material de combustão para as caldeiras.

³⁰ Depoimento colhido pela mestrandia com o atual proprietário do engenho, Celso Pontes de Miranda, em 2013.

Não foi possível reconhecer no local o cômodo destinado à moenda do engenho, pois o mesmo encontra-se tomado pela vegetação. O maquinário da moenda foi vendido pelo antigo proprietário – pai do Sr. Marcelo – quando o engenho parou de moer.

Nas caldeiras da fábrica do Salgado, o caldo passava por cinco tachas, aquecidas pelo vapor gerado nas moendas. De acordo com Marcelo Almeida, a transferência de uma tacha a outra, consistia de um caldeirão amarrado a uma corda com a qual o funcionário tirava o caldo, pesado e quente, de uma tacha para a outra. Da última tacha o caldo passava a uma forma rasa para ser batido com um rodo e engrossar, assim como acontece na confecção de doces batidos.



Figura 106: Fachada lateral da fábrica do engenho Salgado, Pilar - AL.
Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2011.

Diferente do equipamento de outros exemplares, na casa de purgar os pães de açúcar, que podiam ser confeccionados em cobre, madeira ou ferro, foram substituídos por sacos que eram fixados aos tablados, onde se originava o açúcar. De acordo com o depoente, todo o açúcar produzido nos engenhos era mascavo. O mel resultante da purga era retirado com latas e utilizado para o gado ou no alambique. Portanto, o Engenho Salgado produzia, além do açúcar mascavo, a cachaça. O maquinário do alambique também foi vendido. Ainda segundo Marcelo, foi feito um levantamento da fábrica pelo folclorista, esposo de uma tia, Théo Brandão³¹.

³¹ Infelizmente esse levantamento ainda não foi localizado pelos responsáveis da organização do acervo do folclorista, atividade que ainda se encontra em andamento.

Os sacos de açúcar eram de 60 kg e o produto final ainda continha umidade e atraía insetos como abelhas. A comercialização era feita em Maceió, e ao que parece todo o açúcar fabricado em Viçosa, Capela e Pilar era exportado pelo porto de Pilar; seu transporte era feito em barcaças pela lagoa Manguaba. O açúcar do engenho Salgado também era vendido pela Cooperativa Agrícola dos Bangüezeiros e Fornecedores de Cana de Alagoas.

Outras duas fábricas de açúcar foram encontradas nos engenhos Mundaú e Grajaú de Cima. Os mesmos apresentam semelhanças quanto à implantação, pois estão localizados em nível inferior no terreno, assim como conservam os bueiros da antiga indústria.



Figura 107: Engenho Mundaú, Satuba – AL. Bueiros localizados no galpão identificado como a fábrica e detalhe da base do bueiro, indícios da caldeira de um engenho a vapor.
Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2010.

O exemplar da fábrica do engenho **Mundaú** se constitui em um galpão amplo com abertura em arcos, nas fachadas laterais, cuja estrutura já foi bastante modificada. Porém, destaca-se na paisagem pela presença de dois bueiros, como visto na imagem acima, afastados um do outro, cerca de oito metros, que indicam a área destinada às caldeiras, onde o caldo proveniente da moenda era cozido. Na base do bueiro, percebe-se uma abertura em forma de arco que o caracteriza como suporte da caldeira – tipo trem jamaicano.

O modelo do engenho **Grajaú de Cima**, por sua vez, apresenta telhado em duas águas sustentado por grossos pilares. No seu interior existem paredes em ruínas que sugerem os espaços destinados às antigas etapas da produção do açúcar. O bueiro fica próximo à edificação, em estado de conservação precário. A estrutura da fábrica foi parcialmente alterada e atualmente funciona como curral para animais.



Figura 108: Engenho Grajaú de Cima, Pilar – AL. Fábrica do engenho com detalhe para a fachada.
Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2010.

Assim como o engenho Mundaú, a fábrica do engenho **Varrela** passou por algumas reformas que influenciaram o reconhecimento da sua arquitetura remota, porém, ainda conserva a volumetria e espacialidade, com cobertura sustentada por grossas colunas com as quais podemos reconhecer alguns traços antigos desta edificação. O madeiramento do telhado, aparentemente novo, parece obedecer à antiga estrutura. Localiza-se na parte mais baixa do terreno, próximo ao rio São Miguel e atualmente é usada na realização de eventos.



Figura 109: Engenho Varrela, São Miguel – AL. Estrutura atual da antiga fábrica de açúcar.
Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2010.

3.2.6 Outras instalações

Em dois dos seis engenhos aqui detalhados foram encontradas outras instalações, além do quarteto formado pela casa-grande, capela, casa de trabalhadores e fábrica. O primeiro, o engenho **Mundaú**, apresenta nos seus terrenos vestígios de uma olaria. Nas proximidades da fábrica do engenho, em frente à capela, foram encontrados três bueiros altos, além daqueles que compõem o cenário da construção da fábrica. Algumas paredes apresentam-se em ruínas, com a presença de aberturas em arcos, e atualmente encontram-se encobertas pela vegetação.



Figura 110: Engenho Mundaú, Satuba - AL. Vestígios de uma olaria.
 Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2011.

Já no exemplar do engenho **Grajaú de Cima**, o conjunto conserva edificações relacionadas tanto ao trabalho de subsistência do engenho quanto ao fabrico do açúcar, dessa forma ainda se mantém o alambique e a casa de farinha deste modelo.

O alambique fica próximo à casa-grande e se constitui por um galpão com telhado em duas águas com acessos, frontal e lateral; o maquinário, de acordo com um funcionário, foi sucateado. Atualmente a edificação serve como depósito de material para a fazenda.



Figura 111: Edificação que abrigava o antigo alambique do engenho Grajaú de Cima.
 Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2011.

Em nível inferior à casa-grande e ao alambique, encontra-se a casa de farinha, que semelhante ao galpão onde se fabricava a cachaça do engenho, também possui telhado em duas águas. Seu equipamento fabril encontra-se deteriorado, não sendo possível a compreensão quanto ao seu funcionamento.



Figura 112: Engenho Grajaú de Cima, Pilar – AL. Casa-de-farinha e equipamento da fábrica desativada.
Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2010.

Ainda quanto ao Grajaú de Cima, foi possível constatar a presença de um açude, antes visto somente em representação de Dias, como já foi mencionado anteriormente. O mesmo é utilizado, nos dias de hoje, na hidratação dos animais da fazenda.



Figura 113: Açude do engenho Grajaú de Cima em Pilar - AL.
Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2010.

Fazendo um balanço das visitas, o quadro encontrado foi de estruturas quase extintas, abandonadas ou em arruinamento com maquinários sucateados e marcados pelo desuso. Mesmo assim ainda foi possível reconhecer algumas similaridades com dados levantados nos estudos anteriores que também esclareceram questões sobre os engenhos alagoanos.

A antiga vida do dia a dia se foi. Os trabalhos e divertimentos se perderam e as marcas do açúcar foram enterradas. As antigas estruturas deram lugar a outras atividades do meio rural e foram poucas as que puderam ser utilizadas no presente trabalho.

No século passado, em época de decadência de bangüês e surgimento das usinas, nasceram os depoentes alcançados por esta dissertação. Foram moleques, adolescentes e adultos que viram o mestre de cana moendo, que lembram o forte cheiro de melaço, e que provavelmente não se

esqueceram das canções do cotidiano. Essas manifestações reativas ao patrimônio imaterial dos engenhos será a abordagem do próximo capítulo.

4. PATRIMÔNIO IMATERIAL: TRABALHO E FESTA

O presente capítulo trata dos aspectos imateriais vinculados ao cotidiano dos antigos engenhos, a partir de dados colhidos na literatura em confronto com alguns depoimentos referentes às manifestações ligadas aos seis exemplares alagoanos aqui apresentados. O estudo foi complementado pelo uso de imagens investigadas no Museu Théo Brandão de Antropologia e Folclore, que se constitui como um espaço cujo acervo está voltado para as práticas culturais e populares do estado de Alagoas, principalmente as relacionadas ao folclore. Parte do material deste museu pertenceu ao próprio Théo Brandão, tido como um dos maiores pesquisadores do folclore alagoano, como já foi visto. Atualmente o acervo encontra-se dividido entre peças expostas, biblioteca ainda não disponibilizada ao público, registros imagéticos, documentais e audiovisuais, que estão em processo de catalogação.

Para o estudo foram avaliadas, no acervo de imagens do Museu, seis pastas, que disponibilizavam 371 imagens sobre as temáticas do Reisado, Cavalhada, Pastoril, Fandango, Maracatu e da família de Théo Brandão. Algumas destas foram selecionadas e poderão ser vistas no decorrer do texto.

No Brasil e no estado de Alagoas com o passar dos anos, aconteceram diversas ações relacionadas à apropriação do legado cultural, conduzidas pelas transformações de valores sociais, que induzem cada vez mais ao entendimento da importância da diversidade e da universalidade de bens e manifestações relacionados à cultura. São mobilizações voltadas à valorização e conservação de culturas singulares ou coletivas, que ocasionam o aumento da preocupação também quanto aos aspectos da materialidade e imaterialidade relacionados ao cenário patrimonial.

O conhecimento acerca do patrimônio está ligado aos conceitos de herança e apropriação de bens materiais e imateriais. A sua essência pode se estabelecer por diferentes tipos de afinidades: seja entre duas pessoas, no interior de uma mesma família ou no decorrer do tempo no seio de determinada sociedade. O bem que é transmitido a uma geração pode ter significado, assim como pode adquirir diferente sentido de valor dentro da comunidade, uma vez que o mesmo apresente relação direta com o caráter de originalidade e essência coletiva.

Dessa forma, cada grupo atribui, intencionalmente ou não, significados e valores aos diversos aspectos vivenciados no cotidiano.



Figura 114: Detalhe da capela do Engenho Grajaú de Cima, localizado no município de Pilar - AL.
Fonte: Acervo da autora, 2011.

Tem-se tornado frequente a busca por incentivos que apoiam o caráter de valorização e preservação por meios legais de bens culturais. Ações como o tombamento de um edifício, no âmbito da materialidade, que agrega à sua construção, a valorização de fatos históricos ou ideais adotados pela geração da época, têm priorizado esse esquema de continuidade a partir da sua preservação.

Assim existe no Brasil, desde 1937, uma legislação estável que regula a proteção do patrimônio material, classificado em quatro categorias ou livros de tombamento: Livro do Tombo Histórico; Livro do Tombo das Belas Artes; Livro Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico e finalmente o Livro das Artes Aplicadas³². Esse procedimento há décadas vem enfrentando questões que discutem o “congelamento” do patrimônio com a demanda por reformas físicas, inserção de novos usos, realização de práticas culturais ou de constatação de valor histórico, de reconhecimento afetivo, que contribuem para o prosseguimento das discussões acerca de como tratar o bem tombado.

Para a presente dissertação foram levantados alguns aspectos determinantes para enquadrar os engenhos alagoanos como patrimônio cultural. Dentre os quais podemos destacar o contato com dois exemplares de antigos engenhos pernambucanos que foram tombados: um em nível estadual, como o Parque Nacional da Abolição, ou seja, o engenho Massangana, e o Poço Comprido, que está inscrito no livro de Belas Artes desde 1962. Dois significativos exemplares reconhecidos como patrimônio cultural.

³² O Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, instituiu a nível federal o ato de Tombamento como um dos instrumentos legais básicos do IPHAN.

Essa constatação nos levou à compreensão de que, apesar do engenho ter se constituído como precursor na colonização da capitania de Pernambuco, a qual adicionava o atual território de Alagoas, até o momento não existe registro ou mesmo um inventário que agregue aos exemplares alagoanos o caráter de patrimônio.

Apenas pelo conjunto arquitetônico podemos considerar os engenhos como bens patrimoniais materiais. Porém, indissociável é o caráter imaterial da herança material. Do elemento palpável surgem práticas, também concretas, sobrecarregadas de valores e de reconhecimento mútuo. Dessa forma podemos considerar que o patrimônio imaterial é vida no íntimo do aspecto material, estando, portanto, atrelados entre si. O estudo de uma das vertentes tende a perpassar a outra.

Com o lançamento das políticas de Patrimônio Intangível instauradas pelo IPHAN no ano 2000, foi instituído o Registro dos Bens Culturais de Natureza Imaterial – através de ferramentas como o INRC (Inventário Nacional de Referências Culturais) – e o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial. Desde então um grande número de processos que almejam a inserção de práticas culturais no livro de registro de bens de natureza imaterial vem sendo apresentados à instituição.

Os estudos e discussões prévias permitiram consolidar os princípios que conduziram à proposta de um instrumento legal destinado ao reconhecimento e à valorização do patrimônio imaterial. O primeiro princípio vincula-se à própria natureza desse tipo de bem. Oriundos de processos culturais de construções de sociabilidades, de formas de sobrevivência, de apropriação de recursos naturais e de relacionamento com o meio ambiente, essas manifestações possuem uma dinâmica específica de transmissão, atualização e transformação que não pode ser submetida às formas usuais de proteção do patrimônio cultural. O patrimônio imaterial não requer “proteção” e “conservação” – no mesmo sentido das noções fundadoras da prática de preservação de bens culturais móveis e imóveis – mas identificação, reconhecimento, registro etnográfico, acompanhamento periódico, divulgação e apoio. Enfim, mais documentação e acompanhamento e menos intervenção [...] (O REGISTRO..., 2006, p.19).

Segundo consulta ao site do IPHAN foram registrados, até o momento, vinte e cinco bens como Patrimônio Cultural do Brasil, instituídos pelo Decreto nº 3551/00, a partir de uma reflexão conceitual sobre os variados tipos de legado que compõem o universo do patrimônio imaterial. Houve, pelo Grupo de Trabalho do IPHAN, 2000, a possibilidade de reuni-los em categorias de representatividade e identificação as quais correspondem a: saberes e modos de fazer, festas e celebrações, formas de expressões no âmbito artístico e de cotidiano e lugares de práticas culturais coletivas.

Um dos bens inscritos como patrimônio imaterial refere-se ao ofício das paneleiras de Goiabeiras, que inaugurou as inscrições no livro dos Saberes, concretizado pelo IPHAN. O registro tenta dar continuidade às técnicas e conhecimento sobre a fabricação das panelas de barro, confeccionadas no bairro de Goiabeiras Velha, localizado em Vitória, no Espírito Santo. A tradicional confecção das panelas está relacionada ao modo do preparo de certos pratos típicos do Estado, como a moqueca de peixe e a torta capixaba, consumidas na região, principalmente na Semana Santa.



Figura 115: Ofício das paneleiras das Goiabeiras.
Fonte: Dossiê Iphan 3: Ofício das paneleiras de Goiabeiras, 2006.

Dessa forma, a inscrição do bem de natureza imaterial em um dos livros do registro do IPHAN possibilita o seu reconhecimento por parte da sociedade e reflete a importância dessa manifestação como formadora de uma cultura nacional. A partir desta inscrição, o amplo reconhecimento favorece a conquista de apoio junto à sociedade e aos órgãos preservacionistas (PATRIMÔNIO..., 2007, p.22).

O recorte proposto na presente dissertação para o estudo de manifestações intangíveis vinculadas aos antigos engenhos alagoanos, localizados nas proximidades da lagoa Manguaba, se constitui sob três aspectos do patrimônio cultural: material, industrial e imaterial.

Em capítulos anteriores já foram mencionadas as questões relacionadas aos aspectos materiais, abordadas principalmente para o enquadramento e conhecimento quanto ao assunto, bem como, de forma dissertativa, foram apresentados os elementos compositivos dos engenhos a partir dos estudos “in loco” e das referências bibliográficas. Entende-se que, no caso de Alagoas, esses conjuntos podem ser analisados rumo a um possível reconhecimento como patrimônio material do Estado, já que marcaram fortemente um momento da história alagoana do passado e que sob outras bases continua no presente. Para isto a realização e sistematização de inventários auxiliariam muito.

Os engenhos podem ainda se inserir na categoria do patrimônio industrial. Decorrente da ampliação do campo de preservação cultural, o patrimônio industrial passou a ser considerado digno de preservação a partir de 1950, com a Inglaterra como iniciante da temática, tendo depois abarcado outras nações. O movimento ganhou força a partir de 1960 e no Brasil tem-se multiplicado com o passar dos anos, o que resulta em uma preocupação que vem crescendo tanto nos meios acadêmicos quanto no que tange às práticas de preservação (PAIVA, 2012).

O patrimônio industrial envolve vestígios materiais e imateriais resultantes de processos produtivos e tecnológicos relacionados a ações industriais que, além de abarcarem as atividades intrínsecas ao desenvolvimento de produção, constituem-se ao mesmo tempo como legado do passado para gerações futuras. A ação de conservação desses elementos constitui-se como preservação de patrimônio e acontece, geralmente, à medida que as manifestações das indústrias tornam-se obsoletas. Porém, tem-se conhecido casos em que se criam usos para os ditos ‘equipamentos ultrapassados’, inserindo-os em ações de preservação histórica ou mesmo atribuindo-lhes novas utilidades (ALMEIDA, 2012).

Se não houvesse a preocupação com a preservação desses complexos, a extinção dos mesmos acarretaria não apenas no desaparecimento da presença física, mas contribuiria para o aniquilamento da memória relacionada aos mesmos. Neste aspecto, as diferenças de atitude, no que tange aos engenhos, entre os estados de Pernambuco e Alagoas, levaram a uma situação de grande abandono e quase desaparecimento dos exemplares alagoanos, pelo menos na área em estudo, como foi visto nos capítulos anteriores.

As consequências da investigação sobre os aspectos da imaterialidade do patrimônio estão relacionadas com o seu reconhecimento enquanto manifestação social, que, portanto, demandam a participação comunitária.

A noção de referência cultural implicou, ainda, uma nova visão de concentração e gestão do patrimônio. Nessa perspectiva, a participação das comunidades na definição e implementação das ações de preservação é essencial. O princípio do trabalho de salvaguarda do patrimônio cultural imaterial é compartilhar responsabilidades e informações. É desenvolver em estrito contato com os grupos sociais, que produzem, reproduzem e transmitem esse patrimônio, os projetos de mapeamento, identificação, registro e fomento à valorização e à continuidade de bens culturais (O REGISTRO..., 2006, p.9).

Os remanescentes materiais dos antigos engenhos de açúcar em Alagoas resistiram precariamente ao tempo e se caracterizam como testemunhos do período colonial e pós-colonial, formadores das bases sociais do Estado. Porém, as atividades cotidianas, caracterizadas como o foco do estudo dentro dos aspectos da imaterialidade, têm sido pouco abordadas, embora caiba destacar os trabalhos pioneiros do próprio Gilberto Freyre, de Luís da Câmara Cascudo e em Alagoas, de Théo Brandão e Manuel Diegues Júnior, que serão fundamentais neste capítulo.

As pessoas, atores principais da vivência e ambiência nesses conjuntos, têm participação rara nos relatos escritos estudados. Sabe-se que foram muitas as práticas sociais e culturais que nasceram nos engenhos. Algumas surgiram a partir das atividades fabris dos bangüês, como o próprio método de fazer o açúcar, encargo confiado a uma pessoa que tinha o domínio da técnica em todas as etapas. Havia ainda as práticas cuja temática não refletia diretamente a preocupação com a economia açucareira.

Dessa forma, existe uma série de ações vinculadas a outros aspectos do cotidiano, como as manifestações ligadas à religião, as superstições e as lendas, adivinhações específicas sobre os assuntos do açúcar, as práticas da medicina popular, entre outros. Certamente muitas das manifestações vinculavam-se à esperança em conseguir progresso e êxito econômico, principalmente nas questões agrícolas. Como exemplo de uma, que percorre Alagoas, acredita-se que colocando uma cabeça de boi ou chifre em estacas por sob o canavial elas tendem a defender as plantações contra mau-tempo, mau-olhado e pragas (JÚNIOR, 2006, p.302).

Quanto às superstições dos engenhos a literatura também nos dá respaldo quanto à ocorrência dessas práticas, como revela José Lins do Rêgo.

Pouco mais adiante, debaixo de um marizeiro, de copa arrastando no chão, lá estava uma destas piscinas que o curso e a correnteza do rio cavavam nas suas margens. E foi aí, com meu tio Juca, que bebeu, antes de seu banho, um copo cheio de remédio

para o sangue, dormido no sereno, que entrei em relação íntima com o engenho de meu avô [...] (RÊGO, 2010, p.32).

A respeito da medicina popular, o autor Manuel Diégues Júnior cita algumas técnicas adotadas pela população, geralmente na zona rural, para a cura de determinadas enfermidades, como a mistura de folhas de hortelã miúda com o açúcar no tratamento de gripe ou a colocação do açúcar bruto, em ferimentos, para evitar sangramento e hemorragias. Já para doenças oftalmológicas bastava pingar uma gota de aguardente nos olhos (JÚNIOR, 2006, p.300-301).

Sobre os rituais funerários, de acordo com Marcelo Almeida, quando se morria no engenho Salgado, o defunto era carregado enrolado em um lençol amarrado numa vara e levado para o cemitério que ficava acima da fazenda. Apenas os ‘anjinhos’, as crianças que morriam sem ser batizadas, eram enterradas nos terrenos dos engenhos, próximo à porteira da entrada da propriedade.

Acerca de outro hábito ligado ao cotidiano, no engenho Varrela, Accioly conta que havia uma represa, que desviava o rio para levar água para a turbina da fábrica de açúcar do engenho, e em algum ponto formava uma ‘levada’. As comportas da represa eram abertas na quinta-feira da Semana Santa e a tal ‘levada’ ficava seca, era quando os moradores aproveitavam para ir à pesca da Semana Santa. Nas redes e jererés eles apanhavam traíras, carás, caborés, muçuns, pitus, camarões. Mas houve vezes que, segundo a autora, apanharam jacarés e cobras (ACCIOLY, 1992, p.91).

Ainda de acordo com a autora, no engenho não havia luz durante o dia e nem fogão a gás, então condicionar e preparar os alimentos era uma tarefa árdua de toda semana. Na segunda-feira costumava-se comprar carne verde e camarão seco em São Miguel. No resto do dia eram empregados os temperos, iniciando o cozimento que entravam noite adentro; geralmente eram mergulhados em gordura para garantir a conservação por alguns dias.

Quando a carne acabava durante a semana, a autora menciona que se matava porco ou carneiro. Por vezes fazia-se linguíça ou carne do sol, onde mantas de carnes eram abertas e colocadas para secar penduradas em grandes balaios suspensos no teto da despensa. Quando se chegava visita tinha-se o costume de jogar uma cuia com milho no terreiro e a primeira galinha que aparecesse virava banquete.

A mesa do engenho Varrela, de acordo com Accioly, apresentava seis metros de comprimento com muita comida e muita gente ao redor. Essa devia ser uma constante em alguns exemplares de engenhos alagoanos, e ainda hoje é comum, principalmente nas comemorações e celebrações das regiões interioranas, a presença da alimentação farta.

Dentro deste amplo universo de práticas, saberes e crenças, partindo para o cruzamento das fontes bibliográficas e as evidências que chegam aos dias de hoje, optou-se por selecionar como manifestações do patrimônio intangível a serem detalhadas, as celebrações ligadas ao trabalho de produção do açúcar e as festas tradicionais, com destaque para a alimentação, os folguedos e as danças.

As festas são assunto recorrente no complexo dos engenhos, tendo sido a frequência de sua abordagem a justificativa para tratá-las como temática dissertativa. De acordo com Del Priore (2000, p.13), os motivos festivos da época colonial estavam voltados para a periodicidade da produção agrícola com celebrações conectadas a determinadas épocas de semeadura e colheita. Cabe destacar a questão da fé; estas celebrações estavam sempre atreladas a uma determinada devoção religiosa, que por sua vez se relacionava com a prática agrária.

Dessa forma, sobre a cultura da cana, foram encontradas nas referências duas festas que se relacionavam com a atividade fabril dos antigos engenhos, e que se constituem como as mais significativas na questão do açúcar: a botada e a peja, que serão aprofundadas a seguir.

4.1 O trabalho e a festa: a botada e a peja

A botada era tida como o maior dos festejos. Marcava o primeiro dia da moagem que por sua vez era considerado como o ponto culminante das atividades fabris, por isso era o dia escolhido para pedir a benção necessária ao sucesso da produção, com a reunião de amigos, vizinhos, moradores e outros convidados (JÚNIOR, 2006, p.307).

Encontrou-se menção à botada também em José Lins do Rêgo, constatando os passatempos que aconteciam na festa do primeiro dia de moagem da safra e as diferentes funções desenvolvidas pelas pessoas do engenho. Porém o autor é contundente quanto ao objetivo sacro da festa: a benção na moagem da safra.

O engenho, na festa das 12 horas da moagem. O povo miserável da bagaceira compunha um poema na servidão: o mestre de açúcar pedindo fogo para a boca da fornalha, o ruído compassado das talhadeiras no mel quente espumado. E no pé da moenda:

*Tomba cana, negro,
Eu já tombei.
O engenho de Massangana
Faz três anos que não mói.
Ainda ontem plantei cana,
Faz três anos que não mói.* (RÊGO, 2007, p.122)

Voltando a Diégues Júnior, ele menciona uma citação exemplar do cronista Sr. Pires de Freitas em visita ao engenho Santa Clara, que narra a festa em pormenor.

Às nove horas e um quarto, o parcho, que há pouco havia celebrado, benzia a água para o baptismo do – Santa Clara: a este tempo jungiam-se os animais a manjarra. Às nove e trinta e quatro minutos batizava-se o engenho, servindo-lhe de padrinhos o exm. Sr. Brigadeiro Luíz de França Pinto Garcez, e a exma.snra. D. Alexandrina, senhora do distincto capitão José Gomes de Almeida. O povo circulando o acto silencioso deixava ouvir as palavras do sacerdote. Às 9 horas, 36 minutos e 30 segundos era o engenho borrifado com a água benzida pelo ministro do crucificado. Às nove e três quartos todo o povo ajoelhou-se: era o símbolo da fé. Baptisado o engenho deu signal que já podia e queria trabalhar. Então seus exms. Padrinhos deram-lhe para moer as primeiras cannas descascadas e adornadas em laços de fitas de cor purpurina: seguiram-lhe os illms. Snrs. Vice-consul portuguez João d’Almeida Monteiro, coronel Luiz José Ferreira, negociante matriculado Francisco José de Magalhães Bastos, etc., achando-se na manjarra o também estimável Snr.E José Antonio de Almeida Ave, e se decifro bem vinha & o Snr. Joaquim Loureiro. Eram dez horas e os espectadores folgavam de o ver labutar (JÚNIOR, 2006, p.308).

Sobre esta festa, foi possível cruzar a informação da literatura com o depoimento do atual proprietário do engenho Salgado, senhor Marcelo Almeida³³. Segundo ele, a festa era iniciada com uma missa, depois aconteciam almoço, festejos, jantar e muita diversão. Sempre se escolhia um exemplar de cana que devia ser descascada e amarrava-se nela uma fita azul. Na missa de início da moagem, ela era abençoada por um padrinho. No outro dia essa devia ser a primeira cana a ser moída.

Ainda segundo o depoente, a botada normalmente acontecia no mês de setembro, e devia ocorrer em tempos aproximados entre os exemplares de engenhos, já que o período de moagem era comum para os mesmos, com término previsto para os meses de dezembro e janeiro.

Essa é uma referência também de Accioly sobre o período e o que acontecia na festa da botada no engenho Varrela por volta de 1940.

Em setembro o engenho começava a moer. Era festa no dia da ‘botada’. Vinha muita gente de Maceió e de São Miguel: Seu Girard, o tabelião Vicente Bonfim, grande amigo da família, João Sampaio do Prata, Basileu Barbosa, o Padre Júlio

³³ Depoimentos colhidos em julho de 2012 no próprio engenho Salgado.

Albuquerque acompanhado do Badé, seu secretário e Dalmário Sousa e família. A missa era celebrada no prédio do engenho, o altar armado em cima da moenda. As caldeiras já com pressão, começavam a moer. Era mesmo dia de festa e de muita alegria! O engenho ganhava mais vida quando estava moendo. Depois da missa, o almoço na casa-grande. Naquele tempo não se usava o hoje chamado 'almoço americano'. Servia-se a primeira mesa, outra e mais outra, tantas fossem necessárias. As pessoas esperavam pacientemente serem convidadas a participarem da mesa. Aproveitando a presença do Padre Júlio, era dia de batizados (...) (ACCIOLY, 1992, p.103).

Ao final do período de moagem existia a festa chamada “peja” que, assim como na botada, se iniciava com uma missa celebrada na capela do engenho. Diferenciava-se da botada porque tratava do agradecimento pela finalização da moagem e da safra.

A peja era festejada com menos intensidade e a partir dela começava uma pequena fase de descanso para reiniciar a produção meses depois. De acordo com Diégues Júnior, tratava-se de uma comemoração cuja iniciativa partia dos funcionários do engenho. Os caboclos festejavam ao seu modo colocando as canas na moenda e cantando versos alusivos relacionados aos fins das atividades.

Embora sem o grande festejo com que era comemorada a botada, outro dia de cantoria nos engenhos era por ocasião da peja. Com a peja terminavam os trabalhos da moagem da safra colhida. O engenho encerrava suas atividades para, depois de um descanso de meses, reiniciá-la na safra seguinte. O engenho pejou... ou o engenho está pejado... são frases corriqueiras na área açucareira, representando o fim dos trabalhos de moagem (DIÉGUES JÚNIOR, 2006, p.310).

As festas de engenhos, com o passar dos anos, perderam um pouco do seu esplendor. A botada, por exemplo, passou a resumir-se a alguns exemplares, por volta do ano de 1892, em uma festa abreviada para um único dia restringindo-se apenas a um jantar, com danças e benção das moendas (DIÉGUES JÚNIOR, 2006, p.308).

Sobre as celebrações dos escravos, de acordo novamente com o depoente Marcelo Almeida, quando os senhores ofereciam esses divertimentos, havia apresentações de coco e reisado, jogos de baralho, de capoeira. Os senhores proporcionavam a cachaça, que era produzida no próprio engenho, e os negros faziam festa. Um dos salões da fábrica era cedido aos escravos do Salgado para esses momentos. A comida dos negros era o que sobrava da casa-grande, e a feijoada, o mocotó e a buchada eram as mais servidas.

4.2 O “doce” açúcar e outros ingredientes

Não se pode tratar de festas, especificamente das celebrações dos engenhos, sem mencionar que existe em todas elas um momento no qual as pessoas congregam entre si e compartilham do alimento e da bebida.

[...] A festa ensinava o comer e o beber, [...] Na Colônia, parte da comida consumida em determinadas festas tinha relações diretas com as colheitas. O beiju, a canjica ou a pamonha, presentes no cardápio de algumas regiões, tinham, por exemplo, maior consumo por ocasião de festas. O cardápio tem assim a ver com a produção agrícola que se colhe por ocasião da festa. (DEL PRIORE, 2000, p.65).

Dois dos autores aqui utilizados mencionam nas suas obras, dentre os assuntos relacionados ao cotidiano e às suas manifestações festivas, a culinária. O primeiro, Manuel Diégues Júnior, em seu *O engenho de açúcar no Nordeste*, em dado momento destaca o próprio açúcar como indispensável ingrediente da cultura dos engenhos e conseqüentemente, a sua aplicação na culinária dos antigos bangüês.

Na cozinha nordestina a contribuição do açúcar se alarga, adoçando os quitutes regionais; e foi justamente nos bolos e doces, nos cremes e sorvetes também, que o açúcar mais se espalhou, derramando-se no aproveitamento das frutas e frutos da região para transformá-los em elementos como que indispensáveis às mesas de almoço ou de jantar da região nordestina. Almoço ou jantar já por si tradicionais na história social, e até mesmo política, do Nordeste (DIÉGUES JÚNIOR, 2006, p.82).

Já no *O bangüê nas Alagoas*, o autor afirma que muitos doces surgidos nos engenhos potencializaram a atividade da culinária dos conjuntos utilizando-se o açúcar como elemento principal, acrescido de outros ingredientes como a mandioca e o milho.

Na arte do bolo e das formas de bolo ainda se multiplicavam as atividades das senhoras de engenho. Bolos de várias espécies, enfeitados com papel de seda, sequilhos, broa de goma. Com o açúcar não eram aproveitadas somente as frutas; também o eram a mandioca, o milho, para o preparo de quitutes de diversas qualidades. E eram estes doces, estes bolos, estes quitutes, muitos deles característicos das casas-grandes, celebrados e consagrados, figurando no quadro das atividades sociais dos engenhos (DIÉGUES JÚNIOR, 2006, p.223).

Outro autor que tratou do emprego do açúcar na culinária foi Gilberto Freyre. Em *Açúcar*, o autor se dedica à arte dos doces revelando o quanto esse ingrediente exerceu papel importante para a formação da identidade, principalmente do Nordeste. A cozinha do engenho tinha, segundo o mesmo, um pouco de mistério, segredos de receitas e segredos de família. São bolos, doces, quindins, e sobremesas que despertam paladares e que buscam em outras artes,

como a pintura, música e escultura, a inspiração necessária para a apresentação, com preocupação estética prezando por cores, formas e efeitos simbólicos.

Em compensação, através das receitas – algumas delas, segredos de família -, é uma arte que resiste a seu modo ao tempo, repetindo-se ou recriando-se, com a constância das suas excelências e até das suas sutilezas de sabor; afirmando-se, por essa repetição ou por essa recriação. Numa velha receita de doce ou de bolo há uma vida, uma **constância, uma capacidade de vir vencendo** o tempo sem vir transigindo com as modas nem capitulando, senão em pormenores, ante as inovações, que faltam as receitas de outros gêneros [...] (FREYRE, 2007, p.32, grifo da autora).

De acordo com Diégues Júnior, ao açúcar agregara-se a mandioca. Sua utilização na culinária se dava na feitura da farinha, de bolos, cuscuz de mandioca, tapioca e também do pé-de-moleque (2006, p.220). Mas é Freyre, citando Gabriel Soares, que relata a feitura da farinha de mandioca remotamente, pelos indígenas.

Das comidas preparadas pela mulher as principais eram as que se faziam com a massa ou a farinha de mandioca. As raízes de mandioca viu-as Gabriel Soares raspadas pelos índios de 1500 até ficarem alvíssimas; “depois de lavadas, ralam-nas em uma pedra ou ralo que para isso tem, e depois de bem raladas, espremem essa maça em um engenho de palma a que chamam tipiti que lhe faz lançar a água que tem toda fora, e fica essa maça enxuta, da qual se faz a farinha que se come, que cozem em um alguidar para isso feito, em o qual deitam esta maça e a enxugam sobre o fogo onde uma índia a meche com um meio cabaço, como quem faz confeitos, até que fica enxuta, e sem nenhuma humidade, e fica como cuscuz; mas mais branca, e desta maneira se come, é muito doce e saborosa (FREYRE, 2006, p.190).

Segundo Freyre, à época do seu escrito, a mandioca ainda compunha fortemente as mesas dos brasileiros, inclusive mantendo quase a mesma técnica de fabricação adotada no século XVI pelos índios. A região Nordeste normalmente consome farinha seca, e no extremo-norte a farinha preferida é a de água, que é o tipo em que a mandioca é amolecida em água por alguns dias e resulta em uma farinha grossa constituída por duras bolinhas (FREYRE, 2006, p.191).

Beatriz Maria Alásia de Heredia escreveu que as casas de farinha da zona açucareira de Pernambuco serviam como espaços que reforçavam as relações sociais. Funcionavam por todo o ano e atuavam como ponto de encontro, caracterizando-se como locais para conversas que incluíam histórias e lendas de personagens que eram de conhecimento comum (1979, p.47-48). Ainda segundo a autora, o processo da fabricação da farinha de mandioca envolvia todos os membros da família com diferenciações de atividades por gênero (1979, p.64).

Às 11h30min o apito soava para a hora do almoço no engenho Varrela. No final da tarde uma das diversões era a visita à casa de farinha. As crianças, de acordo com Accioly, gostavam de

mexer a farinha, amassar a massa e comer beiju. Porém, mesmo nesse recinto havia o perigo do caititu³⁴, um maquinário que pode ferir as mãos e os dedos. Uma atração do prédio do engenho quando estava moendo, ainda para as crianças, era levar batata doce para cozinhar na tacha do mel (ACCIOLY, 1992, p.51).

Eram nas festas de engenhos que se enfatizava o cardápio e o talento da cozinheira do engenho, que era responsável nos dias comuns pela alimentação e nutrição, mas nos dias de festas ganhava projeção a partir dos temperos e dos sabores aplicados nas mesas de cafés, almoços e jantares. Havia grande variedade de ingredientes com fartura de carnes, abóbora, feijão, couves, farinha de mandioca e frutas. Em época junina o milho era o item principal dos pratos, usado no feitiço de bolos de milho, cuscuz, pamonha, canjica e angu.

Dos principais pratos servidos em dias de festa, na casa-grande do engenho Salgado, de acordo com depoente Marcelo Almeida, comia-se muito carneiro, boi e frango, e as sobras dessas carnes eram aproveitadas pelos negros em pratos como feijoada, mocotó e buchada. Outro ingrediente que não podia faltar na mesa de engenho era a farinha e dela se produziam pratos que deviam sustentar os trabalhadores, como o pirão, o beiju, e o pé-de-moleque. Para as mulheres mães recentes, havia o costume de ser oferecido durante alguns dias pós-parto o pirão de parida, feito do capão, um galo capado ainda quando novo o que lhe torna a carne mais macia.

Ainda sobre o Salgado, destaca-se o depoimento de uma antiga cozinheira, a senhora Rubenita Adão³⁵, de 63 anos. Seu João Adão, pai de Rubenita, trabalhava no engenho como maquinista, e se recorda que o pessoal não gostava de crianças no engenho por causa do risco, principalmente de incêndio. Ele trabalhou até não suportar o serviço. Depois disso, ‘seu Zé Machado’, o proprietário da época, decidiu fechar o bangüê. A função do seu João era executada no setor de moagem da cana; trabalhou por 15 anos no mesmo ofício. Iniciava-o às 6 horas da manhã até as 11 ou 12 horas da noite, depois costumava sair para pescar e garantir o almoço do outro dia.

³⁴ O caititu é um equipamento composto por um cilindro com pequenos dentes para a ralação da mandioca. Geralmente a massa ralada cai diretamente no cocho.

³⁵ Chegou para morar no engenho quando tinha apenas nove anos, e afirma que toda a família morou lá também. Enquanto era pequena estudava no Salgado, com uma professora de Paço de Camaragibe que vinha ensinar os filhos dos moradores e depois passou a morar no engenho. Este possuía uma casa que era destinada à escola e aos estudos. Com 15 anos começou a trabalhar na casa do antigo proprietário, em Maceió, fazendo serviços gerais: cozinhou, arrumava, lavava.

A lembrança de infância que tem do Salgado era do caldo de cana com pão: sempre às 10h30min, o proprietário autorizava e o próprio pai de Rubenita distribuía o lanche para a meninada, que trazia o seu copo para ganhar o caldo.

Outra lembrança é de quando o açúcar ainda estava nos sacos (na casa de purga); Seu Zé Machado distribuía um bocado de mel que restava da purga, para os moradores: *“tinha um cheiro agradável de cana quando tá azeda. A gente de longe já sentia o cheiro, fervendo”* (Rubenita Adão, 2013).

Ainda de acordo com a depoente, pela manhã normalmente servia-se o café com cuscuz, inhame ou batata, pão e bolacha. Às vezes tinha uns pratos diferentes, como angu, que pode ser feito do coco raspado, fubá ou de milho ralado misturado à manteiga. Por vezes também podia ser servida tapioca feita de goma com o coco aquecido no fogão à lenha. Normalmente em épocas de festa era preparada muita comida e o fogão a gás era transportado de Maceió para o Salgado, para auxiliar no preparo.

No almoço geralmente Rubenita servia carne de boi, carne de porco guisada ou carne de carneiro, que o vaqueiro matava no próprio engenho. A carne era escaldada, colocada nos temperos e na banha de porco carioca, junto com quiabo, abóbora e maxixe. Já para sobremesas, essas eram indispensáveis. Tinha todo tipo de doce, porém o que mais se comia no engenho Salgado era doce batido de diversas frutas como banana, jaca e laranja.

Dessa forma não há como esquecer os pratos que agregavam o açúcar como carro chefe, no caso de doces e sobremesas dos engenhos. Estes se destacavam quanto à utilização das frutas regionais, cultivadas nas terras da propriedade e usadas como ingredientes principais no fabrico de doces; podiam ser secos ou em calda. A junção do açúcar com o coco rendia sobremesas como a cocada – que atualmente ganhou versões incrementadas como cocada de jaca ou de amendoim – o doce de coco e mamão e o de coco com mel. O coco também era fundamental quando se faziam quitutes de milho e mandioca aplicados em pratos típicos como o cuscuz, a pamonha, o mungunzá e a tapioca.

Sobre o trabalho árduo na cozinha em dias de festança, Accioly comenta sobre a cozinha do engenho Varrelas às vésperas da festa de São Pedro:

Na cozinha, o movimento já era grande. Chegavam as cargas de milho verde, que eram guisados noite adentro; os porrões embaixo das mangueiras do jardim, cheios de mandioca, mergulhadas n'água para ficar 'puba', estavam na carga total. Era hora

de amassá-las, peneirar, juntar leite de coco e fazer grandes bolos de ‘massa puba’. As crias da casa, todas trabalhando de uma vez. Não podia demorar, senão azedava tudo. Umras raspavam coco, sentadas no cavalete com o marisco preso na ponta, outras tiravam o leite, ralavam o milho, mexiam o doce, tomavam conta dos grandes assados. (ACCIOLY, 1992, p.105).

Assim, a mesa grande apresentada nos desenhos de Cícero Dias e nas descrições de José Lins do Rêgo confirma-se no terreno das práticas cotidianas e, portanto, rebate-se nas questões do patrimônio imaterial.



Figura 116: Engenho Salgado, Pilar-AL. Mesa de refeições posta para o almoço.
Fonte: Acervo da autora, 2012.

4.3 Reuniões festivas

Junto ao tema da culinária, surge naturalmente a festa. No Nordeste, de acordo com a bibliografia, elas, em sua maioria, têm origem ligada ao engenho. Diégues Júnior menciona as reuniões festivas como responsáveis pelas maiores movimentações dos bangüês.

Mas era nos dias de festa, de batizado, de casamento, da botada, que a capela tinha seu momento de esplendor; não apenas a capela, igualmente todo o engenho. Reboiço inteiro na casa-grande, nas senzalas, na casa dos lavradores, na casa de engenho. Principalmente na casa-grande com o preparo dos bolos, dos doces de goiaba, de caju, de abacaxi, dos vinhos de maracujá, de jenipapo, de caju, dos licores. A cozinha da casa-grande multiplicava-se no preparo dos perus, das galinhas, dos porcos, dos carneiros; no preparo de variados quitutes que iam encher extensas mesas, de ponta a ponta (DIÉGUES JÚNIOR, 2006, p.219).

Estas envolviam festas de cunho religioso, cujas mais significativas, no que tange aos engenhos de Alagoas, eram as comemorações do mês de Maria – celebradas com missas que aconteciam por todo o mês de maio – batizado e casamentos.

Outra ocasião importante de reunião de pessoas é quando se festejava algum acontecimento, como casamentos ou batizados. Além disso, algumas datas do calendário também são motivos para festas especiais, oportunidade em que se realizam bailes no terreiro de uma das casas [...] (HEREDIA, 1979, p.48).

Dentre as festas da comunidade, o “São João” e o “Natal” eram as “brincadeiras” mais tradicionais nas quais o engenho se agitava, e era também quando a cozinha se destacava, em virtude da preparação dos pratos e quitutes que comporiam as mesas.

Nos dias de festas apenas aumentavam-se mais lugares nas mesas da casa-grande. De comum nas horas de refeições as mesas se enchiam. O senhor de engenho presidia a refeição, na cabeceira da mesa. No lado direito, sentava-se o elemento feminino, primeiro as senhoras, começando pela senhora do engenho, depois as moças, por último as meninas; no lado esquerdo ficavam os homens (DIÉGUES JÚNIOR, 2006, p.219).

A festa de São João é mencionada por Gilberto Freyre como uma das primeiras festas surgidas e aludidas pelos cronistas coloniais, de caráter religioso e popular. O santo alcança o povo por meio de seu atributo de conciliar os casais e trazer o amor perdido de volta, fatos que o relacionam com o santo casamenteiro Santo Antônio. É na madrugada do dia em comemoração ao mesmo que se põem em prática as mais variadas superstições amorosas. Assim como ocorrem com São João, essas crendices encontram assistência em Santo Antônio, voltadas para interesses como, por exemplo, os carinhos perdidos. Portanto, sua associação com feitiços e lendas é uma das mais antigas práticas de sorte (FREYRE, 2006, p.326-327).

Eram às vésperas do São João armadas fogueiras nos pátios ou terreiros do engenho e acreditava-se que quem não o fizesse, podia ser acometido por males ditos. Uma bandeira de São João devia ser erguida no alto do mastro e as reuniões eram marcadas pela agitação dos convidados com divertimentos, como jogos, sortes e danças. Mas o que se destacava era a culinária.

De acordo com Heredia, à época do seu trabalho de campo, a festa de São João também era conhecida como “festa do milho” porque coincidia com o início da colheita desse vegetal, o que pode explicar o uso desse item como ingrediente principal dos quitutes típicos servidos nessa comemoração.

[...] Uma das comemorações mais respeitadas pelo grupo é a festa de São João, também denominada “*festa do milho*”, porque marca o início da colheita do milho, e para a qual se preparam comidas a base nesse vegetal. Nesta festa, as relações entre membros do grupo são solidificadas quando os habitantes estabelecem relações de compadrio denominadas “*de brincadeiras*”. As pessoas mais próximas tornam-se compadres de São João apenas nesse dia, efetivando a relação frente à fogueira que se acende como parte das celebrações. Apesar de não serem chamados de compadres

na vida diária, nesta ocasião manifestam-se e tornam-se explícitas as relações de afinidade já existentes entre as pessoas (HEREDIA, 1979, p.48, grifo da citação).

Segundo Accioly (1992), a festa de maior concentração e pela qual todos se empenhavam com mais fervor no engenho Varrela era o dia de São Pedro. Empenho esse justificado pelos ‘Pedros’ da família, comprometidos em manter a tradição da brincadeira.

Os preparativos iniciavam-se tão logo acabavam os festejos do São João com a busca pela lenha para a fogueira na mata do Rosário, que geralmente era montada à frente da casa-grande, acusando a entrada do São Pedro. Antes de escurecer, a fogueira era acesa e queimava a noite toda, mesmo com chuva. *“Era a hora da distribuição dos fogos que minha mãe já havia separado em sete balainhos. Chuvinha, traque de chumbo, espanta-coiô, estrelinha para a caçula e... para a que tinha medo de fogos (...)”* (ACCIOLY, 1992, p.106).

Tradição ou superstição do engenho Varrela nessa época, ainda segundo a autora, dizia respeito à crença da sua avó quanto a uns cordões de ouro que deviam ser amarrados no braço de seu pai no dia do santo protetor, já que ele se chamava Pedro. Essa distribuição devia começar mesmo na véspera do dia de São Pedro (ACCIOLY, 1992, p.105).

Ainda segundo a autora, quem animava a noite era a banda de pífanos de Mané Valentim. *“Era uma festa democrática; havia amizade e confraternização entre patrões e empregados. A neblina e o orvalho cobriam tudo, misturados ao cheiro de pólvora. Fazia frio!”* (ACCIOLY, 1992, p.106).

Sobre as festividades na usina Utinga Leão³⁶, de acordo com a depoente Vera Dubeux, estas normalmente aconteciam nas escolas do engenho. Entre as principais festas da usina estavam, assim como acontecia nos engenhos, o São João e o Natal. *“Já nos engenhos, cada um fazia o seu São João”*. Segundo o depoimento, o São João dos engenhos sempre tinha uma fogueira e era regado a milho, que o próprio pessoal do conjunto plantava. O arrasta pé acontecia nos salões da escola do engenho, normalmente enfeitadas com bandeirinhas.

A festa acontecia independente da data do santo, na sexta-feira dia de feira, em um galpão que era destinado aos vendedores de farinha. Depois se construiu um galpão que era conhecido como auditório, que passou a sediar a festa. Nesses espaços se montavam barracas para a

³⁶ Embora esta usina não faça parte diretamente do estudo, os depoimentos foram incorporados à dissertação, por sua importância.

venda de milho, canjiquinha e pamonha. Uma fogueira devia ser providenciada e a comunidade participava da organização da festa.

Ainda segundo a depoente, as festas de Natal na Utinga Leão também aconteciam no auditório e duravam o período do ciclo natalino, que compreende o Natal até o dia de Reis. Nessa ocasião algumas bandas eram contratadas, como as do exército e da polícia. Um parque de diversões era montado somente nessa época e as crianças aproveitavam bastante, desde os períodos dos testes de funcionamento da roda gigante e da ‘patinha’.

A comunidade participava de toda a organização e na programação se incluíam missas com apresentações de corais, celebradas com fogos de artifício. Nessa ocasião a usina recebia muita gente de fora, de acordo com Vera. Os trens ficavam lotados com gente de todo lugar que vinha participar.

Mas tinha noite dos engenhos, como a gente chamava. Então nessas noites vinha gente dos engenhos. Naquela época tinha um trem, que transportava cana, então esse trem vinha cheio de gente do engenho pra festa, eles sabiam que tinha as noites e botava o trem à disposição. E vinha aquele pessoal todinho pra festa. Passava a noite todinha. E o mesmo trem voltava para levar todo mundo de volta (fala de Vera Dubeux, em 2013).

4.3.1 Folguedos

Relacionadas às festas de engenho também estão as apresentações de folguedos. Neste sentido, destacamos os autores que foram consultados: Manuel Diégues Júnior e Abelardo Duarte. Este último foi médico por formação, porém, assim como Théo Brandão, desenvolveu estudos de temática cultural e histórica alagoanas. Seu título *Folclore Negro das Alagoas* trata das principais manifestações da zona rural relacionadas com a cana de açúcar.

Referente às fontes imagéticas, foi essencial o contato com o álbum sobre os folguedos populares de Alagoas, o qual apresenta uma série de desenhos feitos a bico de pena pelo pintor alagoano Hércules Mendes, bem como destacamos o contato com o acervo do Museu Théo Brandão, cujas imagens investigadas subsidiaram as informações coletadas, referentes às manifestações aqui detalhadas.

Desta forma, à festa do engenho, se unem os folguedos caracterizados como manifestações populares. O estudo do folclore acontece na região Nordeste, como no restante do país, construindo uma relação com as etapas da formação territorial do país. Diégues Júnior afirma serem cinco as épocas históricas do folclore em Alagoas, semelhante ao que acontece no

restante do Nordeste: *a idade cabocla e ameríndia, o período colonial, o período holandês ou heroico, a época imperial e o período republicano*. A partir dessas épocas, naturalmente surgem alguns ciclos entre os quais se destacará o do açúcar (JÚNIOR, 2006, p.288-289).

Algumas dessas manifestações fíncaram raízes nos terreiros das casas-grandes e das casas de trabalhadores, caracterizando o engenho como cenário onde se desfrutavam os motivos folclóricos regionais e as práticas populares (DIÉGUES JÚNIOR, 2006, p.85).

Em estudo realizado por Nadja Rocha sobre Théo Brandão, a autora menciona que o mesmo nunca deixou de entender que o folclore em Alagoas, sob o aspecto dos sistemas de produção e reprodução da cultura ou mesmo da formação social e política, sempre foi uma consequência da exploração econômica da cana de açúcar.

(...) No que se refere à dinâmica da cultura popular e dos folguedos, os espaços dos engenhos e das usinas, são sempre destacados, sendo considerados o berço, a origem da dinâmica que acontecia no interior e se estendia a capital (ROCHA, 2013, p.32).

Eram comuns apresentações dos folguedos no período do ciclo natalino, com destaque para o Reisado, o Bumba-meu-boi, o Congo, a Nau Catarineta, o Fandango e por vezes o Pastoril (DIÉGUES JÚNIOR, 2006).

De acordo com Câmara Cascudo, o **Bumba-meu-boi** tem origem indígena, negra e portuguesa e consiste em uma brincadeira acompanhada por instrumentos, na qual se busca ressuscitar um boi em falecimento, em virtude da língua cortada para satisfazer o desejo de uma mulher grávida (CASCUDO, 2002, p.80). Seus principais personagens são Pai Francisco, Caterina, Burrinha, Doutor, Vaqueiros, Caboclos de Penas, Caboclo Real, Dona Maria e alguns figurantes.

Duarte menciona uma interpretação de Gilberto Freyre sobre o folguedo do boi e a sua relação com o engenho:

O escravo vindo da África não encontrou aqui melhor companheiro do que o boi para seus dias mais tristes. Para os seus trabalhos mais penosos. Quando depois o boi associou-se também aos dias alegres do negro de engenho – os de dança, de cachaça, de festa – na figura do bumba-meu-boi, é natural que o negro tenha feito desse dom popular um meio de expressão de muita mágoa recalçada: a glorificação do boi, seu companheiro de trabalho quase seu irmão (DUARTE, 2010, p.243).

Sobre a figura do boi em uma versão colhida no Engenho Hortelã, localizado em Marechal Deodoro, o mesmo autor revela:

O Boi, figura central, que dá nome ao folguedo, é representado por um arcabouço ou esqueleto de madeira, coberto de chita vermelha, que simula o corpo, sendo a cabeça feita de papelão com os chifres verdadeiros; dentro da armação, completamente escondido, vai um homem que a movimenta e faz diabruras de todo o jeito (DUARTE, 2010, p.259).

O auto é praticado em arena, na qual o público assiste em pé, formando uma roda em torno dos intérpretes e que por vezes se fecham, afunilando os personagens, e por outras se abrem, desafogando os participantes (BORBA FILHO, 2007, p.17).



Figura 117: Gravura de um grupo de bumba-meu-boi.
Fonte: ÁLBUM..., 1977.

Sobre o **Congo**, Cascudo afirma ser um folguedo de origem afro-brasileira ligado aos costumes tribais de Angola e do Congo, com influências ibéricas e de cunho religioso. O auto se remete à coroação do rei de Congo e da rainha Ginga de Angola, que era tida como defensora do seu reinado contra os portugueses (CASCUDO, 2002, p. 149-150).

De acordo com Duarte, os Congos do Nordeste não se constituem folguedo que se assemelhem aos cortejos de sobas africanos, como sobrevivência das festas e cerimônias de coroação dos reis e rainhas (DUARTE, 2010, p.242).



Figura 118: Foto de congada, provavelmente do Nordeste, tirada em 1860.

Fonte: <http://spiritosanto.wordpress.com/2010/03/02/o-samba-e-o-funk-do-jorjao-resenha/>, foto de Arsenio Silva.

Dessa forma, apresenta-se como um cortejo real com diálogos que se referem à embaixada, formado por dois grupos, um que se remete ao Rei de Congo e o outro à Rainha Ginga. A indumentária geralmente é rica em cores.

Quanto à **Nau Catarineta**, trata-se uma prática de origem portuguesa que alude a assuntos marítimos, e refere-se, em grande parte, ao quase naufrágio de um barco que esteve perdido com o nome de Nau Catarineta. Porém, a mesma apresenta-se como uma marcha do fandango, cujo auto é composto por jornadas, ou seja, etapas que contam a história. Segundo Cascudo, a Nau Catarineta se constitui como a décima sexta jornada do Fandango (CASCUDO, 2002, p.416).

Dentre as imagens estudadas no acervo do Museu Théo Brandão, foi encontrado um único registro fotográfico referente à Nau Catarineta. Exibe um barco, com o nome do auto inscrito na sua lâmina externa, a qual devia fazer parte da encenação do folguedo. Podemos destacar ainda um verso, provavelmente de uma das jornadas do fandango, que foi anexado à foto, provavelmente pelo próprio autor do registro. Cita ainda, o grupo que o encenava, ou seja, tratava-se de um Fandango da Pajuçara, regido, provavelmente, por Berto Maneta, entre os anos de 1948 e 1949 e fotografado por Théo Brandão, na praça Sinimbu.



Figura 119: Navio Nau Catarineta, do Fandango da Pajuçara em 1948-49.
 Fonte: Théo Brandão, Acervo do Museu Théo Brandão de Antropologia e Folclore.

Dessa forma, trata-se o **Fandango** de folguedo dos marujos, cujos personagens vestem-se de oficiais da Marinha e, como marinheiros, cantam e dançam sob o som de instrumentos de corda formado pelos personagens do capitão-de-mar-e-guerra, capitão, piloto, mestre contramestre, dois cômicos, o ração e o vassoura (CASCUDO, 2002, p.225).

Para Brandão, trata-se de um auto dramático com a temática náutica, cujas músicas são variedades e adaptações de velhos romances musicados portugueses (BRANDÃO, 1973, p. 99). Para Borba Filho seria resultado, portanto, das peregrinações marítimas de Portugal, podendo incluir episódios de luta entre mouros e cristãos, assim como vimos também algumas tragédias (BORBA FILHO, 2007, p.49).

Os grupos alagoanos não oferecem um enredo com temas soltos, e apresentam cantigas também com referência náuticas de diversas épocas. Podemos perceber, por meio das imagens a seguir, retiradas de fontes distintas, as semelhanças quanto à indumentária militar, complementada pelos acessórios do chapéu e da espada. Há uma padronização quanto a mesma.

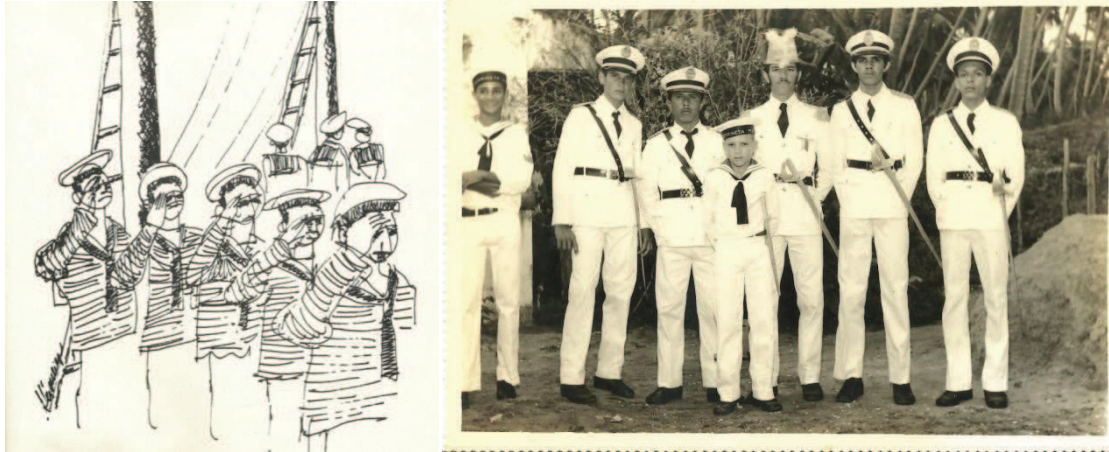


Figura 120: 1) Gravura de um grupo de fandango. 2) Fandango do Pontal da Barra, bairro de Maceió.
 Fonte: 1) (ÁLBUM..., 1977) 2) Acervo do Museu Théo Brandão de Antropologia e Folclore, autoria não registrada.

O **Reisado** também é citado por Diégues Júnior como um auto que era dançado no período do Natal nos principais centros urbanos e capitais. Mesmo assim, acredita o autor ter sido uma manifestação iniciada nos engenhos, lideradas por negros. Dança com pisadas fortes, é dividida em partes e se inicia com o pedido de benção “*Deus te salve casa grande, E gente que nela mora, Venho dar as boas noites, Meus senhores e senhoras*” (DIEGUES JÚNIOR, 2006, p.306).

Os registros abaixo se referem a um grupo de Reisado da cidade de Viçosa. Percebemos, nas imagens, que a coreografia e as expressões gestuais também fazem parte da manifestação, cuja existência ainda se conserva nos dias de hoje, com diversos grupos distribuídos pelos municípios do Estado, bem como pelos bairros da capital Maceió.



Figura 121: Grupo de Reisado de Viçosa
 Fonte: Acervo do Museu Théo Brandão de Antropologia e Folclore, autoria não registrada.

Segundo Théo Brandão, o reisado é constituído por “pedidos de entrada, louvações aos donos das casas, louvações ao presépio ou ao templo, danças de personagens totêmicos, míticos,

fragmentos de autos e dramatizações de xácaras³⁷ ou romances velhos, danças e cantos variados”. É típico da época do ciclo de Natal, que vai de 24 de dezembro até a noite do dia de Reis, e pode ocorrer junto com outros folguedos como a chegada, pastoris, baianas, fandangos, e taieiras. Porém, constatou-se que nas regiões interioranas ele começa a ser apresentado pelos meses de agosto e setembro, ainda como ensaio, indo até fevereiro ou março (BRANDÃO, 2007, p.14 e p.22).



Figura 122: 1) Gravura de um grupo de Reisado. 2) Grupo de um grupo de Reisado de Viçosa
 Fonte: 1) (ÁLBUM..., 1977) 2) Acervo do Museu Théo Brandão de Antropologia e Folclore, autoria sem registro.

Ainda de acordo com Théo Brandão, as contratações entre o grupo de Reisado e os donos das casas de fazenda, de engenhos ou das cidades, aconteciam através do Mateus ou Palhaço (dois personagens do folguedo). Estes eram responsáveis por conseguir o contrato para a “função do Reisado” ou apenas a licença para a noitada, segundo o autor.

[...] Então os Reisados (como acontecia com as “Janeiras” e “Reis” portugueses) apareciam nas casas dos engenhos, povoados, cidades e vilas, sem qualquer aviso prévio; e só em frente a elas é que pediam a licença para a entrada, cantando as chamadas “peças de abrição de porta”, porque, enquanto não fossem elas cantadas, as portas e janelas permaneciam cerradas. A recusa, por motivo plausível ou injusto, que impedia, mormente nos engenhos (por causa da distância entre eles [sic]) a procura de outros lugar para nova tentativa, fez com que os maioraes do Reisado mandassem na sua frente, em sua peregrinação por engenhos e cidades, os seus três cômicos, com a tarefa de procurar casas onde pudessem dançar, de obter o consentimento para a realização da “brincadeira” e por fim, para acertar o preço da “função” que naquela época (1910 a 1920) era de 50\$000. Atualmente anda de Cr\$ 250,00 a Cr\$ 300,00, naturalmente com direito ainda às “sortes” (BRANDÃO, 2007, p.25).

³⁷ Antiga melopeia de origem árabe, popular na península Ibérica, a qual consistia numa narrativa sentimental, com predominância de forma dramática.

Sobre o personagem Mateu do Reisado, Accioly também situa a sua função nas apresentações do engenho Varrela:

O “Mateu” do reisado, desde cedo saía pelas casas. Chapéu de cone com espelhos, fitas coloridas, cara pintada de preto, roupa de chitão estampado, pandeiro na mão e uma chibata de palha de cebola, pendurada no pulso, correndo atrás dos meninos, cantando aboios, tocando pandeiro, bebendo cachaça. Era o relações-públicas do grupo. Quanto mais pessoas fossem assistir a função, mais eles tinham a quem “entregar o chapéu para ganhar moedas (ACCIOLY, 1992, p.131).

Segundo a mesma autora, um outro folguedo antigo do engenho Varrela eram as taieiras. Sua ensaiadora oficial era “D. Albertina”, que conservava uma tradição da época dos seus avós – negros da Costa – tendo aprendido com Madalena, por quem foi cuidada. A autora menciona que a própria Madalena participava do grupo, no tempo da escravidão, desempenhando o personagem da rainha (ACCIOLY, 1992, p.129). Já os cocos eram ensaiados por Jacintha, que era considerada “mola-mestra” das quatro principais festas celebradas a cada ano no engenho Varrela, e geralmente eram dançados no palanque.

4.3.2 Dança de engenho: o coco alagoano

Continuando a tratar de manifestações relacionadas ao patrimônio intangível dos engenhos e vinculadas às festas, cabe mencionar as danças. No século XVI, segundo Câmara Cascudo, as danças indígenas se constituíam em círculos com pajés e guerreiros transmitindo coragem. Inicialmente eram de cunho sagrado e depois diversificaram-se e tornaram-se lúdicas (2002, p.178-179).

Com a colonização e a introdução da cana e do engenho, surgiram também as danças relacionadas com esses núcleos fabris. Diégues Júnior em “O Engenho do Nordeste” afirma que a manifestação do coco de roda alagoano, dançado em todo o Nordeste, é mais típica dos engenhos deste Estado. Essa dança adentrou as casas mais importantes no início do século XX e era apresentada nos salões requintados (DIÉGUES JÚNIOR, 2006, p.86 e p.306).

Quanto a origem da dança, Abelardo Duarte concorda com Diégues Júnior, que a mesma teve início em Alagoas e expandiu-se para os demais estados do Nordeste:

Entre as danças populares do Nordeste brasileiro, o Coco figura como uma das que lograram maior raio de penetração. Verifica-se que, partindo das Alagoas, donde é originário, chega às divisas do Nordeste oriental na região cearense (...) (DUARTE, 2010, p.43).

Existe uma versão colhida em Viçosa, Alagoas, que diz que o coco tem etnia quilombola, abrigada nos Palmares.

(...) Liga-se à atividade dos negros refugiados nos Palmares, quebrando coco para retirar a “coconha” (amêndoa) dos secos para o preparo de seus alimentos (até manteiga “muito clara e branca” faziam) e para a ingestão natural mesmo da polpa dos maduros como “farto e substancioso alimento”, o nascimento da dança. Partindo o coco (fruto), nesse enfadonho mister, cantavam para passar o tempo e acompanhavam o canto com batidas de pedras que serviam para a quebra do fruto. Também dançavam (DUARTE, 2010, p.46).

A partir dessa variante, aliado com outras investigações, o mesmo autor defende uma concepção própria sobre a genealogia desta dança. Diz que não acredita que dança e nome tiveram a mesma origem, pois confia que a palavra não possui a mesma procedência negra que a dança. Os quilombolas fizeram “nascer a dança”, mesmo “sem querer” e os outros negros perpetuaram “em dança verdadeira, nas senzalas” e depois arranjaram a relação do nome com a sua linhagem quilombola, determinada pela antiga versão (DUARTE, 2010, p.47).

Cascudo afirma ser o coco alagoano dançado lado a lado, em duplas, com tropel-e-valsado executado ao ar livre, sendo realizado em importantes festejos da comunidade, principalmente nas festas juninas. É dança cantada acompanhada pelas batidas dos pés cujos personagens são o mestre e o tocador de coco (CASCUDO, 2002, p.147).

Essa manifestação, de acordo com o autor, à época da escrita do seu livro, cuja primeira edição data de 1949, ainda se apresentava em sua forma original nos engenhos de Viçosa, onde podiam ser encontrados os melhores cantadores de coco.

O folclore absorveu a comemoração da peja, festa mencionada em item anterior, recordando os versos cantados pelos funcionários da fábrica com temas que se remetiam ao final das atividades da safra. Um dos versos foi preservado no coco alagoano, cita Diégues Júnior:

Acabou-se a cana.
Acabou-se o mé.
- Até para o ano
Se Deus quizé. (DIÉGUES JÚNIOR, 2006, p.310)

O meu engenho é de Humaitá
É de Humaitá...
É de Humaitá...
(DIÉGUES JÚNIOR, 2006, p.291)

O pai do atual proprietário do engenho Salgado, de acordo com o depoente, fez muita festa para escravo se divertir com pagode e coco de roda³⁸.

Outra depoente, Rubenita Adão, afirma que participou de muitas festividades que aconteciam no Salgado. Dançou guerreiro e pastoril nas festas de São João, Natal, Ano Novo e Dia de Reis. Além de apresentações do grupo ensaiadas no engenho, havia apresentações de outros grupos que, de acordo com a mesma, eram convidados pelo doutor Théo Brandão, devido a um grau de parentesco com a esposa do então proprietário, seu Zé Machado. O guerreiro que vinha convidado geralmente era o do mestre Luís Moreno, e o que era ensaiado na fazenda era organizado por José Batista.

Segue uma peça do guerreiro que os mestres gostavam de cantar no Salgado, segundo a depoente:

*Seu Zé Machado é prata fina menino,
A dona Elza é ouro em pó,
Só as três filhinha que ele tem também,
elas “deem” a tudo em Maceió.*

Nos dias de festa a mesa que servia as comidas ficava em um salão ao lado da casa-grande, que já não existe mais. Nesses dias vinham gente de toda parte e chegavam pela manhã, festejavam durante toda a noite, no outro dia tomavam café e só então partiam. Vinham de São Caetano, Horizonte, Rio Largo e de outros lugares.

³⁸ Depoimento colhido pela mestranda, em 2011, no engenho Salgado do Pilar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentre outras manifestações do folclore vinculadas aos engenhos de açúcar, mencionadas por Diégues Júnior e Alfredo Brandão, destacamos uma lenda, que deve ser descrita aqui, pois se refere ao surgimento do próprio açúcar e da cachaça:

Nosso senhor Jesus Cristo corria uma vez por uma estrada, fugindo dos judeus. Morria de fome e de sede, debaixo de um solão enorme. Já não aguentava mais de cansaço quando avistou um canavial. Então escondeu-se entre as suas folhas, refrescou do calor, descansou, chupou uns gomos e matou a fome. Ao retirar-se, estendeu as mãos sobre as canas, e as abençoou prometendo que delas o homem haveria de tirar uma comida boa e doce.

No outro dia, à mesma hora, o diabo saiu das fornalhas do inferno, com os chifres e o rabo queimados; galopando pela estrada foi dar no mesmo canavial. Vendo o verde das canas entendeu de refrescar e espojar-se nas folhas. As canas, porém, atiraram-lhe pelos, começando ele a coçar-se.

Furioso, cortou um gomo e começou a chupar; mas o caldo estava azedo, e caindo-lhe no gosto queimou-lhe as guelas. O diabo então danou-se e prometeu que da cana o homem haveria de tirar uma bebida tão ardente como as caldeiras do inferno (BRANDÃO, 1935 Apud: JÚNIOR, 2006, p.298-299).

A sabedoria popular reflete a realidade. Assim, seguiu a história da cultura do açúcar, organizada entre o bem e o mal. A presente dissertação de mestrado tentou abordar as memórias materiais, industriais e imateriais dos complexos açucareiros, confrontando as informações coletadas a partir das literaturas, das imagens, das vistas em campo e de depoimentos, que versaram sobre os temas aqui propostos.

O conhecimento quanto ao objeto de estudo foi desenvolvido a partir da prática de pesquisa. Dessa forma, é importante ressaltar a participação da mestrandia no Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, no qual tomou contato com a temática dos engenhos alagoanos.

O processo de construção desta dissertação foi acompanhado por distintas dificuldades. O principal contratempo foi em encontrar depoentes cujas lembranças se apresentassem importantes, para entender o que foram os engenhos no passado.

As diretrizes iniciais apontavam os depoimentos como a principal ferramenta de estudo, porém, a dificuldade de localização dos antigos moradores provocou o direcionamento do olhar para outras abordagens, que resultaram na dissertação aqui apresentada.

Entendendo-se que a memória é comunicada não apenas através da fala, mas também através da arte, da escrita, dos gestos e dos comportamentos, dessa forma, foram traçadas estratégias que resultaram na análise de alguns registros imagéticos de Frans Post e Vauthier, tomados enquanto memória material dos engenhos dos séculos XVII e XIX, respectivamente. Esta fase constituiu-se como um grande desafio, uma vez que a mestrandia não havia realizado processo

investigativo semelhante anteriormente, cujos resultados foram esboçados ao passo em que se aperfeiçoava o olhar a partir da iconografia.

O surgimento das usinas, como as novas indústrias açúcareiras, provocou dramáticas transformações no campo, inclusive em alguns casos, estabelecendo-se a partir dos terrenos dos antigos engenhos. Essa configuração trouxe profundas mudanças nas antigas estruturas, e depois o seu desaparecimento. Este fator se constituiu como um dos motivos que ocasionou o desencontro com antigos moradores, porém, contribuiu para entender o processo de conformação entre o passado e o presente, principalmente sobre as mudanças nas práticas cotidianas dos engenhos.

Foram apresentadas, ainda, questões sobre o engenho enquanto patrimônio, tratando em especial das manifestações populares, que incluíram o folguedo e a dança, executadas nos terreiros dos engenhos. Para tanto, é importante destacar que foi essencial a consulta ao acervo do Museu Théo Brandão de Antropologia e Folclore, cujo material está voltado para as produções populares. As imagens selecionadas para o capítulo 4 ajudaram na compreensão das informações colhidas na literatura, pois possibilitaram a sua complementação. Esta etapa foi concretizada recentemente e apresentou-se como bifurcadora, uma vez que o contato com os registros visuais do acervo do museu puderam sugerir outros temas de investigação, ao passo que instigaram a mestrandia a desenvolver outros trabalhos voltados para a cultura do Estado.

Espera-se que as pessoas se reconheçam e que haja maior entusiasmo sobre a temática dos engenhos, cuja relevância para Alagoas ainda se apresenta, nos dias de hoje, atualizadas nas extensas áreas tomadas pelas plantações de cana, bem como pelas dezenas de usinas distribuídas pelo Estado.

Os engenhos alagoanos podem ser distinguidos como patrimônio, semelhante ao que ocorre em Pernambuco, cujas características fabris tem sido substituídas adotando outros usos. Mesmo com significativas modificações, ou ainda, apresentando-se como conjuntos em aniquilamento, podemos prolongar as memórias dos engenhos de Alagoas, tarefa para a qual esta dissertação buscou contribuir.

REFERÊNCIAS

ACCIOLY, Maria Rocha Cavalcanti. *Fatos, Personagens, História de São Miguel dos Campos*. Sem editora, Brasília, 1992.

Album, Folgedos de Alagoas. Coleção folclórica da UFAL. Maceió: Imprensa Universitária da Unversidade Federal de Alagoas., 1977.

ALMEIDA, Eneida. *Aspectos teórico-metodológicos da reutilização do patrimônio industrial. Uma apreciação acerca do caso antigo matadouro municipal, atual sede da cenemateca brasileira*. São Paulo: Anais do Colóquio latino americano sobre a recuperação e preservação do patrimônio industrial, 2012.

ANDRADE, Manuel Correia de. *A terra e o homem no Nordeste*. São Paulo: Livraria e editora ciências humanas, 1980.

ANTONIL, André João. *Cultura e Opulência do Brasil por suas drogas e minas etc [1711]*. São Paulo: Edusp, 2007.

BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico ...* Vol. 3v. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1721.

BORBA FILHO, Hermilo. *Espetáculos populares do Nordeste*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/ Ed. Massangana, 2007.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRANDÃO, Théo. *Folgedos Natalinos*. Maceió: Serviços Gráficos de Alagoas S.A., 1973.

—. *O reisado alagoano*. Maceió: EDUFAL, 2007.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. São Paulo: Global, 2002.

DEL PRIORE, Mary Lucy. *Festas e utopias no Brasil colonial*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. *O bangüê nas Alagoas: traços da influência do sistema econômico do engenho de cana de açúcar na vida e na cultura regional*. Maceió: EDUFAL, 2006.

—. *O engenho de açúcar no Nordeste*. Maceió: EDUFAL, 2006.

DUARTE., Abelardo. *Folclore negro dsa Alagoas: áreas de cana-de-açúcar: pesquisa e interpretação*. Maceió: EDUFAL, 2010.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 2000.

FREYRE, Gilberto. *Açúcar: uma sociologia do doce, com receitas de boblo e doces do Nordeste do Brasil*. São Paulo: Global, 2007.

—. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo: Global, 2006.

GAMA, Ruy. *Engenho e Tecnologia*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1983.

GOMES, Geraldo. *Engenho e arquitetura*. Recife: Fundaj/ Ed. Massangana, 2006.

HEREDIA, Beatriz Maria Alásia de. *Formas de dominação e espaço social: a modernização da agroindústria canavieira em Alagoas*. São Paulo: Marco Zero, 1989.

—. *A morada da vida: trabalho familiar de pequenos produtores do Nordeste do Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

NABUCO, Joaquim. *Minha formação*. São Paulo: Editora Martin Claret, 2004.

O registro do patrimônio imaterial. Dossiê final das atividades da Comissão e do Grupo de Trabalho Patrimônio Imaterial. Brasília: Ministério da Cultura/Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2006.

PAIVA, Marcelo Cardoso de. *Fabricando a cidade. São Bernardo do campo e o patrimônio industrial*. São Paulo: Anais do Colóquio Latino Americano sobre a Preservação do Patrimônio Industrial, 2012.

Patrimônio Cultural Imaterial. Para saber mais. Brasília: IPHAN, 2007.

PUDSEY, Cuthbert. *Diário de uma Estada no Brasil (1629-1640)*. Petrópolis: Index, 2000.

QUINTAS, Fátima(Org.). *A civilização do açúcar*. Recife: Sebrae/ Fundação Gilberto Freyre, 2007.

RÊGO, José Lins do. *Menino de engenho*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

ROCHA, Nadja Waleska Silva. “Théo Brandão, os estudos folclóricos e o campo do patrimônio no Brasil.” *Dissertação de Mestrado*. Rio de Janeiro: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), 2013.

SANT'ANA, Moacir Medeiros de. *Contribuição a história do açúcar em Alagoas*. Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos/ CEPAL, 2011.

SILVA, José Góes da. *O engenho bangüê (Memórias)*. Maceió: SERGASA , 1990.

VASCONCELOS FILHO, Marcos. *Manuel Diégues Júnior: o regional e o cultural*. São Paulo: Intermeios, 2012.

VAUTHIER, Louis Léger. *Arquitetura Civil I*. São Paulo: FAUUSP/ MEC IPHAN, 1975.

SITES

<http://engenhomassangana.wordpress.com/about/>. Acesso em 20 fevereiro de 2013.

<http://www.google.com/imgres?um=1&hl=pt-PT&client=firefox-a&sa=N&rls=org.mozilla:pt->

[BR:official&biw=1280&bih=594&tbm=isch&tbnid=8_lz7Xm3UGioyM:&imgrefurl=http://www.leituracritica.com/%3Fp%3D2863&docid=cp77UgVGtmU77M&imgurl=http://www.leituracritica.com/wcontent/uploads/2012/04/EngenhoGoiana1.jpg&w=800&h=533&ei=2VEIUfOqCcuq0AHlioDoDA&zoom=1&ved=1t:3588,i:118&iact=rc&dur=995&sig=104646848609755461236&page=1&tbnh=183&tbnw=275&start=0&ndsp=15&tx=94&ty=91](http://www.leituracritica.com/%3Fp%3D2863&docid=cp77UgVGtmU77M&imgurl=http://www.leituracritica.com/wcontent/uploads/2012/04/EngenhoGoiana1.jpg&w=800&h=533&ei=2VEIUfOqCcuq0AHlioDoDA&zoom=1&ved=1t:3588,i:118&iact=rc&dur=995&sig=104646848609755461236&page=1&tbnh=183&tbnw=275&start=0&ndsp=15&tx=94&ty=91). Acesso em 20, fevereiro de 2013

CD ROM

JERÔNIMO, Cristian, ACCETTI, Fátima, LISBOA, Nilza. *Cultura do açúcar*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco. 1 CD-ROM